

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

LUCIANA CRISTINA DE SOUSA RIBEIRO

**VARIAÇÃO PRONOMINAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL: *NÓS* E A
GENTE NA CIDADE DE GOIÁS**

GOIÁS
2020

LUCIANA CRISTINA DE SOUSA RIBEIRO

**VARIAÇÃO PRONOMINAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL: *NÓS* E A
GENTE NA CIDADE DE GOIÁS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade como requisito para conclusão do curso e obtenção do título de Mestre em Língua e Interculturalidade.

Linha de pesquisa: Estudos de Língua e Interculturalidade
Orientadora: Profa. Dra. Marília Silva Vieira.

GOIÁS
2020

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina
Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

R484v Ribeiro, Luciana Cristina de Sousa.
Variação pronominal de primeira pessoa do plural : nós e a gente na Cidade de Goiás [manuscrito] / Luciana Cristina de Sousa Ribeiro. – Goiás, GO, 2020.
127f.

Orientador: Profa. Dra. Marília Silva Vieira
Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2020..

1. Linguística. 1.1. Sociolinguística criacionista.
1.2. Variação pronominal. 2. Cidade de Goiás.
I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

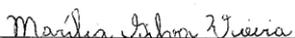
CDU: 81'27(817.3)

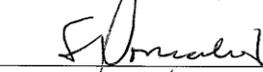
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu
UEG CÂMPUS CORA CORALINA
Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000
Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

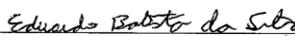
ATA DE EXAME DE DEFESA 01/2019

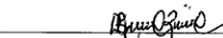
Aos vinte e três dias do mês de novembro de dois mil e dezenove às oito horas, na Universidade Estadual de Goiás, no Câmpus Cora Coralina – Goiás-GO, realizou-se a Defesa da Dissertação de Mestrado de **Luciana Cristina de Sousa Ribeiro**, com o trabalho intitulado “Variação pronominal de primeira pessoa do plural: nós e a gente na Cidade de Goiás”. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores doutores: Marília Silva Vieira (Presidente) – POSLLI/UEG, Sebastião Carlos Leite Gonçalves – UNESP, Eduardo Batista da Silva – POSLLI/UEG. Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pela mestranda e sua orientadora. Em seguida, a banca examinadora reuniu-se sem a presença da mestranda e do público para proceder à avaliação da defesa da dissertação. Reaberta a sessão, a presidente da banca examinadora, Profa. Dra. Marília Silva Vieira proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi aprovada, seguindo o prazo de 60 dias para a entrega da versão final. Cumpridas as formalidades de pauta, às 11h36min a presidência da mesa encerrou esta sessão e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, segue assinada pelos membros da banca examinadora e mestranda em duas vias de igual teor.

Goiás (GO), vigésimo terceiro dia do mês de novembro do ano de dois mil e dezenove.


Profa. Dra. Marília Silva Vieira
POSLLI/UEG


Prof. Dr. Sebastião Carlos Gonçalves Leite
UNESP


Prof. Dr. Eduardo Batista da Silva
POSLLI/UEG


Luciana Cristina de Sousa Ribeiro
mestranda

Aos meus pais, Lázaro e Vatildes, que sonharam este sonho comigo.
Ao meu irmão, Gustavo, em memória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Valtildes e Lázaro, pelo incentivo, carinho, cuidado e também por me ajudarem na busca pelos informantes em todos os cantos de Goiás. O cuidado, especialmente nas madrugadas de escrita e nas maiores dificuldades. Obrigada por acreditar sempre em mim (muitas vezes mais do que eu mesma).

À minha família que, além do carinho e cuidado, também me ajudou muito com a seleção de informantes. Meus tios Valdemar, Vismar e minhas tias Ana Maria, Lourdes e Valdomira (tia Bila). Aos meus primos queridos, Charles, Elysângela, Luana e Rejane, que, mesmo distantes fisicamente, me mandaram sempre mensagens de apoio e confiança. E por me tirarem da “toca” sempre que podiam para um vinho regado a boas risadas!

Aos amigos e às amigas que foram essenciais nessa caminhada, sempre me fazendo acreditar que tudo ia dar certo e torcendo pelo meu sucesso. Sem citar nomes para não esquecer ninguém, agradeço aos amigos e às amigas que também me ajudaram com a seleção de informantes para a pesquisa.

Agradeço também aos informantes que toparam participar das entrevistas. Obrigada de coração!

Aos colegas do Instituto Federal de Goiás - Câmpus Cidade de Goiás que caminharam comigo durante todo o período do mestrado. Alguns deles, que se tornaram verdadeiros amigos, levarei sempre por perto: Ana Clara, Claudia, Euzamar, Fabrício, Gabriela, Laís, Lorena, Lucas, Mara, Rita, Ruslana. Ao Professor Sandro de Lima, Diretor do IFG Câmpus Cidade de Goiás, e ao Lucas, meu colega e atual chefe imediato, agradeço pela compreensão e organização dos meus horários de trabalho de acordo com as necessidades de ausência e estudo.

À minha querida turma do POSLLI, agradeço pela amizade, pelas discussões científicas, humorísticas e filosóficas. Essa turma de mulheres alegres e determinadas! Desejo muito sucesso para todas! Especialmente agradeço por poder compartilhar angústias, dúvidas e os “sofrimentos diários” com Aline Moreira, Camila Capparelli, Jaqueline Fonseca, Jacqueline de Jesus, Kyssila Melo, Michely Avelar e Sueli Paiva.

Agradeço ao Cleiton e à Patrícia, com quem compartilhei os momentos de orientação e que se tornaram parceiros nas pesquisas.

Agradeço aos servidores administrativos da UEG – Câmpus Cora Coralina que sempre me receberam com sorriso no rosto e com prontidão em ajudar sempre que foi preciso. À Ingrid e Michely, agradeço pela ajuda em resolver as burocracias e pelas conversas divertidas.

Aos meus professores da UEG, que tanto contribuem no aprimoramento do conhecimento e também no espelho da profissão docente. Levo um pouquinho de

cada um/a para a minha construção/formação enquanto docente: Déborah Barros, Eduardo Silva, Hélivio Frank, Luana Luterman, Marília Vieira, com os quais tive maior proximidade em aulas, estágio e também em momentos de estudo e reflexões.

À banca de qualificação, presidida por minha orientadora, Professora Marília Vieira, e composta pelo Professor Eduardo Silva e pela Professora Rosângela Villa (UEMS - Câmpus Pantanal), agradeço por aceitarem o convite e também pelas respectivas contribuições em meu trabalho.

À banca composta para a defesa, Professor Sebastião Gonçalves (UNESP – São José do Rio Preto) e Professor Eduardo Silva, agradeço por aceitarem participar e dar suas contribuições neste trabalho.

À minha orientadora, Professora Marília Vieira, que me ensinou e ensina sempre. Minha eterna gratidão por me apresentar à Sociolinguística. De fato, a sua orientação, dedicação, paciência e parceria fizeram toda a diferença nesse período. Levo o seu exemplo de ser docente para a minha construção profissional.

Agradeço a Deus, que é Pai-Mãe, que zela com amor e me concedeu sabedoria, discernimento e paciência para chegar até aqui.

O sonho é que leva a gente para a frente. Se a *gente* for seguir a razão, fica
aquietado, acomodado.¹

¹ Trecho de entrevista do autor Ariano Suassuna à Revista Fórum, em 2005. A entrevista foi novamente publicada pela revista em julho de 2014, ano em que o autor faleceu. Texto disponível em: <https://bit.ly/2kzqw7K>. Acesso em: 3 set. 2019.

RESUMO

RIBEIRO, Luciana Cristina de Sousa. **Varição pronominal de primeira pessoa do plural: *nós* e *a gente*** na Cidade de Goiás. 2019. 127 f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2019.

A variação dos pronomes-sujeito *nós* e *a gente* já foi objeto de estudo de várias pesquisas de cunho variacionista no âmbito do Português Brasileiro (doravante PB) (LOPES, 1998, 2003a, 2003b, 2004, 2007; RUBIO, 2011; SOUZA; BOTASSINI, 2009; ZILLES, 2007 e outras), especialmente por terem verificado a inserção da forma *a gente* figurando como alternativa a *nós*. O estudo está centrado na teoria da Sociolinguística Variacionista Laboviana (LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), bem como nos pressupostos acerca da gramaticalização clássica, com intuito de compreender o processo de cristalização do substantivo *gente* até a forma pronominal *a gente*, pautando-se, ainda, nos estudos de variação de ambas as variantes (CASTILHO, 1997, 2016; LOPES, 1998, 2003a, 2003b, 2004; VIANNA; LOPES, 2015, dentre outros). Partindo dessa temática, a presente pesquisa pretende investigar a variação pronominal de primeira pessoa do plural na comunidade de fala da Cidade de Goiás, objetivando compreender a influência dos aspectos linguísticos e sociais no uso das formas. Para a análise, foram selecionados vinte e quatro informantes, de duas amostras diferentes, estratificados por sexo e faixa etária. Doze entrevistas foram extraídas do banco de dados do Grupo de Estudos Funcionalistas (GEF/UFG), da Universidade Federal de Goiás, do seguinte modo: 6 informantes de cada sexo (3 em cada perfil etário), divididos em duas faixas etárias (25 a 43 anos e 44 anos acima); e outras doze entrevistas realizadas recentemente, constituindo o banco de dados Sociolingo, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, também com 6 informantes de cada sexo (3 em cada perfil etário), com faixa etária entre 25 e 40 anos e 41 a 60 anos. Os informantes, em sua maioria, são nascidos na cidade ou vieram residir no local com até 2 anos de idade e têm entre zero e quatro anos de escolaridade. Com o auxílio do programa GoldVarb X, os dados foram tratados estatisticamente. Para tanto, optou-se por realizar três rodadas principais: a primeira, com a junção de todos os dados (*Corpus* GEF/UFG e Sociolingo). Em seguida, foram realizadas mais duas rodadas, uma para cada amostra em separado, realizando, assim, uma análise em tempo real, a partir de um estudo de tendência (*trend study*). Desse modo, os resultados apontaram duas situações diversas: no primeiro *Corpus*, constituído com as entrevistas do GEF/UFG, o uso de *nós* é mais frequente. Já nos dados obtidos nas entrevistas do Sociolingo, o pronome *a gente* se sobressai. Em razão disso, pode-se aventar que, assim como no PB, a forma pronominal *a gente*, no âmbito da fala dos vilaboenses, encontra-se em um processo de mudança linguística, o que não faz com que *nós* esteja caindo em desuso, o que configura uma variação estável.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Gramaticalização. Cidade de Goiás.

ABSTRACT

RIBEIRO, Luciana Cristina de Sousa. **First Person Plural Variation: *nós* and *a gente*** in the town of Goiás. 2019. 127 p. Dissertation (Masters in Language, Literature and Interculturality) - Cora Coralina, State University of Goiás, Goiás, 2019.

The subject pronoun variation *nós* and *a gente* has already been studied by many variationist researchers in the area of Brazilian Portuguese (henceforth BP) (LOPES, 1998, 2003a, 2003b, 2004, 2007; RUBIO, 2011; SOUZA; BOTASSINI, 2009; ZILLES, 2007 among others) specially for having verified the insertion of the form *a gente* as a substitute for we. This study is based on the theory of Labov's Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), as well as on the assumptions about classical grammaticalization with the goal to understand the crystallization process of the noun *gente* until the pronominal form *a gente*, still based on studies of variation of both forms, (CASTILHO, 1997, 2016; LOPES, 1998, 2003a, 2003b, 2004; VIANNA; LOPES, 2015, among others). Based on this theme, the present research intends to investigate the first person plural pronominal variation in the speech community of the town of Goiás, aiming at understanding the influence of linguistic and social aspects in the use the forms. For the analysis, twenty-four informants, of two different samples, stratified by gender and age group, were selected. Twelve interviews were extracted from the database of the Functionalist Studies Group (GEF / UFG), Federal University of Goiás, as follows: 6 informants of each sex (3 in each age profile), divided into two age groups (25 to 43 years and 44 years and above); and other 12 interviews were recently conducted, constituting the Sociolinco database, linked to the Study and Research Group on Sociolinguistics of the State University of Goiás, Campus Cora Coralina, also with 6 informants of each gender (3 in each age profile), with ages between 25 and 40 years and 41 and 60 years. Most informants are born in the town or came to live in the place up to 2 years of age and have between zero and four years of schooling. With the aid of the GoldVarb X program, the data were treated statistically. For this, it was decided to perform three main rounds: the first, with the joining of all data (Corpus GEF/UFG and Sociolinco). Then, two more rounds were performed, one for each separate sample, thus performing a real-time analysis, based on a trend study. Thus, the results pointed to two different situations: in the first corpus, constituted with the GEF/UFG interviews, the use of *nós* is more frequent. While in the data obtained in the Sociolinco interviews, the pronoun *a gente* stands out. For this reason, it may be pointed out that, just as in BP, the pronominal form *a gente*, in the context of the vilaboense speech, is in a process of linguistic change, which does not cause *nós* to fall into disuse, which configure it as a stable variation.

Key-Words: Variationist Sociolinguistics. Grammaticalization. Goiás Town.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Falares do Brasil por Antenor Nascentes (1920)	23
Figura 2 – Representação da redução da morfologia verbal.....	34
Figura 3 – Pronomes Pessoais do PB – Castilho (2016)	35
Figura 5 – Localização da Cidade de Goiás no mapa do Estado de Goiás	59
Figura 6 - Vista do centro histórico.....	60
Figura 7 - Procissão do Fogaréu Cidade de Goiás	61
Figura 8 - Museu Casa de Cora Coralina	61
Figura 9 – Tela de codificação dos dados no GoldVarb X	71
Figura 10 – Tela de resultados do GoldVarb X	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pronomes pessoais – Câmara Jr. (2001)	32
Quadro 2 – Pronomes pessoais – Câmara Jr. (2001)	32
Quadro 3 – Pronomes pessoais – Perini (1985).....	33
Quadro 4 – Pronomes pessoais – Bechara (2004)	33
Quadro 5 – Informantes Corpus GEF/UFG	65
Quadro 6 – Informantes Corpus Sociolinco.....	65
Quadro 7 – Codificação dos dados para a pesquisa.....	69
Quadro 8 – Grupos de fatores.....	74
Quadro 9 – Ordem dos fatores na rodada do GoldVarb X	75
Quadro 10 – Amostra Educação Censo 2010	82
Quadro 11 – Codificação dos dados na categoria Tempo Verbal	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequência de uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variedade vilaboense	95
Tabela 2 – Frequência Tipo de Sujeito (<i>Corpus</i> GEF/UFG e Sociolinco).....	96
Tabela 3 – Referência do sujeito (<i>Corpus</i> GEF/UFG e Sociolinco).....	97
Tabela 4 – Frequência/PR Tempo Verbal (<i>Corpus</i> GEF/UFG e Sociolinco)	101
Tabela 5 – Cruzamento de dados Faixa Etária e Sexo/Gênero (<i>Corpus</i> GEF/UFG e Sociolinco).....	103
Tabela 6 – Fator sexo/gênero no uso da variante <i>a gente</i> (MATTOS, 2013).....	103
Tabela 7 - Frequência de uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em duas amostras da variedade vilaboense em tempo real de curta duração	105
Tabela 8 – Frequência/PR Referência do Sujeito (<i>Corpus</i> GEF e Sociolinco – <i>comparativo</i>).....	107
Tabela 9 – Tempo Verbal com PR (<i>Corpus</i> GEF/UFG)	108
Tabela 10 – Tempo Verbal com PR (<i>Corpus</i> Sociolinco)	109
Tabela 11 – Variável sexo/gênero (<i>Corpus</i> GEF e Sociolinco – <i>comparativo</i>).....	111
Tabela 12 – Variável faixa etária (<i>Corpus</i> GEF e Sociolinco – <i>comparativo</i>).....	113

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALINGO	Atlas Linguístico de Goiás
AMG	Amostra Goiás
GEF	Grupo de Estudos Funcionalistas
GO	Goiás
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LABOLINGGO	Laboratório de Língua de Goiás
NURC	Norma Linguística Culta Urbana
P1	Primeira Pessoa do singular
P2	Segunda Pessoa do singular
P3	Terceira Pessoa do singular
P4	Primeira Pessoa do plural
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PEUL	Programa de Estudos sobre o Uso da Língua
UEG	Universidade Estadual de Goiás
UFG	Universidade Federal de Goiás
VARSUL	Varição Linguística Urbana na Região Sul do Brasil

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
1.1	Sobre a fala goiana e os seus aspectos de variação	22
1.2	Breves considerações sobre a ditongação ocorrida em <i>nóis</i>	26
2	VARIAÇÃO DOS PRONOMES-SUJEITO <i>NÓS</i> E A <i>GENTE</i> NA VISÃO DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	28
2.1	<i>A gente</i>	29
2.2	Quadro pronominal do Português Brasileiro	31
2.3	Nós e a gente no Português Brasileiro	36
2.3.1	<i>Intercambialidade com o pronome nós</i>	36
2.3.2	<i>Aspectos sobre a concordância dos pronomes de primeira pessoa e a avaliação social</i>	39
2.4	Sociolinguística Variacionista: aspectos teóricos	41
2.4.1	<i>Sociolinguística Variacionista (ou Sociolinguística Quantitativa)</i>	41
2.4.2	<i>Sobre a identificação das formas variantes</i>	46
2.5	Algumas observações sobre o processo de gramaticalização da forma <i>a gente</i> segundo a visão funcionalista	47
2.6	Sobre o valor de verdade: as visões de Labov e Lavandera	51
3	CORPUS E METODOLOGIA	55
3.1	Breves considerações sobre a Pesquisa quantitativa e o levantamento de dados	56
3.2	Banco de dados GEF	57
3.3	Contextualização da comunidade de fala vilaboense	58
3.4	Constituindo as amostras de fala	64
3.5	Roteiro para as entrevistas	66
3.6	Coleta de dados: áudios	67
3.7	Transcrições	68
3.8	Estratificação e codificação dos dados	68
3.9	Análise quantitativa dos dados: o programa GoldVarb X	70
3.9.1	<i>Sobre as rodadas de dados no GoldVarb X com as duas amostras</i>	73
3.10	Estudo de tendência (<i>trend study</i>)	75

4	HIPÓTESES E APRESENTAÇÃO DAS VARIÁVEIS SOCIAIS E LINGUÍSTICAS	77
4.1	Variáveis sociais	77
4.1.1	<i>Sexo/Gênero</i>	78
4.1.2	<i>Escolaridade</i>	80
4.1.2.1	Dados sobre escolaridade na Cidade de Goiás de acordo com o Censo.....	81
4.1.3	<i>Faixa etária</i>	83
4.2	Variáveis linguísticas	85
4.2.1	<i>Tipo de sujeito</i>	85
4.2.1.1	<i>Nós explícito</i>	86
4.2.1.2	<i>Nós explícito seguido de implícito</i>	87
4.2.1.3	<i>A gente explícito</i>	87
4.2.1.4	<i>A gente explícito seguido de implícito</i>	87
4.2.2	<i>Referência do sujeito</i>	88
4.2.2.1	Referente específico	88
4.2.2.2	Referente genérico	89
4.2.2.3	Valor impessoal	90
4.2.3	<i>Tempo verbal</i>	92
5	ANÁLISE DOS DADOS	94
5.1	Análise geral da junção dos dados dos corpora: variáveis linguísticas	94
5.1.1	<i>Tipo de sujeito</i>	95
5.1.2	<i>Referência do sujeito</i>	96
5.1.3	<i>Tempo verbal</i>	101
5.2	Análise geral da junção dos dados dos corpora: variáveis sociais	103
5.3	Análise em tempo real: estudo de tendência (<i>trend study</i>) com as variáveis linguísticas	105
5.3.1	<i>Tipo de sujeito</i>	106
5.3.2	<i>Referência do sujeito</i>	107
5.3.3	<i>Tempo verbal</i>	108
5.4	Análise em tempo real: estudo de tendência (<i>trend study</i>) com as variáveis sociais	110

5.4.1	<i>Sexo/gênero</i>	111
5.4.2	<i>Faixa etária</i>	112
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
	REFERÊNCIAS	118
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	126
	ÍNDICE REMISSIVO	128

1 INTRODUÇÃO

A Cidade de Goiás está situada na região Noroeste do Estado de Goiás, cerca de 130 quilômetros da capital Goiânia. A cidade, que já foi chamada de Vila Boa de Goyaz, cunhou o gentílico vilaboense. Os traços urbanísticos e arquitetônicos estão preservados desde a época de sua fundação. Dessa maneira, o município, que, em 2001, foi considerado pela Unesco Patrimônio Mundial, preserva seu casario, em meio às ruas de pedra.

Por falar em preservação, os vilaboenses buscam a manutenção de suas tradições culturais e religiosas, de seu jeito simples e do ar pacato de cidade interiorana em seus costumes.

Em meio a esse cenário, optou-se por eleger a Cidade de Goiás como comunidade de fala para um estudo sociolinguístico de cunho variacionista. O presente trabalho versa sobre a variação de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente*, na função de sujeito, na fala de informantes da Cidade de Goiás-GO.

O fenômeno escolhido para esta pesquisa é bastante explorado em estudos variacionistas no PB, no entanto, não se tem conhecimento de estudo sobre o mesmo na comunidade de fala da Cidade de Goiás. Dessa maneira, o estudo se justifica e pretende contribuir com a ampliação dos estudos acerca do quadro pronominal do Português Brasileiro, assim como propõe conhecer mais a fundo a variedade de fala goiana e vilaboense.

Outrossim, o trabalho ainda poderá contribuir com os estudantes da graduação na área da Sociolinguística, professores e pessoas com interesse no tema, já que faz um apanhado geral sobre a teoria e alguns estudos sobre a variação pronominal.

Comunidade de fala, segundo Guy (2002), deve ser compreendida como uma unidade social que tem duas aplicabilidades dentro da Sociolinguística:

Fornece, em primeiro lugar, uma base fundamentada para explicar a distribuição social de semelhanças e diferenças linguísticas, a razão por que certos grupos de falantes compartilham traços linguísticos que os distinguem de outros grupos de falantes. Em segundo lugar, a noção de comunidade de fala fornece uma justificativa teórica para unir os idioletos de falantes individuais (que são os únicos objetos linguísticos cuja existência se pode realmente observar), em objetos maiores, as línguas (que são, na verdade, construções abstratas). (GUY, 2002, p. 18).

Severo (2008, p. 2) salienta que “a elaboração desse conceito nas pesquisas sociolinguísticas data da década de 1960 (PATRICK, 2004)” e que, “portanto, para a sociolinguística, a *comunidade de fala*, e não o indivíduo ou a língua, é a unidade de estudo”.

Objetiva-se com a presente pesquisa estudar a variação pronominal de primeira pessoa do plural, na função de sujeito na comunidade de fala da Cidade de Goiás, a fim de compreender como atuam as variáveis sociais e linguísticas no uso das formas variantes.

Com base nos resultados dessas pesquisas, aventa-se, nesta dissertação, a hipótese que a forma pronominal *a gente*, considerada inovadora, esteja em um avançado processo de mudança linguística, intercambiando com *nós*, pronome padrão. Ressalte-se que, mesmo que o pronome *a gente* esteja, de fato, sendo utilizado pelos moradores vilaboenses, as duas formas continuam a ser utilizadas.

Várias pesquisas variacionistas no âmbito do Português Brasileiro já identificaram o processo de inserção da forma *a gente* no paradigma pronominal do PB, concorrendo com o pronome *nós*, como já constataram Alban e Freitas (1991), Souza e Botassini (2009), Mattos (2013), dentre tantos outros.

Vianna e Lopes (2015) procederam a um levantamento sobre as pesquisas variacionistas que analisaram a variação de *nós* e *a gente* no PB. Segundo essas autoras (2015), o fenômeno de variação em primeira pessoa do plural “pode ser caracterizado como um processo de mudança linguística, no qual, gradativamente, a forma inovadora tem ocupado os espaços da mais antiga”. (VIANNA; LOPES, 2015, p. 109).

Assim, no interstício dos últimos trinta anos, Vianna e Lopes (2015) levantaram um vasto acervo das pesquisas sobre as formas pronominais aqui estudadas. No estado de Goiás, essas mesmas autoras (2015) identificaram duas pesquisas variacionistas sobre os pronomes de primeira pessoa do plural. Mattos (2013, 2017) trabalhou com informantes de vinte cidades goianas (entre as quais não há informantes da Cidade de Goiás). Já a pesquisa de Muniz (2007 apud VIANNA; LOPES, 2015) estabeleceu uma comparação entre uma comunidade urbana do município de Jaraguá e o centro urbano de Goiânia.

Dessa maneira, para constituir o *Corpus*² dessa pesquisa, foram utilizadas duas amostras.

O *Projeto Português Contemporâneo Falado em Goiás - “Fala goiana”*, desenvolvido por professores e pesquisadores do Grupo de Estudos Funcionalistas, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, constituiu um banco de dados com entrevistas realizadas com informantes de Goiânia e da Cidade de Goiás. Logo, a partir desse banco de dados, optou-se pela utilização das entrevistas realizadas com os informantes vilaboenses. No total, foram extraídas doze entrevistas desse banco de dados, realizadas entre os anos de 2003 e 2004. Para efeito de identificação, o *corpus* será denominado nas citações como *GEF/UFG* (ou simplesmente, *GEF*).

Com a finalidade de complementar a amostra do *GEF/UFG*, foram gravadas outras doze entrevistas, também com informantes da Cidade de Goiás. O perfil dos informantes ora estabelecido para as entrevistas recentes foi bastante semelhante ao do banco de dados do *GEF*: informantes nascidos na comunidade, com baixa escolaridade (média de zero a quatro anos de frequência à escola), que, ao final, totalizaram vinte e quatro informantes, estratificados em faixa etária e sexo/gênero. Para a análise dos fatores linguísticos, foram estabelecidos três eixos principais: *tipo de sujeito*, *referência do sujeito* e *tempo verbal*. A identificação do *corpus* ora citado será *Sociolingo*, considerando sua vinculação ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

A base teórica da pesquisa está centrada nos estudos da Teoria Variacionista orientados pelos estudos de William Labov (1978, 1991, 2008), Weiner e Labov (1983), Weinreich, Labov e Herzog (2006). O aporte teórico de Lavandera (1978, 1984) e Weiner e Labov (1983) auxiliou a discussão sobre valor referencial (ou valor de verdade) das formas alternantes. Para as análises estatísticas, contou-se com apoio dos estudos de Tagliamonte (2006) e Guy e Zilles (2007).

Para auxiliar a compreensão do processo de gramaticalização do substantivo *gente* para o pronome *a gente*, recorre aos estudos da gramaticalização clássica de

² Optou-se pela grafia *corpus*, sem acentuação e utilizando itálico, considerando a consulta ao Dicionário Michaelis (2015) e ao Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – VOLP (2009). Em ambas as plataformas digitais, é atribuída a grafia sem acentuação, sendo a palavra considerada como estrangeirismo.

Hopper (1991), Heine (2003) e Halliday (2004), bem como à gramática funcional de Neves (2004).

Já no apoio à gramática, especialmente no que tange ao quadro pronominal do PB e nas questões relacionadas ao sujeito, consideram-se os trabalhos de Ali (1931), Perini (1985), Bechara (2004, 2009) e Castilho (1997a, 1997b, 1999, 2016).

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos, nos quais serão expostas as observações acerca dos estudos variacionistas, discutidas as teorias vinculadas ao tema proposto e apresentados os resultados.

O Capítulo 2, intitulado *Variação dos pronomes-sujeito nós e a gente na visão da Sociolinguística Variacionista*, apresenta os principais aspectos da teoria variacionista, orientada pelos estudos labovianos. Também demonstra a mudança no quadro pronominal do Português Brasileiro, especialmente voltada para a inserção de *a gente* como forma pronominal de primeira pessoa do plural. Ainda nesse capítulo, são dedicadas algumas seções para a compreensão do processo de inserção e gramaticalização do substantivo *gente* para a forma pronominal *a gente*. Há também nesse capítulo discussão sobre o valor referencial (ou valor de verdade) de fenômenos alternantes, empreendida por Weiner e Labov (1983), Lavandera (1978, 1984) e também Labov (1978).

Já no Capítulo 3, *Corpus e Metodologia*, são apresentados aspectos da coleta de dados, desde a seleção dos informantes, roteiro das entrevistas, seleção das amostras e estratificação dos dados até aos procedimentos inerentes à pesquisa sociolinguística proposta. A metodologia de coleta dos dados seguiu parâmetros muito semelhantes à coleta realizada pelo GEF/UFG. Neste capítulo também é apresentada com maiores detalhes a comunidade de fala escolhida, a Cidade de Goiás.

O Capítulo 4, intitulado de *Hipóteses e apresentação das variáveis sociais e linguísticas*, trata de apresentar as variáveis sociais e linguísticas estabelecidas para realizar a análise dos dados coletados.

O Capítulo 5, *Análise dos dados*, apresenta o panorama geral dos dados coletados, bem como a análise qualitativa dos mesmos. O tratamento estatístico e sua análise também está descrita neste capítulo. Como se trata de duas amostras

distintas³, foram realizadas várias rodadas de dados no programa GoldVarb X, mas três especialmente mencionadas, que são: análise dos dados de ambas as amostras (*Corpus* GEF/UFG e *Corpus* Sociolinco/UEG); posteriormente, mais duas rodadas, cada uma com os dados extraídos de cada *Corpus*.

Por fim, são apresentadas as considerações finais após a exposição dos resultados. A análise de ambos os *Corpora* permitiu verificar que, de fato, a forma inovadora *a gente* encontra-se em processo de mudança linguística na fala da Cidade de Goiás. No interstício temporal observado entre as duas amostras, que é de mais ou menos quinze anos, é notável o crescente uso do novo pronome de forma intercambiada com a forma mais antiga, *nós*.

1.1 Sobre a fala goiana e os seus aspectos de variação

O Brasil é um país bastante diverso, especialmente nos aspectos culturais, religiosos, nas suas paisagens, dentre outros. Mas é preciso lembrar um outro ponto, que é a língua. As variedades do PB também são diversas e possuem características muito diferentes, mas que não chegam a comprometer a intercomunicação entre falantes de diferentes regiões. Quanto a isso, Ilari e Basso (2017) mencionam que, se comparado às variações das línguas faladas na Europa, “o Brasil fala uma língua muito uniforme em todo o seu território; a variação não afeta aspectos substanciais do sistema fonológico e sintático da língua” (p. 160).

Os mesmos autores lembram que é importante pensar sobre a variação regional e como, no âmbito do Brasil, é possível reconhecer a “procedência geográfica das pessoas pela maneira como falam”. (2017, p. 160).

Esses diversos falares do PB chamaram a atenção de vários pesquisadores, especialmente na primeira metade do século XX, quando trabalhos sobre as variedades regionais são publicados. Ilari e Basso (2017) citam esses trabalhos: *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1920); *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes (1922); *A linguagem dos cantadores*, de Clóvis Monteiro (1934); *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (1938); *Alguns aspectos da fonética sul-riograndense*, de Elpídio

³ Como se trabalha com duas amostras que possuem um lapso temporal em sua coleta de dados, de mais ou menos quinze anos, verificou-se a possibilidade de realizar um estudo de tendência (ou *trend study*), com base nos estudos de Labov (1994). Adiante, neste trabalho, será possível consultar uma seção sobre o estudo de tendência.

Ferreira Paes (1938); *O falar mineiro e Os estudos de dialetologia portuguesa*, de José Aparecido Teixeira (1944), sendo esta última sobre Goiás. (AMARAL, 1920; NASCENTES, 1922; MONTEIRO, 1934; MARROQUIM, 1938; PAES, 1938; TEIXEIRA, 1944 apud ILARI; BASSI, 2017, p. 170).

Dentre essas pesquisas, a que ganhou destaque, por ser o primeiro esboço geolinguístico de variedades do PB, é a de Antenor Nascentes (1920), resumida na figura abaixo.

Figura 1 – Falares do Brasil por Antenor Nascentes (1920)



Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 700)⁴

O Estado de Goiás, à época da pesquisa realizada por Nascentes (1920), tinha, ainda, um território bastante extenso. Apenas no final dos anos 80 é que o estado foi dividido em sua porção norte, dando origem a Tocantins. Portanto, o que se visualiza na figura 1 é que o Estado de Goiás era recortado por três falares: incaracterístico, baiano e sulista.

As características descritas pelo autor na sua divisão dos falares do PB estão, de fato, desatualizadas, considerando o tempo e as mudanças que ocorreram nas regiões do país, conforme explicam Ilari e Basso (2017):

⁴ Disponível em: <https://alib.ufba.br/divisao-dialetal>. Acesso em: 10 set. 2019.

as informações que temos desmentem a uniformidade do nordestino e do sulista, e o fenômeno que ele chamou intuitivamente de ‘cadência’ seria provavelmente explicado em termos mais exatos, por exemplo, como uma diferença no modo de obter isocronia na fala. Mas o que realmente tornou desatualizado o mapa de Nascentes foram as profundas mudanças ocorridas no país: hoje, outros pontos de referência seriam usados para traçar a linha Macuri-Mato Grosso, que passa a poucos quilômetros de Brasília; não há mais ‘territórios incaracterísticos’, mas sim territórios que sofreram rápidas transformações, e foram alvo de uma migração interna às vezes descontrolada. (p. 170-171).

Essas mudanças ocorreram em vários aspectos da sociedade, inclusive pela modernização do estilo de vida, o avanço das tecnologias, a facilidade de mobilidade entre os mais diversos lugares pelas pessoas.

O estado de Goiás, por exemplo, passou por várias dessas mudanças. É visível que a modernização, as tecnologias, chegaram ao centro do país. Contudo, o seu modo de falar ainda é “manso, arrastado, tranquilo”. O falar goiano sempre é referido como falar caipira, em partes, pela presença do /r/ retroflexo e da queda do -r no final das palavras, como citam Ilari e Basso (2017), por exemplo. Do outro lado, essa menção ao universo caipira deve-se à cultura do campo, do sertanejo, que o estado preserva em suas raízes.

Nogueira e Silva (2017) criaram um dicionário de expressões e termos populares em Goiás, que valem a pena ser citados, pois auxiliam as pessoas que vêm ao estado e não conseguem algumas expressões/dizeres do português goiano.

- Catarina, menina, bebeu água no polaque? (exemplo nosso).
Alguém que **bebeu água no polaque**: Tagarela, fofoqueiro. (NOGUEIRA; SILVA, 2017, p. 12, grifo nosso).

- Ih, tô no sal! Ele descobriu tudo! (exemplo nosso).
Tá no sal: Estar dominado, sem saída. (NOGUEIRA; SILVA, 2017, p. 143, grifo nosso).

- Ouvi uns buxixos hoje lá no Centro. Tavam dizendo que a Maria do Zezim fugiu de casa, uai! (exemplo nosso).
Buxixo: Bagunça, boatos, intrigas. (NOGUEIRA; SILVA, 2017, p. 28, grifo nosso).

Outro expoente que representa bastante o cenário e a fala goiana é a música sertaneja. O universo sertanejo vem, ao longo dos anos, dando amostras da cultura

do campo, do interior. Uma música que tem, inclusive conexão com o tema aqui pesquisado é *nóis é jeca, mas é jóia*, composta por Xangai⁵.

Andam falando qui nóis é caipira
 qui nóis tem cara de milho de pipoca
 qui o nosso roque é dançar catira
 qui nossa flauta é feita de tabóca
 nóis gosta de pescar traíra
 ver as bichinha gemendo na vara
 nóis num gosta de mentira
 nóis tem vergonha na cara
 ver as bichinha chorando na vara
 nóis num gosta de mentira
 nóis tem vergonha na cara.

O trecho demonstrado acima, associa-se ao contexto dessa pesquisa, dada a variante de primeira pessoa do plural *nós*, ou seja, *nóis*. A variante não foi especificada no objeto da pesquisa, contudo, percebeu-se nas entrevistas o uso de *nóis* por várias vezes e pela maioria dos informantes.

Mattos (2013) fala sobre esse fenômeno em seu trabalho:

Em Goiás, casos de não concordância verbal com *nós* do tipo "depois *nois conversa*" não refletem desprestígio e são ouvidos nos mais variados ambientes e contextos sociais e ditos pelos mais variados níveis de escolarização na sociedade local, um comportamento linguístico também percebido e reportado por pessoas de outros estados da federação em visita a Goiás. (MATTOS, 2013, p. 15).

A variedade goiana é bastante plural, já que transita nos mais variados espaços/locais de fala e se tornou uma característica do povo goiano em acolher, fazer amizades, dar informações onde quer que esteja, com pessoas dos outros estados do país e estrangeiras, especialmente por seu modo cativo e calmo de falar.

Ainda quanto às pesquisas realizadas sobre a variedade de fala goiana, cabe citar o Laboratório da Língua de Goiás⁶ da Universidade Federal de Goiás, coordenado pelo Professor Sebastião Elias Milani. Entre os trabalhos objetivados pelo

⁵ Trecho extraído da música *Nóis é jeca, mas é jóia*, composta por Xangai. Disponível em: <https://bit.ly/2VIS7Y5>. Acesso em: 13 ago. 2019.

⁶ Outras informações acerca das pesquisas podem ser acessadas na página: <https://bit.ly/2APpNDW>. Acesso em: 12 set. 2019.

Laboratório está a construção de acervo audiovisual sobre a fala em Goiás e também a confecção do Atlas Linguístico do estado (ALINGO)⁷.

1.2 Breves considerações sobre a ditongação ocorrida em *nóis*

Conforme Aragão (2014), “a ditongação, ao que tudo indica, é um fenômeno essencialmente fonético causado por necessidades eufônicas, não tendo, assim, existência no sistema da língua, mas em sua realização na fala.” (p. 2091).

Em essência, não é objetivo deste trabalho falar sobre as questões fonológicas envolvidas no fenômeno estudado, contudo, julgou-se interessante mencioná-las aqui, considerando a percepção dessa ocorrência na fala dos informantes entrevistados.

Nesse caso é a percepção da realização de ditongação da vogal tônica ocorrida antes de -s, como acontece em *nóis* ao invés de *nós*.

Inf. mas não... **nóis** vivia sozinho... **nóis** passava dificuldade sozinho... ela comia as coisa na frente nossa num dava pra **nóis**... terrível terrível terrível... e no final da vida dela quem cuidô dela foi **nóis**... os neto que ela nunca gostô... (interessante)... (F, 31, [AMGf1F-001]).

Com a representação fonética:

Inf. mas não... [**nɔjs**] vivia sozinho... [**nɔjs**] passava dificuldade sozinho... ela comia as coisa na frente nossa num dava pra [**nɔjs**]... terrível terrível terrível... e no final da vida dela quem cuidô dela foi [**nɔjs**]... os neto que ela nunca gostô... (interessante)... (F, 31, [AMGf1F-001]).

Castilho (1999) fala sobre os estudos que levaram a reconhecer a essência do português brasileiro, diferenciando-o do português europeu. A ditongação acima exemplificada entra como característica fonológica do PB.

Santos e colegas (2014) compreendem a ditongação como uma ocorrência de natureza social e explicam o seguinte:

⁷ Sobre o Atlas Linguístico de Goiás, encontra-se disponível em: <https://bit.ly/339tsbO>. Acesso em: 12 set. 2019.

Embora a ditongação seja um fenômeno de natureza social, não tendo existência da língua, não quer dizer que ao longo da história não teve, já que há fonemas que chegam a um dado estado de língua moderna, totalmente modificada pelo tempo, subjacente à fala popular, do mesmo modo que o latim foi modificado na fala popular, as línguas neolatinas sofreram esse processo de mutabilidade. (p. 7-8).

Os autores (2014) ressaltam que estudar, em caráter diacrônico, a monotongação e a ditongação no português “é trazer à tona o fato de que a língua tem uma historicidade, que a perpassa”. (p. 15).

No que tange à fala goiana e, considerando as observações aqui mencionadas sobre a ditongação, cabe mencionar um trecho do trabalho de Mattos (2013), que traz a fala de um de seus informantes acerca da possibilidade de “erro” atribuída ao modo de falar goiano.

A autora reflete sobre essa noção do “erro” na fala de Goiás, quando um de seus informantes atribui a essa questão a consciência de identidade. Mattos (2013, p. 56) reproduz o seu informante: “Não, mas nois fala errado porque nois qué, porque, assim, nois é assim” e acrescenta que “o goiano entende sua diversidade como uma distinção positiva que garante a autenticidade da fala como local”.

Ainda pensando sobre esse assunto cabe citar a pesquisa de Silva (2015), que também pesquisou a monotongação e a ditongação (tema esse que tem sido bastante explorado). Silva (2015) explica que esses fenômenos são bastante recorrentes na fala e que, nesse contexto, não resultam em “consequências de qualquer natureza para os falantes”. (p. 25). Contudo, quando passam a vigorar na escrita, os processos tornam-se bastante estigmatizados.

Para concluir, vinculando o tema da seção à proposta da presente pesquisa, convém dizer que, os *corpora* foram constituídos por entrevistas gravadas e que só depois foram transcritas, o que denota, portanto, que foram observadas as ocorrências de *nóis* na fala desses informantes. E quando transcritas essas ocorrências não trouxeram consequências que pudessem dificultar a compreensão da fala em nenhum contexto. Do contrário, assim como afirma Mattos (2013) pode-se reafirmar que *nóis* é característica também da fala goiana, reconhecida como parte de sua identidade e pertencimento ao seu local de origem.

CAPÍTULO 2

2 VARIAÇÃO DOS PRONOMES-SUJEITO *NÓS* E *A GENTE* NA VISÃO DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Neste capítulo, serão apresentados aspectos atinentes à variação das formas *nós* e *a gente*, na posição sujeito, no contexto de usos do Português Brasileiro (PB). Nos excertos, percebe-se que as formas podem ser intercambiadas sem que se perca o sentido inicial. Em (1) e (2), se os pronomes *nós* ou *a gente* forem substituídos, não haverá prejuízo semântico à mensagem comunicada. Os dois exemplos são extraídos da fala de informantes da Cidade de Goiás:

Abaixo seguem dois exemplos extraídos a partir da fala de informantes da Cidade de Goiás:

- (1) mas não... **nós** vivia sozinho... **nós** passava dificuldade sozinho... ela comia as coisa na frente nossa num dava pra nós... terrível terrível terrível... e no final da vida dela quem cuidô dela foi nós... os neto que ela nunca gostô... (interessante)... (F, 31, [AMGf1F-001]).
- (2) e logo **a gente** namorô a gente... **a gente** namorô quase um ano aí depois **a gente** ficô noivo né? (F, 33, [GEFf1F-002]).

As inúmeras pesquisas de cunho variacionista, dentre as quais se destacam as de Lopes (1998, 2003a, 2003b, 2004, 2007), Mattos (2013, 2017, Vianna e Lopes 2015, Souza e Botassini (2009), Zilles (2007), demonstram que a forma cristalizada *a gente* está, de fato, inserida de tal forma no sistema pronominal do PB que acabou por lhe ocasionar uma alteração. Essa inserção acabou por ocasionar uma alteração, já que a forma inovadora figura como substituta do pronome *nós* (1ª pessoa do plural) e, ainda, em determinados contextos, como *eu* (1ª pessoa do singular).

Adiante segue um apanhado dos estudos realizados para a compreensão da intercambialidade das variantes *nós* e *a gente*.

2.1 A gente

Para melhor explicar a perspectiva do presente trabalho, é pertinente apresentar o processo que levou à cristalização da expressão *a gente*, partindo de sua etimologia e dos significados atribuídos ao substantivo *gente*. Para isso, primeiramente, recorreu-se ao sentido atribuído pelo dicionário ao substantivo. Assim, tem-se, de acordo com o Dicionário de Latim – Português, a seguinte atribuição:

gens, gentis (geno), *f.* **1.** Gente (*gens*), conjunto de pessoas do mesmo nome (*nomem gentilicium*) que, pelos varões, se ligam a um antepassado comum. **2.** Raça, estirpe, família (com vários troncos) // *gens Cornelia*, a família (a *gens*) Cornélia, compreendendo o tronco dos *Cipiões*, dos *Lêntulos*, etc. **3.** (*Poét.*) Prole, descendente. **4.** Nação (referindo-se à origem comum dos que a formam), povo. **5.** O povo duma cidade. **6.** País, região, lugar // *ubinam gentium sumus?*, Cic., em que lugar da terra estamos nós? // *nusquam gentium*, Plau., em nenhuma parte. **7.** (*Falando dos animais*). Raça, espécie. **8. gentes, ium, f. pl.** Os bárbaros (por oposição aos Romanos), os gentios (em oposição aos Judeus ou aos cristãos). (FERREIRA, Antônio, 1983, p. 518).

O Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa traz a seguinte definição:

gente. [Do lat. *gente*] **S. f. 1.** Quantidade maior ou menor de pessoas indeterminadas; povo: *Havia pouca gente no cinema.* **2.** Determinado número de pessoas que têm em comum certas características, ou profissão, ou interesse pessoal: *A gente do meu bairro gosta de flores; A gente do teatro foi em peso à festa.* **3.** Número indeterminado de pessoas, ou mesmo uma só pessoa; alguém: *Havia gente batendo à porta.* **4.** O gênero humano; a humanidade. **5.** O ser humano; homem, pessoa: *gente do campo; a gente do Brasil.* **7.** Partidários ou sequazes de uma ideia, de uma facção ou causa política; companheiro, camarada: *Serei eleito com os votos da minha gente.* **8.** Família ou empregados: *Minha gente é de Minas.* **9. Mil.** Força armada. [...] **A gente.** A(s) pessoa(s) que fala(m); eu, nós: “De Jesus Cristo resta unicamente / Um esqueleto; e a gente, vendo-o, a gente / Sente vontade de abraçar-lhe os ossos!” (Augusto dos Anjos, *Eu*, p. 110); “E quando a gente volta à casa, um dia, / Vê trancada a janela que sorria / E lê na porta: ‘Aluga-se esta casa’.” (Afonso Schmidt, *Mocidade*, p. 16). [...] (FERREIRA, Aurélio, 2009, p. 976).

Como se observa em ambas as acepções, o caráter do substantivo é bastante genérico, em que se percebe a amplitude/proporção que *gente* pode abarcar.

A definição do latim é um pouco mais voltada para o sentido de *povo*, *raça*, *nação*, enquanto que a versão apresentada no dicionário da Língua Portuguesa

compreende uma visão que tanto permite uma determinação maior do grupo do qual se fala, quanto de uma possível indeterminação, incluindo-se, nessa perspectiva, a possibilidade de falar de uma só pessoa/alguém.

Na versão do dicionário Aurélio, há ainda a expressão já cristalizada do substantivo *gente*, a forma *a gente*, em que se apresenta a possibilidade pronominalizada de substituição tanto pela forma *nós* quanto pelo pronome *eu*.

Para compreender esses contextos em que se observa a utilização de *a gente* com referência ao pronome na primeira pessoa do singular, abaixo, serão expostos trechos de duas entrevistas:

- (3) **Inf.** e eu comprei tudo em picolé... e juntei um monte de minino lá da rua... e mas chupano picolé chupano picolé quando foi minha chegô e perguntô eu onde eu tinha arrumado o dinheiro... eu falei uai eu peguei na sua gaveta... hora que eu falei isso ela me desceu o cacete mai me bateu mai me bateu...
Doc. mas cê sabia porque via ela guardando lá?
Inf. via ela guardano... a gente era bobão de roça né? (M, 38, [AMGf1M-008]).
- (4) **Inf.** e hoje eu tem arrependimento igual falo direto tem arrependimento de não tê tido estudado que se eu tivesse estudado hoje num tipo de serviço meu num vô falá que num atrapalha não... assim... eu sô até uã pessoa inteligente eu sô bão pá fazê conta eu sei mexê cum dinheiro sei fazê uns trem mas assim quando eu poderia tê muito mais do que eu tem hoje se eu tivesse o estudo... poderia sabê sentá e cunversá com o gerente de banco... dentro dos trem porque hoje eu sei lê mas a gente lê mas num dá conta de decifrá o quê que é aquilo que a gente leu...
Doc. uhum... tem que sempre tê ajuda de alguém né?
Inf. é... porque a gente leu viu aquilo ali mas a gente num sabe o significado então aí a gente tem que perguntá alguém que intende pra falá o significado que... (M, 48, [AMGf2M-011]).

Nos trechos supracitados, é perceptível a referência de sujeito de primeira pessoa do singular (*eu*) mesmo que o informante tenha utilizado o pronome na primeira pessoa do plural (*a gente*). Observe-se que, em ambas as situações descritas, os informantes estão envolvidos ou participam diretamente na realização das ações.

Lopes (2003a), em suas pesquisas, apresenta o processo de inserção de *a gente* no Português Brasileiro, em uma análise aprofundada, que abrange os aspectos gramaticais e históricos da mudança.

Segundo a linguista, no PB, encontraram-se ocorrências do substantivo, tanto no plural quanto no singular, em textos escritos no período do século XIII até o XV. A forma plural, mesmo tendo sido encontrada em exemplos até o século XIX, foi caindo em desuso desde que a forma singular começou a ser mais usada, a partir do século XVI.

2.2 Quadro pronominal do Português Brasileiro

Ali (1931, p. 92), ao discorrer acerca dos pronomes, explica, sob o ponto de vista de Henry Sweet, que estes são como “nomes e adjectivos geraes em opposição aos ordinários nomes e adjectivos especiaes” e que é importante notar que alguns desses adjectivos e nomes, em sua significação, podem ser mais gerais que os demais. Nesse caso, o autor explica que “um nome de significação geral, é, muitas vezes, quase equivalente a um pronome.” Com relação a essa afirmação, o mesmo autor (ALI, 1931) ainda explica que alguns desses nomes, em virtude de seu caráter geral, passam a ser considerados pronomes.

Assim *homem* em port. ant. era muitas vezes usado como pronome nos mesmos casos que o francez *on* (o qual é a propria palavra *homme* alterada). *Senhor* com sentido especial é nome, mas o *Senhor*, referido geralmente a qualquer pessoa a quem dirigimos a palavra, é pronome. (ALI, 1931, p. 92, grifos do autor).

Nesse processo de modificação de nome para pronome, Ali (1931) explica que *homem*, no português arcaico, era um uso comum na linguagem popular, desde o século XV até meados do século XVI. Sobre *a gente*, o autor pontua que é uso corrente “na linguagem familiar da actualidade.” (ALI, 1931, p. 122).

Tem de commum estes dois pronomes o mostrarem visivelmente se originaram cada qual de um substantivo; ou, melhor, são nomes que assumem caracter pronominal quando usados, não já na accepção própria, mas para indicar agente vago e indeterminado. (ALI, 1931, p. 122).

Com relação aos pronomes pessoais, Ali (1931) afirma que todos são utilizados como absolutos. Ao explicar a divisão das três pessoas, assim o faz:

Eu, pronome de 1ª pessoa, representa o indivíduo que fala; o seu plural *nós* significa esta mesma pessoa associada a outra ou outras: *eu + tu*, *eu + elle*; *eu + vós*, etc. *Tu* e *vós* são pronomes da 2ª pessoa; *elle*, *ella*, *eles*, *ellas*, são os da 3ª pessoa. (ALI, 1931, p. 93, grifos do autor).

Câmara Jr. (2001) evidencia a noção de pessoa e assim relata o quadro dos pronomes pessoais. Contudo, o autor salienta que esse é um quadro teórico e que não é utilizado de forma exata em nenhuma das regiões em que se fala a Língua Portuguesa.

Quadro 1 – Pronomes pessoais – Câmara Jr. (2001)

P 1	eu	me	mim	comigo
P 2	tu	Te	Ti	Contigo
P 4	nós		Conosco
P 5	vós		Convosco
P 3	ele (a)	o (a) lhe	
P 6	+ /S/	+ /S/		

Fonte: (CÂMARA JR., 2001, p. 118).

Na mesma perspectiva, Câmara Jr. (2001) apresenta um outro quadro que, conforme sua visão, representa o que é ensinado na escola, valendo tanto para a língua falada como para escrita no âmbito do sistema de pronomes pessoais portugueses.

Quadro 2 – Pronomes pessoais – Câmara Jr. (2001)

P 1	eu	me	mim	comigo
P 2	Você	o senhor (fem. a senhora)	o (fem. a), lhe.	lhe.
	Tu	Te	ti	Contigo
P 4	Nós			Conosco
P 5	Primeira série de P 2 + /S/			
P 3	ele (-a)	o (a) lhe		
P 6	P 3 + /S/.			

Fonte: (CÂMARA JR., 2001, p. 121).

Perini (1985) apresenta, conforme seus estudos acerca do sistema pronominal, um quadro dos pronomes pessoais do português coloquial (ou do padrão), assim descrito:

Quadro 3 – Pronomes pessoais – Perini (1985)

	1ª. PESSOA	2ª. PESSOA	3ª. PESSOA
SINGULAR	Eu	Você	ele/ela
PLURAL	Nós	Vocês	eles/elas

Fonte: (PERINI, 1985, p. 4).

O mesmo autor afirma que o sistema pronominal que apresenta está inserido no uso da região central do Brasil, abarcando os Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Goiás, Bahia, e, também, em outras áreas. Cita, ainda, que em grandes áreas das regiões Norte e Sul do país, o sistema pronominal é diferenciado das demais (PERINI, 1985).

Bechara (2004), por sua vez, apresenta a sua versão do quadro pronominal na perspectiva mais tradicional, como é ensinado nas escolas:

Quadro 4 – Pronomes pessoais – Bechara (2004)

1ª pessoa: <i>eu</i> (singular), <i>nós</i> (plural),
2ª pessoa: <i>tu</i> (singular), <i>vós</i> (plural) e
3ª pessoa: <i>ele</i> , <i>ela</i> (singular), <i>eles</i> , <i>elas</i> (plural).

Fonte: (BECHARA, 2004, p. 164).

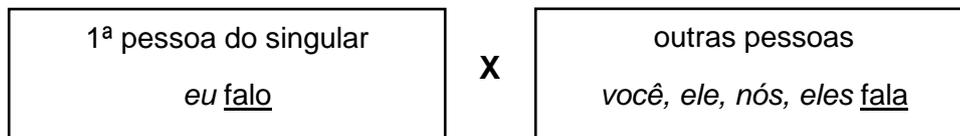
A título de observação, no final do tópico dos pronomes pessoais da sua Gramática, Bechara (2004) faz um breve comentário acerca da pronominalização de *a gente*:

O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a ser pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3ª. pessoa do singular (BECHARA, 2004, p. 165).

De acordo com os estudos acerca do Português Brasileiro, Castilho (1999) explica que há dois posicionamentos contrários quanto à sua interpretação, uma que se refere ao PB numa perspectiva conservadora (reflexo da colonização – quinhentismo) e a outra inovadora, que distancia o PB do Português europeu (doravante PE).

A visão conservadora “aponta para o PB como uma variedade que, esgalhada de seu tronco europeu, principiou um processo de estagnação, que consistiu em meramente preservar as características recebidas.” (CASTILHO, 1999, p. 245). No caso da vertente inovadora, Tessyer (1985 apud CASTILHO, 1999) elenca alguns fenômenos que se fazem pertinentes no contexto dessa pesquisa, dos quais destacam-se aspectos gramaticais. Nesse âmbito, dois pontos são relevantes: primeiramente, o autor afirma que, no caso da variedade falada por sujeitos com pouca ou nenhuma escolaridade, houve uma redução na morfologia verbal (CASTILHO, 1999), como mostra a figura abaixo.

Figura 2 – Representação da redução da morfologia verbal



Fonte: (CASTILHO, 1999, p. 246).

Outra característica gramatical apontada nessa inovação do PB foi o aumento considerável de *a gente*, em substituição a *nós*. Nesse caso, Castilho (1999) explica que a expressão *a gente* foi inserida no quadro dos pronomes pessoais do PB, figurando tanto como substituto do pronome *nós* quanto de *eu*.

Com relação a essa substituição, Castilho (1999) explica que, quando o locutor quer referir-se a seu interlocutor de forma mais indeterminada, sua tendência é optar por *a gente*. Assegura também que há uma diferença no campo discursivo que se manifesta na seleção de uma das formas:

nas narrativas, pelo menos quando se consideram as sentenças que são “figura”, predominam os traços morfossintáticos e semânticos que selecionam a forma *nós*: tempo passado, aspecto perfectivo e referência determinada. Se as sentenças representam o “fundo”

(atividades, comportamento, costumes, opiniões, argumentos e outras generalizações), é a gente que é selecionado. (OMENA, 1986, p. 301 apud CASTILHO, 1999, p. 255).

Essa explicação permite compreender que a variação das formas pronominais não se dá de modo aleatório e que exige, mesmo que inconscientemente, essa escolha pelo falante. É um ponto importante que cabe ser investigado.

Castilho (2016), nessa concepção de alteração do quadro pronominal do PB, com base na modalidade falada, apresenta o seguinte quadro:

Figura 3 – Pronomes Pessoais do PB – Castilho (2016)

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª PESSOA SG.	<i>Eu</i>	<i>me, mim, comigo</i>	<i>eu, a gente</i>	<i>eu, me, mim,</i> Prep + <i>eu, mim</i>
2ª PESSOA SG.	<i>tu, você, o senhor, a senhora</i>	<i>te, ti, contigo, Prep + o senhor, com a senhora</i>	<i>você/ocê/tu</i>	<i>você/ocê/cê, te, ti, Prep + você/ocê (= docê, cocê)</i>
3ª PESSOA SG.	<i>ele, ela</i>	<i>o/a, lhe, se, si, consigo</i>	<i>ele/ei, ela</i>	<i>ele, ela, lhe, Prep + ele, ela</i>
1ª PESSOA PL.	<i>Nós</i>	<i>nós, conosco</i>	<i>a gente</i>	<i>a gente Prep + a gente</i>
2ª PESSOA PL.	<i>vós, os senhores, as senhoras</i>	<i>vos, convosco, Prep + os senhores, as senhoras</i>	<i>vocês/ocês/cês</i>	<i>vocês/ocês/cês, Prep + vocês/ocês</i>
3ª PESSOA PL.	<i>eles, elas</i>	<i>os/as, lhes, se, si, consigo</i>	<i>eles/eis, elas</i>	<i>eles/eis, elas, Prep + eles, eis, elas</i>

Fonte: Adaptado de Castilho (2016, p. 477).

Sob o ponto de vista do PB informal, já consta a forma inovadora *a gente* figurando em ambos os contextos de primeira pessoa, plural e singular.

A partir das visões apresentadas pelos diversos autores, verifica-se que, mesmo que várias pesquisas, inclusive as de cunho variacionista já mencionadas, apontem para a inserção da forma inovadora no PB, ainda há resistência por parte de alguns gramaticistas, que aceitam apenas as formas *eu* e *nós* para indicar a primeira pessoa do singular e do plural, respectivamente.

2.3 Nós e a gente no Português Brasileiro

Vianna e Lopes (2015) realizam um levantamento acerca das pesquisas da variação de primeira pessoa no âmbito dos estados brasileiros, nos últimos trinta anos, e confirmam que a forma pronominal *a gente* encontra-se inserida em todas as camadas sociais, em todas as faixas etárias. Com isso, a substituição pela forma inovadora não é vista pelos falantes de maneira estigmatizada.

Quanto às pesquisas que se têm conhecimento, é possível citar algumas que destacam a *inserção* de *a gente* no quadro pronominal e a intercambialidade de *nós* e *a gente*, especialmente na função de sujeito, tais como: Álbán e Freitas (1991), Lopes (1998, 2003a, 2003b, 2004, 2007), Rubio (2011), Mattos (2013, 2017), Vianna e Lopes (2015), Vianna (2012), Zilles (2007), dentre outras.

No âmbito do estado de Goiás, sabe-se da pesquisa realizada por Mattos (2013), com 55 informantes de vinte cidades. Ressalte-se que, entre os informantes entrevistados, não há nenhum da Cidade de Goiás.

2.3.1 Intercambialidade com o pronome nós

Bechara (2004) levanta a discussão sobre a questão da pluralização de *eu* por *nós*, dizendo que “a unidade e a subjetividade inerente a ‘eu’ contradizem a possibilidade de uma pluralização.” (BECHARA, 2004, p. 164).

[...] Se não pode haver vários ‘eus’ concebidos pelo próprio ‘eu’ que fala, é porque ‘nós’ não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o ‘eu’ e o ‘não-eu’, seja qual for o conteúdo desse ‘não-eu’. Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em ‘nós’ é sempre ‘eu’ que predomina, uma vez que só há ‘nós’ a partir de ‘eu’ e esse ‘eu’ sujeita o elemento ‘não-eu’ pela sua qualidade transcendente. A presença do ‘eu’ é constitutiva de ‘nós’. [...] O plural de ‘eu’ como ‘mera palavra’ ou como substantivo para significar ‘a personalidade de quem fala’ tem normalmente o plural ‘eus’ [...]. (BECHARA, 2004, p. 164).

Sobre a discussão da possibilidade de um *eu* ampliado, pensando na perspectiva de substituição de *nós*:

Na sistematização dos traços de pessoa, postulou-se que a forma pronominalizada a gente teria herdado o traço formal [+eu] do substantivo, pois continuou, pelo menos entre os falantes escolarizados, a se combinar com formas verbais de P3 – a “pessoa default” de Rooryck (1994) ou a “não-pessoa” de Benveniste (1988). Entretanto, em termos de pessoa semântica, houve uma mudança interpretativa na medida em que passa a compreender o “eu-ampliado”: o traço deixou de ser [φ EU] alterando-se para [+EU] na forma pronominal. Tal postulação pode ser referendada por dois indícios sintáticos. O primeiro seria a concordância verbal com P4, freqüente no português não-padrão e o segundo seria a co-indexação pronominal com nosso(s)/nossa(s). (LOPES, 2004, p. 60).

Lopes (2007) ainda verifica que mesmo no caso de falantes cultos que não tem o hábito de concordar a *gente* com o verbo em P4, permanece a interpretação semântica de [+EU] nos contextos mais formais.

Na visão de Castilho (2016), inclusive demonstrada no quadro pronominal acima – figura 3, a agora expressão inovadora *a gente* nas palavras do autor, colocada como “antiga expressão indeterminada” (CASTILHO, 2016, p. 478) está incorporada como *nós* e também como *eu*.

Castilho (2016) citando Neves (2008), explica que a partir dos estudos do Projeto Nurc, a intercambialidade das formas dentro do mesmo contexto, permite compreender *a gente* como sinônima de *nós* pelos falantes do PB.

Acerca do mesmo tema, Cunha e Cintra (2001, p. 296) afirmam que a forma *a gente* pode ser empregada tanto como substituta de *nós* quanto de *eu*, o que leva o verbo, nesse último caso, à terceira pessoa do singular, como se percebe nos exemplos abaixo:

(5) **a gente** foi morá na roça... (M, 33, [AMGf1M-007]).

(6) Vaca corre atrás da gente. **A gente** fica com medo (F, 43, [GEFf1F-003]).

Vianna e Lopes (2015, p. 109) esclarecem que a variação de *nós* e *a gente*, no âmbito do PB, pode ser considerada como “um processo de variação linguística”, já que tem se observado que a forma *a gente* está sendo bastante utilizada. Inclusive as autoras (2015) demonstram que essa expansão do uso da forma inovadora, especialmente na língua oral no PB, tem ocorrido em todas as faixas etárias e nos

diversos níveis de escolaridade do falante, o que permite não gerar uma relação estigmatizada entre a predileção por uma ou outra forma, nos variados contextos.

Conforme Lopes (2007), ambas as formas permanecem em utilização, embora *a gente* tenha sido bastante usado para referenciar a primeira pessoa do plural nos últimos anos. Essa problemática levantada, conforme citado por Bechara (2004), a respeito da impossibilidade de *nós* ser a representação de um *eu + eu*, talvez consiga ser explicada a partir do que Benveniste (1988) estruturou como *eu ampliado*.

Segundo essa interpretação, *nós* pode ser uma espécie de plural do *eu* (LOPES, 2003a) e assim definido: *eu+tu/você, eu+ele/ela, eu+vós/vocês, eu+eles, eu+todos*. Assim como explicou Lopes (2003a, p. 12), “a forma plural refere-se a um conjunto de pessoas com quem se fala, admitindo também um valor indeterminado, abrangente, genérico e até difuso.”

Desse modo, a intercambialidade de *nós* e *a gente* parece preservar a premissa do valor de verdade (LABOV, 1978). A partir dessa visão, é possível compreender que o caráter +genérico, ora explicado, herdado do substantivo *gente*, seja sim um indício dessa possibilidade de intercambialidade.

Para falar acerca dessa possibilidade da intercambialidade das variantes, abaixo retomam-se os excertos (1) e (2), exemplificando que não há prejuízo semântico caso as formas pronominais sejam substituídas por sua variante.

Exemplos (1) e (2) extraídos das entrevistas com os informantes⁸:

- (1) mas não... **nós** vivia sozinho... **nós** passava dificuldade sozinho... ela comia as coisa na frente nossa num dava pra nós... terrível terrível terrível... e no final da vida dela quem cuidô dela foi nós... os neto que ela nunca gostô... (interessante)... (F, 31, [AMGf1F-001]).
- (2) e logo **a gente** namorô a gente... **a gente** namorô quase um ano aí depois **a gente** ficô noivo né? (F, 33, [GEFf1F-002]).

Utilizando os mesmos trechos invertendo o uso de *nós* por *a gente* e vice e versa, de acordo com os contextos, não há alteração no sentido antes atribuído pelos informantes.

⁸ Os excertos foram retomados como exemplo nessa seção. A citação dos excertos não teve sua numeração alterada, pois já havia sido tomada como exemplo neste capítulo.

- (1) mas não... a gente vivia sozinho... a gente passava dificuldade sozinho... ela comia as coisa na frente nossa num dava pra nós... terrível terrível terrível... e no final da vida dela quem cuidô dela foi a gente... os neto que ela nunca gostô... (interessante)... (F, 31, [AMGf1F-001]).
- (2) e logo nós namorô nós... nós namorô quase um ano aí depois nós ficô noivo né? (F, 33, [GEFf1F-002]).

É possível observar, ainda, que nem houve necessidade de alteração na flexão verbal, já que no caso de (1) a informante, mesmo utilizando a forma *nós*, conjugou o verbo na terceira pessoa do singular. Em (2), não foi feita a adaptação do verbo ao pronome, já que, pelo contexto, e também usualmente na fala cotidiana, em contextos não formais, os falantes do PB podem/tendem a não fazer a concordância verbal, como se observa nesse exemplo.

Outra observação cabível é que, nos casos em (1) e (2), pode se dizer que as variantes pronominais possuem o mesmo valor referencial ou o mesmo valor de verdade. Para melhor compreender as premissas do valor referencial (ou valor de verdade), adiante haverá uma seção dedicada ao assunto.

2.3.2 Aspectos sobre a concordância dos pronomes de primeira pessoa e a avaliação social

Freitag (2016) realizou um estudo sobre as crenças e atitudes linguísticas no uso dos pronomes *nós* e *a gente*. A autora relembra que embora *a gente* tenha ganhado espaço dentro do quadro pronominal brasileiro, a partir de sua gramaticalização, as características morfossintáticas do substantivo *gente* encontram-se enraizadas no novo pronome.

Em virtude disso, é possível montar dois conjuntos de traços: o gramatical (terceira pessoa do singular) e o semântico (primeira pessoa do plural), assim como expõe Freitag (2016). A partir disso, é ainda possível quatro padrões de concordância no processo de variação das formas estudadas, as quais a autora explica:

- (1) nos (1PL) fala-mos (1PL) -> nos -mos
 (2) nos (1PL) fala-0 (3SG) -> nos -0
 (3) a gente (1PL) fala-0 (3SG) -> a gente -0
 (4) a gente (1PL) fala-mos(1PL) -> a gente -mos (FREITAG, 2016, p. 903).

Scherre e Naro (2014) evidenciam que a escolarização é um forte influenciador quando o assunto é a concordância, diferindo, assim, do caso de variação entre as formas.

A concordância é um domínio gramatical fortemente sensível à avaliação social no Brasil, e os resultados de estudos de covariação entre a alternância pronominal e a presença vs. ausência de marca morfêmica de concordância apontam para uma avaliação social estigmatizada para combinações como “nós fala” e “a gente falamos” [...]. (FREITAG, 2016, p. 903).

Nessa perspectiva, cabe citar também o estudo de Zilles (2007) sobre a avaliação social do uso de *a gente*.

Os caminhos percorridos pelos processos dessa mudança já têm sido bastante estudados quando à língua falada, mas na escrita são ainda pouco explorados, particularmente desde uma perspectiva sociolinguística. [...] A nosso ver, a compreensão dessas práticas sociais de gênero poderá dizer muito da avaliação social que formas inovadoras recebem e quais os caminhos que percorrem para sua aceitação na escrita. (ZILLES, 2007, p. 41).

Ainda sobre a questão da avaliação social, Avelar (2017) reitera que

O tratamento da linguagem com foco apenas em seu aspecto comunicativo tem contribuído para agravar um defeito já há muito atribuído às gramáticas escolares, que diz respeito ao caráter excessivamente *prescritivo/normativo* (em vez de *descritivo* e *analítico*) na exposição de fatos linguísticos. (p. 19).

O autor também fundamenta que uma abordagem, na perspectiva do ensino de língua, que leve apenas o estudante a detectar situações específicas de uso da língua não é significativa. Do contrário, o mesmo revela que um tratamento mais crítico, abrangente, fazendo com que o estudante, por exemplo, tenha percepção não só no contexto gramatical, mas também semântico-discursivo, nos diversos usos da língua. Avelar (2017, p. 20) cita a variação de *nós* e *a gente* explicando que “não precisa (e não se deve) se limitar a conselhos de etiqueta sobre boas maneiras no uso de formas pronominais, mas pode envolver um trabalho mais elaborado com o conhecimento natural dos falantes da língua”, isso tudo de modo independente do contexto e dos reflexos desse uso.

2.4 Sociolinguística Variacionista: aspectos teóricos

Neste tópico serão apresentados os pressupostos teóricos que orientam os estudos da Sociolinguística Quantitativa, cujo expoente foi o linguista americano William Labov.

Como o trabalho também é calcado em estudos sobre a gramaticalização clássica, é necessário compreender a teia epistemológica que rege tal processo, a partir da visão do Funcionalismo.

2.4.1 Sociolinguística Variacionista (ou Sociolinguística Quantitativa)

William Labov resistiu ao termo Sociolinguística, justamente por acreditar que aceitar esta denominação sugere que haja uma teoria ou uma prática linguística desarticulada das relações com fatores sociais. Nas palavras do próprio Labov (2008, p. 13), “apesar de um considerável volume de atividade Sociolinguística, uma linguística socialmente realista parecia uma perspectiva remota nos anos 1960”. Labov explica que, na época da publicação de seus estudos sobre Martha’s Vineyard e Nova York, tal concepção teve de ser reafirmada várias vezes.

Conforme explicou Tarallo (1986), o modelo proposto por Labov veio como uma espécie de reação ao que pregou a corrente gerativista de Chomsky. Tarallo (1986) ainda ressalta que foi Labov quem mais salientou essa possibilidade de relacionar língua e sociedade e na sistematização da variação “existente e própria da língua falada.” (p. 7).

Pensando na proposta dos estudos sociolinguísticos, cabe mencionar que “é necessário, antes de mais nada, ‘abrir a cabeça’ para aceitar a língua que está sendo usada à nossa volta como um objeto legítimo de estudo.” (COELHO et al, 2010, p. 12). É complexo ter essa compreensão, considerando o “caráter variável e mutável” da língua, uma vez que os “estudos científicos são, em geral, baseados em sistematizações, em resultados concretos, no estabelecimento de regras”.

Na verdade, o que querem dizer os autores é que pensar a língua a partir da visão sociolinguística é também estudar, conhecer e compreender regras, mas não dissociar essa compreensão do lado social. É conseguir contextualizar língua e sociedade.

Coelho e colegas (2010) exaltam a importância dos estudos estruturalistas e gerativistas para a consolidação da Linguística no campo científico, contudo, ressaltam que ambas as correntes teóricas deixaram de considerar a influência dos fatores externos nos estudos de língua. Em virtude disso, a língua era vista sob uma ótica homogênea, de modo que essas possibilidades de

variabilidade (o fato de que pode haver mais que uma forma expressando o mesmo significado), o valor social das formas linguísticas e o estudo empírico das mudanças na língua ficavam excluídos da agenda (COELHO et al, 2010, p. 20).

Relativamente às concepções de língua e linguagem, Saussure (2012) considera que a língua é por natureza homogênea, porquanto a linguagem tem natureza heterogênea e afirma que:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. (SAUSSURE, 2012, p. 41).

Meillet contrapõe-se às ideias de Saussure por este considerar a variação linguística fora das condições externas à língua da qual ela depende. Assim como frisa Calvet (2002), Meillet diz que, com essa afirmação, Saussure “priva de realidade; ele a reduz a uma abstração que é necessariamente explicável.” (CALVET, 2002, p. 14).⁹

Ainda segundo Calvet (2002, p. 15, grifo do autor), “*tudo opõe os dois homens tão logo os situamos o terreno da linguística geral,*” referindo-se às posições de Meillet e Saussure. E complementa:

⁹ Conforme nota de rodapé do livro de Louis-Jean Calvet (2012), o trecho em que tenant faz referência à obra de Saussure (Curso de Linguística Geral) consta no Boletim da Sociedade de Linguística de Paris, à página 166.

Enquanto Saussure busca elaborar um modelo abstrato da língua, Meillet se vê em conflito entre o *fato social* e o *sistema em que tudo contém*: para ele não se chega a compreender os fatos da língua sem fazer referência à diacronia, à história. (CALVET, 2002, p. 15, grifos do autor).

A concepção de atrelar língua e sociedade foi deixada de lado pela “escola gerativo-transformacional”, assim como explica Tarallo (1986), que ainda lembra que a partir da proposta de Chomsky, o objetivo do estudo linguístico “é a competência linguística do falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade linguisticamente homogênea” (TARALLO, 1986, p. 6).

Esse falante-ouvinte ideal, no entanto, não parece ser tão ‘falante-ouvinte’, nem tampouco ‘ideal’. A cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. E é precisamente essa situação de heterogeneidade que deve ser sistematizada. (TARALLO, 1986, p. 6).

Bortoni-Ricardo (2014) lembra que, antes mesmo de William Labov nos anos 1960, outros linguistas já conduziam seus estudos próximos ao que propõe a sociolinguística, tais como Meillet, Bakhtin e o Círculo de Praga, já que, assim como menciona a autora, nas respectivas pesquisas eram sempre levadas em consideração a perspectiva sociocultural, as condições de produção, todo o ambiente, o sujeito como um todo.

Em meados dos anos 1960, o linguista americano William Labov divulgou suas ideias acerca dos estudos das estruturas linguísticas, considerando a língua como um sistema heterogêneo, passível de variação e mudança.

A visão de Hymes, então aproximada da Sociolinguística, propiciou que aspectos sociais fossem considerados na perspectiva dos estudos da linguagem. (BORTONI-RICARDO, 2014). A autora explica, ainda, que a Sociolinguística, no princípio de seus estudos, fixou-se especialmente nos contextos de variação e de fenômenos em seus processos de mudança, posteriormente se estende a outros campos no contexto da linguagem.

Gumperz (1996 apud BORTONI-RICARDO, 2014, p. 13) relata que a Sociolinguística “na atualidade, especialmente durante a última década, converteu-se em uma disciplina central, preocupada com todos os aspectos da comunicação verbal nas sociedades humanas.”

Quanto à definição da área de estudos, Mollica (2007) assim descreve:

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade localizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA, 2007, p. 9).

Coelho e colegas (2019) também define Sociolinguística como uma das áreas dentro da Linguística que estuda a relação entre língua e sociedade, ressaltando que outras áreas também se interessam pela língua(gem), contextualizando a parte social, tais como lembra, a Análise do Discurso, a Linguística Aplicada e a Histórica.

Esse modelo de estudos proposto por William Labov é conhecido também por Sociolinguística Quantitativa, considerando a veia estatística com a qual trata os dados (TARALLO, 1986). Ainda quanto às denominações dessa área de estudo, Coelho e colegas (2019) também explicam haver três nomes pelos quais ficou conhecida a Sociolinguística Variacionista: (1) Sociolinguística Laboviana – em função de seu precursor, William Labov; (2) Sociolinguística Quantitativa – que, assim como sublinhado por Tarallo (1986), lida com grande fluxo de dados da língua e solicita análise estatística; e (3) Teoria da Variação e Mudança Linguística – considerando sua preocupação com essas possibilidades na língua.

Uriel Weinreich, na introdução de *Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística* (2006), explana acerca da perspectiva dos estudos linguísticos que considera as variáveis sociais, sugerindo que:

Um modelo de língua que acomode os fatos do uso variável e seus determinantes sociais e estilísticos não só leva a descrições mais adequadas da competência linguística, mas também suscita naturalmente uma teoria da mudança linguística que ultrapassa os estereis paradoxos contra os quais a linguística histórica vem lutando há mais de meio século. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 34).

A Sociolinguística interessa-se por pesquisar: “contato entre as línguas; questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança constituem temas de investigação na área” (MOLLICA, 2007, p. 10). A própria Mollica (2007) ainda elucida que a Linguística interessa-se por pesquisar

cientificamente todas as comunidades, enquanto a Sociolinguística tem interesse por todas as comunidades de fala (das maiores até as menores), considerando o fator social da linguagem, já que, se as comunidades de fala se comportassem linguisticamente de forma homogênea, não haveria necessidade de que fossem verificadas.

No que convém à metodologia, a Sociolinguística, conforme descrevem Freitag e Cyranka (2014), trata o dado real e tem a metodologia específica dentro de cada subárea. Segundo as autoras, no Brasil, há três vertentes que se mostram bastante produtivas: a Sociolinguística Interacional, a Sociolinguística Educacional e a Sociolinguística Variacionista.

As pessoas são nascidas em lugares diferentes, têm redes sociais¹⁰ diversas, o que influencia o seu modo de falar, fazendo com que cada grupo tenha a sua característica, o que, por conseguinte, quer dizer, que as pessoas falam de modo diferente (COELHO et al, 2019).

Coelho e colegas (2019) também elucidam duas questões: a primeira é que a língua é um sistema organizado e cita como exemplo a possibilidade de compreensão entre dois indivíduos, cada um com determinada faixa etária, níveis de escolarização diverso e cada um nascido em uma região do país, porém, ambos conseguem se compreender, se comunicar. A segunda é de que a língua é variável, “essa variação decorre de fatores que estão presentes na sociedade – além de fatores que podem ser encontrados dentro da própria língua.” (COELHO et al, 2019, p. 13).

Nesse ínterim, os autores ainda expõem que essa é uma preocupação da sociolinguística, de verificar como falamos, a maneira como nós somos avaliados de acordo com a fala, nessa perspectiva é que surge a relação língua e sociedade.

No Brasil, a pesquisa sociolinguística variacionista teve início nos idos de 1970, com pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, grupo atualmente denominado de Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL). À época, Gregory Guy foi quem auxiliou no primeiro contato com as ferramentas de análise

¹⁰ No contexto da pesquisa sociolinguística, as redes sociais as quais nos referimos são referentes aos contatos que os indivíduos têm em suas relações sociais. Conforme explica Severo (2006), “relacionamentos informais de indivíduos que estão ligados entre si por redes de relacionamentos – quando os laços entre esses indivíduos são fortes, as redes atuam como mecanismos normativos.”

estatística, conforme conta Scherre e Naro¹¹ (2007). O professor Guy realizou as pesquisas e coleta de dados para a sua tese de doutorado a partir dessa participação em um projeto no Brasil.

Segundo Freitag e Cyranka (2014), no Brasil, a Sociolinguística Variacionista tem sido mais produtiva e tem auxiliado nas pesquisas acerca da descrição do Português Brasileiro, citando os vários grupos que desenvolvem projetos, coletando dados nas diversas regiões do Brasil, entre os quais destacam: o Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil) e PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua).

Com relação aos projetos desenvolvidos no Brasil, cabe ainda lembrar o NURC (Norma Linguística Culta Urbana), iniciado na década de 70, que obteve um expressivo número de dados acerca da fala em capitais brasileiras como São Paulo, Recife, Porto Alegre, Salvador e Rio de Janeiro.

2.4.2 Sobre a identificação das formas variantes

Assim como explica Tarallo (1986), em uma comunidade de fala, geralmente observam-se formas variantes em concorrência. No caso em questão, foram identificadas as formas *nós* e *a gente* no âmbito da comunidade de fala da Cidade de Goiás-GO.

As variantes podem ser consideradas padrão e não-padrão, conservadoras e inovadoras ou, ainda, de prestígio e estigmatizadas. De acordo com a síntese apresentada por Tarallo (1986), a variante considerada padrão também é conservadora e, geralmente, apresenta prestígio na comunidade. Por outro lado, a variante não-padrão costuma ser inovadora e pode também ser estigmatizada pelos falantes.

No contexto desta pesquisa, após verificados outros estudos acerca da intercambialidade das formas pronominais *nós* e *a gente* no âmbito do PB,

¹¹ O relato acerca da vinda do professor Gregory Guy ao Brasil consta da apresentação do livro *Sociolinguística Quantitativa*, de autoria do próprio professor e da professora Ana Zilles (2007). A apresentação do livro foi escrita pelos professores Maria Marta Pereira Scherre e Anthony Julius Naro.

compreende-se que *nós* é considerada a variante conservadora, padrão e que goza de prestígio sociolinguístico.

- (7) Eu e meu menino... **nós** tava no banco de trais (F, 28, [GEFf1F-001]).
- (8) **Nós** somos seis... (F, 28, [GEFf1F-001]).
- (9) aí **nós** vai lá na::: na Santa Rita () (M, 49, [AMGf2M-012]).

No caso da forma *a gente*, considerada como variante inovadora, tem-se os seguintes exemplos:

- (10) **a gente** dorme e acorda mais cedo... (M, 49, [AMGf2M-012]).
- (11) **a gente** tem mais tranquilidade de carregá mulher né? (M, 47, [AMGf2M-010]).
- (12) **A::: a gente** tem que gostá do nome que a mãe pois num tem? (F, 70, [GEFf2F-006]).

Essa variante encontra-se bastante *incorporada* na fala do PB, conforme demonstram várias pesquisas de cunho variacionista, assim como foi descrito acima e, portanto, a partir disso não se verifica que a forma é vista de maneira estigmatizada pela maioria dos falantes.

2.5 Algumas observações sobre o processo de gramaticalização da forma *a gente* segundo a visão funcionalista

Meillet, nos idos de 1912, foi o primeiro linguista a utilizar o termo gramaticalização, embora em tempos anteriores conceitos semelhantes tinham sido elencados. O termo gramaticalização é de fato controverso, já que apresenta diferentes visões/versões a partir dos estudos então realizados, sobretudo com o aumento de pesquisas de cunho funcionalista, assim como salientou Lopes (2003).

Para Hopper e Traugott (1993, p. 19), “a gramaticalização é o estudo de formas gramaticais, por mais definidas que sejam, vistos não como objetos estáticos, mas como entidades em mudança.”¹²

¹² Trecho traduzido: “Grammaticalization is the study of grammatical forms, however defined viewed not as static objects but as entities undergoing change” (HOPPER; TRAU GOTT, 1993, p. 19).

Hopper e Traugott (1993 apud LOPES, 2003, p. 15, grifo da autora) enfatizam a possibilidade de sentidos diversos que abarcam o termo gramaticalização, considerando que tanto pode ser estudado na “perspectiva histórica” – *gramaticalização*, quanto na “perspectiva sincrônica” – *gramaticização*.

Sobre o processo de gramaticalização, os mesmos autores (1993) também apresentam o conceito de *cline*, que, em seu entendimento, a partir da óptica da mudança, as formas não mudam repentinamente de uma categoria para outra. Essas formas passam por uma série de pequenos processos, que tendem a ser similares em todas as línguas.

Ainda sobre o conceito de *cline*, Hopper e Traugott (1993) explicam que este é uma espécie de percurso pelo qual as formas vão se moldando no decorrer do tempo.

Nesse ínterim, Gonçalves e colegas (2007) expõe que:

Numa formulação de caráter mais restrito, a gramaticalização poderia, então, ser definida como um processo por meio do qual alguns elementos de conteúdo lexical se desenvolvem, no decorrer do tempo, e se tornam elementos gramaticais e, se gramaticais, passam a mais gramaticais ainda, apresentando-se mais previsíveis no que diz respeito a seu uso. (GONÇALVES et, 2007, p. 22).

Hopper e Traugott (1993) disponibilizam um esquema sobre o *cline* de mudança pelo qual passa uma forma em processo de gramaticalização: “content item (item de conteúdo) > grammatical word (palavra gramatical) > clitic (clítico) > inflectional affix (afixo flexional)” (1993, p. 7). Conforme complementam, cada item disposto à direita é mais gramatical e menos lexical de que o item à sua esquerda.

Na perspectiva do que propõe esta pesquisa, aqui cabe mencionar o processo pelo qual passou o item *gente* até sua gramaticalização como pronome *a gente*.

O caráter genérico do substantivo *gente* foi herdado na expressão cristalizada/pronominalizada *a gente*, conforme elucidada Lopes (2004).

Na gramaticalização de *gente* (nome) > *a gente* (pronome) ocorre o mesmo. Nem todas as propriedades formais do nome *gente* foram perdidas, assim como não foram assumidas todas as propriedades intrínsecas aos pronomes pessoais. A forma gramaticalizada mantém do nome *gente* o traço formal de 3ª pessoa, embora acione uma interpretação semântico-discursiva de 1ª pessoa [+ EU]. Mesmo que o verbo em concordância com *a gente* permaneça na 3ª pessoa do singular, se pressupõe a existência de “falante + alguém”, numa frase

do tipo *a gente precisa comprar a nossa própria casa*. (LOPES, 2004, p. 52, grifos da autora).

Partindo dessa acepção, Lopes (2004, p. 50) afirma que *a gente* passou a fazer parte de uma outra categoria/classe, a partir do momento em que assume em contextos diversos outros valores, propriedades e funções. A mesma autora (2004) acrescenta que:

a gramaticalização, por seu caráter contínuo, pressupõe, principalmente nos estágios iniciais, a coexistência entre novos valores/usos ao lado dos antigos e a permanência de propriedades lexicais nas formas gramaticalizadas. (LOPES, 2004, p. 51).

No que se refere ao processo de gramaticalização de *gente* > *a gente*, Lopes (2003a) diz que, como a inserção da forma pronominal inovadora encontra-se em estágio bastante avançado, há de considerá-la como pronome pessoal e não mais como pronome indefinido.

A referida autora demonstra, da seguinte maneira, o processo pelo qual *a gente* veio se pronominalizando: “GENTE [NOME GENÉRICO] → A GENTE [PRONOME INDEFINIDO] → A GENTE [PRONOME PESSOAL].” (LOPES, 2003a, p. 11).

Neves (2004) auxilia, quanto à compreensão dos princípios de gramaticalização, a partir da visão funcionalista, simplificando a explicação de cada um, com base no estudo de Hopper (1991). Conforme a mesma autora (2004), o estudioso, ora citado, reforça “o caráter gradual da gramaticalização” [...] considerando que “os princípios buscados respondem à questão do ‘mais’ ou ‘menos’ gramaticalizado, não do ‘dentro’ ou ‘fora’ da gramática.” (NEVES, 2004, p. 123).

Consoante aos estudos de Hopper (1991), Neves (2004) esclarece os cinco princípios da gramaticalização, denominados: “estratificação, divergência, especialização, persistência, decategorização”. (NEVES, 2004, p. 125). Para fazer-se compreender, abaixo, segue a elucidação de cada princípio mencionado, considerando também o objeto do presente estudo e os esclarecimentos obtidos a partir de Neves (2004) e Lopes (2003a):

1. **Layering ou Estratificação:** concomitância de formas que possuem funções semelhantes, sendo elas estáveis ou não. Essas formas podem

conviver e interagir, sem que uma ou outra precise ser descartada (as formas *nós* e *a gente* estão sendo utilizadas no contexto do PB). Gonçalves e Carvalho (2007) acrescentam, baseando-se em Hopper, que esse princípio não é um modo para que uma das formas seja eliminada/caia em desuso e sim um “amontoamento’, num mesmo domínio funcional, de formas sutilmente diferenciadas que têm, aproximadamente, o mesmo significado.” No âmbito do Português Brasileiro, as variantes *nós* e *a gente* coexistem, sem que a mais antiga (*nós*) tenha caído em desuso com a emergência da nova forma pronominal *a gente*. A propósito, assim como Omena e Braga (1996 apud GONÇALVES; CARVALHO, 2007) – pioneiras sobre o estudo desse fenômeno no PB – e outros autores aqui citados apontaram, a forma pronominal *a gente* concorre não só com *nós*, mas também com *eu* em determinados contextos.

2. **Divergência:** conforme Neves (2004, p. 124), esse princípio é “um caso particular de estratificação, já que também implica certa coexistência de formas”. a propriedade lexical do substantivo *gente* está mantida na expressão *a gente*. No caso, esse princípio diz respeito ao fato de o substantivo *gente* permanecer em utilização na língua, de modo autônomo, sem que tenha havido alterações fonológicas, como explicam Gonçalves e Carvalho (2007).
3. **Especialização:** com relação a esse princípio, é possível remeter ao crescente aumento da frequência de uso da forma *a gente* pelos falantes do PB, como demonstram várias pesquisas variacionistas aqui citadas.
4. **Persistência:** manutenção de traço semântico na forma pronominalizada (indeterminação/generalização). No caso de *a gente* a carga semântica do substantivo *gente* permanece em “essência” na forma gramaticalizada, permitindo assim, em determinados contextos, que o seu caráter seja indeterminado/genérico.

5. **Decategorização:** as formas “tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e os privilégios sintáticos característicos das categorias plenas e assumir os atributos das categorias secundárias”, (OMENA e BRAGA, 1996, p. 81 apud Lopes 2003a, p. 12-13).

Com base nisso, Lopes (2003a) elucida que o processo de gramaticalização de *a gente* não está completo. Castilho (1997, p. 28) em um de seus textos acerca da gramaticalização faz menção à Meillet, que referencia a “metáfora da espiral”, levando a compreender que esse processo de gramaticalização é sem final/inacabado.

Dessa maneira, pensando nessa perspectiva, tem-se que, após as postulações apresentadas acima por Lopes (2003a) em sua pesquisa, confirma-se a possibilidade de que, de fato, *a gente* encontra-se no processo ainda “inacabado” de gramaticalização.

2.6 Sobre o valor de verdade: as visões de Labov e Lavandera

Para Labov (2008), existem várias formas de se dizer “a mesma’ coisa”. (p. 221). O sociolinguista americano (2008) continua seu raciocínio exemplificando, no nível lexical, palavras como *automóvel* e *carro*, com um mesmo referente; no nível fonético, lembra as possibilidades de pronúncia de *cantando* e *cantano*; e, no nível sintático, “*é fácil para ele falar*” vs. “*para ele falar é fácil*”.

Labov (2008) explica, em uma nota de rodapé, que é comum que se considere que tais expressões supramencionadas apresentem o mesmo *significado*, o que quer dizer, segundo o sociolinguista, que “rigorosamente” contém “o mesmo valor de verdade”. (p. 221).

Em seu estudo, Weiner e Labov (1983, p. 30) especificaram que não há sinônimos exatos, considerando que as palavras possuem diferentes possibilidades de ocorrência a partir dos seus contextos possíveis de uso. Contudo, os autores (1983) complementam que devido à necessidade de variação no estilo, tanto escritores como oradores utilizam palavras diferentes num mesmo contexto, sem intenção de que haja uma interpretação diversa da ideia inicial.

Lavandera (1984)¹³ questiona Weiner e Labov (1983) por considerar que no caso de variação fora do nível fonológico (por exemplo, no nível sintático) é preciso que sejam observadas e descartadas todas as possibilidades de diferenças de significado.

A autora (1984) defende que, no que tange às variantes fonológicas, é mais plausível que o referente seja “o mesmo” do que no caso de duas construções sintáticas sinônimas, como propõe Weiner e Labov (1977 apud LAVANDERA, 1984). Explana, ainda, citando que morfemas, itens lexicais ou construções sintáticas, todos esses possuem, “por definição, um significado”, contudo, os fonemas “não possuem referência constante”. (p. 42).

Lavandera (1984) explica que “os estudos quantitativos de variação que se ocupam de alternâncias morfológicas, sintáticas e do léxico carecem de uma teoria bem organizada dos significados”. (LAVANDERA, 1984, p. 37, tradução nossa).¹⁴

Sobre o trabalho de Weiner e Labov¹⁵ (1983), especificamente acerca da variação estilística mencionada pelos autores, Lavandera (1984) contesta dizendo que “algumas diferenças de significância social ou estilísticas não têm motivação semântica, porém são utilizadas para dizer o mesmo e a escolha entre eles é unicamente regida por fatores sintáticos.” (1984, p. 43).

William Labov (1978) rebate os questionamentos de Lavandera (1983) defendendo que os estudos sobre a variação no nível sintático requerem vários procedimentos preliminares, a fim de que possam ser identificados os contextos em que as formas variantes “se expandem”, ou seja, não têm o mesmo valor referencial (ou valor de verdade).

Trazendo essa situação do valor referencial (ou valor de verdade) discutido pelos autores ao contexto de intercambialidade das variantes pronominais *nós* e *a gente*, é pertinente que se levem em consideração as afirmações de Lavandera (1984). Como se trata de uma variação não-fonológica e sim morfossintática, o

¹³ Para este trabalho, utilizou-se a versão do texto *Where does the sociolinguistic variable stop?* traduzido para o espanhol, *Los límites de la variable sociolingüística*, publicado em 1984.

¹⁴ Tradução nossa: “Los estudios cuantitativos de variación que se ocupan de alternancias morfológicas, sintáticas y léxicas sufren de la falta de una teoría bien organizada de los significados.” (LAVANDERA, 1984, p. 37).

¹⁵ Na referência utilizada do texto de Lavandera (1984) é citado o trabalho de Weiner e Labov (1977). Contudo, a versão utilizada para as citações foi a edição publicada em 1983.

contexto de uso das variantes necessita ser considerado sempre, a fim de que possa ser analisado se são intercambiáveis ou não.

A toda essa discussão acerca da variação das formas pronominais de primeira pessoa, cabe rememorar o princípio da estratificação apresentado por Hopper (1991) (ver seção sobre gramaticalização).

No processo de gramaticalização, a *gente* passou a integrar o mesmo domínio funcional que o pronome *nós*. Essas formas passam a coexistir e a pertencer a esse mesmo domínio, passando a ser intercambiáveis.

Mesmo assim, no âmbito do PB, não há registro de desuso da forma *nós*, mesmo que a *gente* esteja, de fato, bastante incorporada à fala dos brasileiros. Isso tem ocasionado um processo de variável estável da variante inovadora, conforme especificaram pesquisas citadas ao longo deste trabalho.

Gorski e Tavares (2013) contribuem com a discussão quando apresentam a explicação de Bybee (2012 apud GORSKI; TAVARES, 2013) acerca de como esse processo de variação é compreendido pela teoria Sociolinguística e pelo Funcionalismo. Segundo Bybee, a variabilidade inerente é um ponto de encontro entre as duas teorias, considerando que ambas têm como alvo de estudo a língua em uso.

Sobre as ideias que embasas as teorias supracitadas, Gorski e Tavares (2013) mencionam que tem a compreensão de que a mudança é um “processo contínuo e gradual” (p. 88).

Ainda no que se refere à mudança linguística, é importante destacar que a gramaticalização, processo de mudança responsável pela migração de formas linguísticas para a gramática, vem recebendo grande destaque nos estudos funcionalistas como fonte de explicação para casos de mudança morfossintática (NEVALAINEN; PALANDER-COLLIN, 2011). No âmbito da sociolinguística, como vimos, Labov (2010) também aponta a gramaticalização como uma possível fonte de explicação para a mudança morfossintática. (GORSKI; TAVARES, 2013, p. 90).

Segundo as mesmas autoras, esse é um ponto de intersecção nas teorias sociolinguística e funcionalista sobre a variação e a mudança linguística. Elas prosseguem explicando que a Sociolinguística entende que a variação estilística é um mecanismo utilizado pelo falante no ato do contexto de fala. Já o Funcionalismo, a partir de uma visão de Traugott (2002 apud GORSKI; TAVARES, 2013) “não só

defende que a mudança é motivada por práticas discursivas e sociais, como acredita que os estudos funcionalistas de gramaticalização orientados para o falante podem contribuir para o estudo sociolinguístico da variação intrafalante” (p. 91).

CAPÍTULO 3

3 CORPUS E METODOLOGIA

As bases metodológicas do presente trabalho estão assentadas nos estudos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008; WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006; dentre outros), bem como nas contribuições acerca da pesquisa de Tarallo (2006) e Guy e Zilles (2007).

Com o intuito de subsidiar a tomada de decisão acerca dos rumos da pesquisa, primeiramente, foi necessário um levantamento bibliográfico preliminar sobre a teoria sociolinguística.

A Cidade de Goiás foi escolhida como comunidade de fala a ser pesquisada, primeiramente, por ainda não se ter conhecimento de estudos sobre a variação pronominal de primeira pessoa do plural na fala local. Outro ponto considerado é que a cidade, mesmo sendo um local de visitação turística, que recebe eventos de grande porte, preserva seu estilo pacato, interiorano. E, ainda, a observação de que, como tendência no PB, a forma pronominal *a gente* está sendo bastante utilizada pelos informantes vilaboenses em substituição ao pronome *nós*.

A pesquisa tem cunho quantitativo e qualitativo, considerando a análise dos dados a partir da metodologia proposta nos estudos sociolinguísticos, que considera as influências linguísticas e sociais. No caso desta pesquisa, optou-se por compreender essas influências nos usos das formas pronominais de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*, na comunidade vilaboense¹⁶.

Sabendo da existência de um banco de dados já constituído com informantes da Cidade de Goiás, optou-se por utilizá-lo, já que os critérios adotados na coleta de dados são condizentes com a metodologia sociolinguística. Desse modo, optou-se por utilizar entrevistas do banco de dados do Projeto *Fala Goiana*, do Grupo de Estudos Funcionalistas da Universidade Federal de Goiás (GEF/UFG). Dessa maneira, foram escolhidas doze entrevistas realizadas com informantes da Cidade de Goiás.

¹⁶ Gentílico atribuído às pessoas nascidas na Cidade de Goiás. A cidade já foi chamada de Vila Boa de Goyaz.

Para complementar a amostra, decidiu-se por realizar mais doze entrevistas também com informantes da Cidade de Goiás com perfil semelhante aos do GEF/UFG. Em ambos os casos, os informantes são estratificados em sexo, faixa etária e escolarização até a quarta série do ensino fundamental.

3.1 Breves considerações sobre a Pesquisa quantitativa e o levantamento de dados

Guy e Zilles (2007) prepararam uma coletânea de seus trabalhos acerca da pesquisa quantitativa, a fim de auxiliar os pesquisadores a compreender a importância e o aparato teórico-metodológico dessa linha.

Guy (2007) afirma que a pesquisa dialetal é simultaneamente um desafio e um atrativo, já que é possível explorar a sistematicidade das formas linguísticas e ao mesmo tempo compreender o seu lado social.

A realização de análises quantitativas possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística. [...] O uso de métodos estatísticos, contudo, tem permitido demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígio e estigma, entre tantas outras. (GUY; ZILLES, 2007, p. 73).

Esses autores apontam ainda que não é adequado que os elementos linguísticos em estado de variação sejam analisados de maneira categórica ou somente qualitativos.

Neste capítulo, será descrita a metodologia de coleta dos dados para a análise quantitativa para esta pesquisa. Cabe, contudo, mencionar as três fases que compõem a pesquisa quantitativa, quais sejam: 1. Coleta de dados; 2. Redução e apresentação de dados; e 3. Interpretação e explicação dos dados. (GUY, 2007, p. 20).

As pesquisas contam com o aparato tecnológico para auxiliar os cálculos estatísticos, pesos relativos dos dados coletados e estratificados na amostra. No caso do trabalho em questão, será utilizado o programa computacional GoldVarb X, versão para *Windows*, do pacote VARBRUL.

A metodologia sociolinguística estabelece a necessidade de se coletar os dados para constituição de uma amostra aleatória dentro da comunidade de fala, ou seja, a escolha dos informantes precisa ser representativa da comunidade então estudada. (GUY, 2007; TARALLO, 1986).

3.2 Banco de dados GEF

O Grupo de Estudos Funcionalistas (GEF)¹⁷ é constituído por professores pesquisadores da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás (UFG). Conforme especifica a página do grupo na internet, seu propósito de criação foi o de estudar pelo viés funcionalista da linguagem fenômenos ocorridos no Português Brasileiro, observando tanto a variedade goiana quanto as demais variedades, bem como aplicação dos métodos funcionalistas ao ensino de língua materna.

Entre as atividades do grupo são desenvolvidos vários projetos de pesquisa, dentre eles, o Projeto *Português Contemporâneo Falado em Goiás – “Fala goiana”*. O referido projeto, iniciado em 2004 por pesquisadores do GEF, foi idealizado a partir da junção de outros projetos com orientação na teoria funcionalista, a fim de analisar fenômenos do PB, observados na variedade de fala goiana.

No banco de dados disponibilizado pelo grupo, constam entrevistas com informantes de Goiânia e também da Cidade de Goiás, de ambos os sexos e com faixa etária que vai dos 25 até mais ou menos 70 anos. Outro detalhe é que os informantes possuem baixa escolaridade (até quatro anos em média). Essas entrevistas foram realizadas entre os anos de 2003 e 2004, há mais ou menos quinze anos.

Para esta pesquisa, são utilizadas apenas as entrevistas com informantes da Cidade de Goiás, extraídas do banco de dados do GEF. Nas seções abaixo, são detalhadas as etapas de definição e contextualização da comunidade de fala estudada, da coleta, seleção e estratificação dos dados, bem como os passos da análise.

¹⁷ Na página do GEF/UFG constam todas as informações sobre os projetos desenvolvidos pelo grupo, a sua história, bem como o banco de dados com todas as entrevistas realizadas. Disponível em: <https://bit.ly/2R0ASeP>. Acesso em: 14 jul. 2018.

3.3 Contextualização da comunidade de fala vilaboense

A Cidade de Goiás foi fundada no ano de 1727 por Bartolomeu da Silva Bueno, filho do conhecido Anhanguera, sendo então chamada de Arraial de Sant'Ana. No ano de 1739, passando à condição de vila, passou a se chamar Vila Boa de Goiás. Apenas em 1818 foi elevada à categoria de cidade, quando então o município recebeu o nome de Goiás.

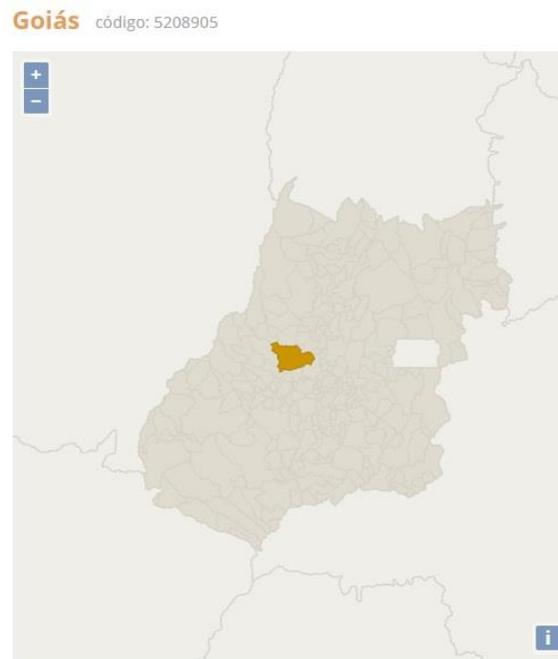
Durante muito tempo, houve a exploração do ouro na região, período conhecido como Ciclo do Ouro e, nessa época, a cidade era bastante próspera. Contudo, após o esgotamento dos recursos, a cidade foi sendo deixada.

Segundo Silva (2012),

Fizeram parte do povoamento da Cidade de Goiás indígenas, paulistas, mineiros, europeus (portugueses e alemães) e africanos. Do contato entre europeus, indígenas e africanos em Goiás, surgiram “os roceiros” que correspondem aos “caipiras” do interior de São Paulo. Conforme Santos (2002), o “roceiro” goiano é, segundo a voz do dominador, uma camada corrompida pela impureza da mistura pluriétnica e, talvez por isso, o acúmulo de preconceitos linguísticos e sociais reflete nas variedades rurais. (p. 92).

A Cidade de Goiás, que também já foi considerada uma das Províncias do Império (Província de Goiás), foi a capital do estado de Goiás até os anos 1930, quando foi projetada e construída a cidade de Goiânia. Então, após a sua fundação, a capital foi transferida. A antiga capital fica localizada cerca de 130 quilômetros da atual capital.

Figura 5 – Localização da Cidade de Goiás no mapa do Estado de Goiás



Fonte: IBGE (2018).¹⁸

A antiga cidade preserva seu estilo pacato, sem grandes movimentações cotidianas. Os próprios moradores, especialmente residentes no centro histórico, procuram preservar esse sossego.

¹⁸ Disponível em: <https://bit.ly/2OSIIo>. Acesso em: 21 jan. 2019.

Figura 6 - Vista do centro histórico



Fonte: Arquivo da autora.

A cidade é conhecida por eventos importantes, como Carnaval, Semana Santa, Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), quando tem sua rotina alterada, já que recebe grande número de turistas.

O turismo religioso e o histórico são dois fortes atrativos, em que se destaca a Procissão do Fogaréu. Quanto ao turismo histórico, o foco são museus, casarões antigos, igrejas e todo o conjunto arquitetônico da cidade.

Figura 7 - Procissão do Fogaréu Cidade de Goiás



Fonte: SANTANA (2019).¹⁹

Outro ponto de grande visitação é o Museu Casa de Cora Coralina. Poetisa e doceira, Cora Coralina nasceu em Goiás. A casa em que Cora nasceu e viveu durante muitos anos, após a sua morte, foi transformada em museu e abriga o acervo de obras, pertences pessoais e mobiliários. Localiza-se no centro histórico e é um dos pontos mais procurados por turistas do mundo todo.

A poetisa ficou conhecida por seus textos que narram situações do cotidiano, e do espaço em que ela viveu. Cora foi publicamente saudada pelo escritor Carlos Drummond de Andrade e visitada pelo escritor baiano Jorge Amado na década de 70.

Figura 8 - Museu Casa de Cora Coralina



Fonte: MUSEU CASA DE CORA CORALINA (2015).²⁰

¹⁹ Fotografia disponível em: <https://glo.bo/2ZoQ8Y6>. Acesso em: 27 abr. 2019.

²⁰ Disponível em: <https://bit.ly/2QZHNol>. Acesso em: 15 mar. 2019.

Em 2001, o município recebeu da Unesco o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, considerando a preservação de seu casario, das ruas de pedra e de toda a carga cultural mantida ao longo dos anos.

Conforme Oliveira (2014),

O espaço urbano da cidade de Goiás chegou ao século XX conservando a estrutura básica da sua formação, no século XVIII, e seguindo as principais diretrizes para sua expansão.

[...] Ao se comparar as malhas urbanas referentes ao começo dos séculos XIX e XX percebe-se que a manutenção das grandes áreas livres, características dos espaços de poder, onde estão implantados os grandes equipamentos institucionais políticos, civis e religiosos, foram fundamentais para permanência da forma urbana. Com relação à produção arquitetônica, foram mantidos basicamente os mesmos padrões. (OLIVEIRA, 2014, p. 73-74).

Esse relato se confirma no fato de que estão preservados os três largos principais da época de sua fundação: o largo da Matriz, onde se localizam a Catedral de Sant'Anna, o Palácio Conde dos Arcos (Palácio do Governador), a Praça do Coreto e a Igreja da Boa Morte (atualmente funciona o Museu da Boa Morte); o largo do Chafariz, onde está construído o Museu das Bandeiras, antiga Casa de Câmara e Cadeia e também o Quartel do XX, que já serviu de hospital, cadeia e abriga atualmente órgãos municipais; e o largo do Rosário, onde está construída a Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Conforme dados de 2018, extraídos da página do IBGE, a população estimada da cidade é de 22.916 pessoas. Assim, é possível perceber um decréscimo da população se comparados os resultados com o último censo, realizado em 2010, quando constavam 24.727 pessoas.

Esse decréscimo de habitantes, em parte, deve-se à saída em busca de melhores condições de trabalho, já que a cidade mesmo com grande potencial turístico não consegue empregar e pagar salários condizentes com as necessidades da população.

A cidade, atualmente, tem enfrentado uma crise econômica, apesar do turismo frequente. O município pouco arrecada e passa por dificuldade com pagamentos de salários dos servidores, pouca geração de empregos, crise na saúde, o que tem ocasionado uma série de problemas para a população.

Ainda sobre a Cidade de Goiás e uma vez que esta seção a contextualiza enquanto comunidade de fala escolhida, faz-se pertinente rememorar Bortoni-Ricardo (2014) e seu conceito de *rurbano* e de *continuum*.

Nesta perspectiva, também cabe retomar a fala de Silva (2012)²¹ quando fala sobre o povoamento na Cidade de Goiás. O autor mencionou que vários povos fizeram parte da constituição do então Arraial (indígenas, paulistas, mineiros, europeus, portugueses, alemães e africanos). Desses contatos multiétnicos é que surgiu “roceiros” (ou os “caipiras” do interior de São Paulo). (SILVA, 2012).

Com relação a isso, Bortoni-Ricardo (2014) esclarece que em virtude da escolarização tardia no Brasil, várias instituições podem ser colocadas como corresponsáveis pela padronização linguística, referindo-se aos cartórios, quartéis, Poder Judiciário, sedes de bispado, dentre outras.

Nas vilas e pequenas cidades, emergiram falares regionais que, de fato, são resultado do contato de várias línguas no Brasil colonial, pois durante vários séculos o português era uma língua minoritária na Colônia. Tenho trabalhado a oposição rural-urbano no Brasil, postulando um contínuo de urbanização, complementado por um contínuo de oralidade e letramento. (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 73).

A autora explica também sobre os pólos: de um lado, encontram-se as comunidades rurais, que possuem a variedade rural, especialmente aquelas geograficamente mais distantes das cidades; no lado exposto, estão as comunidades que sofreram maior influências por conta dos contatos com comunidades externas e diversas. Como elucida a própria autora, entre os pólos, posiciona-se a comunidade *rurbana*.

Os grupos rurbanos são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52 apud BORTONI-RICARDO, 2014, p. 73).

²¹ Ver acima dentro do mesmo tópico.

Dessa maneira, contextualizando as explicações tanto de Silva (2012) quanto de Bortoni-Ricardo (2004), é possível compreender que a Cidade de Goiás encontra-se localizada num contexto *rurbano*, posto que, à época de sua fundação, manteve contatos multiétnicos, assim como também teve influência da própria consolidação do português brasileiro então como língua. Essa influência do PE sobre o PB, trazida pelos portugueses, mas também a hibridez do contato com os paulistas, fez com que o grupo “vilaboense”, ao mesmo tempo, participasse do contínuo de urbanização e do contato com os “roceiros/caipiras”, sendo, dessa maneira, considerada uma comunidade *rurbana*.

Pode-se dizer, portanto, que as redes sociais dos vilaboenses, a datar da fundação do Arraial de Santana, são densas e complexas, pois passam desde o contato com várias línguas e etnias ao processo de consolidação do PB. Mesmo nos dias atuais, as redes sociais dos moradores da cidade são variadas, levando-se em consideração o próprio contato entre moradores e migrantes (e mais, recentemente, imigrantes) até as relações estabelecidas a partir da visitação pelos turistas (brasileiros de toda parte do país e também estrangeiros).

3.4 Constituindo as amostras de fala

Abaixo serão detalhadas as etapas adotadas na coleta de dados para a constituição das amostras que serão analisadas adiante. Como mencionado anteriormente, foram utilizados dois *corpora* distintos nesta pesquisa, totalizando vinte e quatro informantes.

Do primeiro, referente ao banco de dados do GEF, foram extraídas doze entrevistas, divididas em duas faixas etárias, contendo informantes de ambos os sexos e com período de escolarização de até quatro anos. Em cada faixa etária foram selecionados três informantes. Para fins de identificação nas referências quanto ao *Corpus* do Fala Goiana, fica estabelecido como *Corpus* GEF/UFG.

Quadro 5 – Informantes *Corpus* GEF/UFG

PROJETO FALA GOIANA			
	IDADE	SEXO	IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE
FAIXA ETÁRIA 1	28	F	[GEFf1F-001]
	33	F	[GEFf1F-002]
	43	F	[GEFf1F-003]
	25	M	[GEFf1M-007]
	36	M	[GEFf1M-008]
	38	M	[GEFf1M-009]
FAIXA ETÁRIA 2	48	F	[GEFf2F-004]
	65	F	[GEFf2F-005]
	70	F	[GEFf2F-006]
	65	M	[GEFf2M-010]
	72	M	[GEFf2M-011]
	75	M	[GEFf2M-012]

Fonte: Reprodução dados da pesquisa.

No segundo, referente às entrevistas realizadas recentemente (entre agosto de 2018 e janeiro de 2019), foram selecionados mais doze informantes, também divididos em duas faixas etárias e de ambos os sexos e o mesmo período de escolaridade.

Quadro 6 – Informantes *Corpus* Sociolingo

SOCIOLINCO			
	IDADE	SEXO	IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE
FAIXA ETÁRIA 1	31	F	[AMGf1F-001]
	38	F	[AMGf1F-002]
	40	F	[AMGf1F-003]
	33	M	[AMGf1M-007]
	38	M	[AMGf1M-008]
	40	M	[AMGf1M-009]
FAIXA ETÁRIA 2	46	F	[AMGf2F-004]
	46	F	[AMGf2F-005]
	60	F	[AMGf2F-006]
	47	M	[AMGf2M-010]
	48	M	[AMGf2M-011]
	49	M	[AMGf2M-012]

Fonte: Reprodução dados da pesquisa.

Em cada faixa etária foram selecionados três informantes por sexo. Para melhor identificação, essa amostra será denominada *Corpus Sociolinco*.

3.5 Roteiro para as entrevistas

Como não houve a disponibilização do roteiro oficial do Projeto *Fala Goiana*, o roteiro para as entrevistas realizadas na complementação de amostra foi adaptado a partir da leitura das entrevistas do projeto anterior²². As entrevistas seguiram o método da entrevista sociolinguística, em que se abordaram tópicos variados:

Os módulos cobrem uma série de tópicos para fins de conversação: dados pessoais do informante (sua história), jogos e brincadeiras de infância, brigas, namoro e encontros amorosos, casamento, perigo de morte, medo, família, religião, amigos, turmas, serviços públicos, o crime nas ruas, escola e trabalho, interação com outros membros da comunidade, esportes etc. (TARALLO, 1986, p. 22).

Esse método da narrativa tem sido usado com muito sucesso por pesquisadores brasileiros, com adaptações ao perfil da comunidade de fala estudada. Assim como explica Tarallo (1986), esse tipo de entrevista, em virtude dos assuntos abordados, faz com que o informante se sinta mais à vontade, monitorando menos sua fala.

O roteiro adaptado contou com uma média de quarenta e seis perguntas, que foram adaptadas às respostas/reações dos informantes e ao seu comportamento.

A abordagem e seleção dos informantes foram feitas do modo mais aleatório possível, tentando abranger e contemplar as várias regiões da cidade, a fim de que a amostra fosse o mais representativa possível, dentro das possibilidades.

Na seleção dos informantes, principalmente entre aqueles da primeira faixa etária, encontrou-se bastante resistência em encontrar e convencer os informantes, especialmente os do sexo masculino. Quando da abordagem, foi preciso dizer que era uma espécie de conversa gravada entre informante e documentador, explicando que as perguntas feitas tratavam de temas cotidianos e não de perguntas com conteúdo complexo, que possivelmente não conseguiriam responder.

²² O roteiro construído para a coleta das entrevistas entre 2018 e 2019 está disponível no Apêndice.

3.6 Coleta de dados: áudios

Para coletar as entrevistas, foi utilizado um gravador digital modelo Tascam DR-05. As gravações foram feitas em formato de áudio digital (wav). Em seguida, os arquivos de áudio foram salvos em um computador. A duração das entrevistas tem variação entre 30 e 60 minutos, dependendo da interação com cada informante.

As entrevistas, em sua maioria, foram gravadas na casa ou local de trabalho dos informantes ou em local de sua indicação, a fim de que pudessem sentir-se mais à vontade.

Sabe-se que a presença do documentador e a utilização do gravador tendem a inibir a fala totalmente espontânea do informante, especialmente porque não há relação de proximidade entre ambos. Assim, para tentar fazer com que o informante tivesse a maior naturalidade possível, o documentador permitiu que o entrevistado escolhesse local e horário mais apropriado de acordo com a disponibilidade de cada um.

Labov (2008) denomina esse problema como *paradoxo do observador*. O sociolinguista americano explica que a pesquisa sociolinguística em uma comunidade objetiva perceber como as pessoas falam nos momentos em que não são observadas. Contudo, os pesquisadores só conseguem obter esses dados de fala com a observação sistemática.

Para que o “impacto” dessa observação seja reduzido durante a situação de fala, são utilizados vários mecanismos para desviar a atenção do falante durante a entrevista. Um dos métodos mais utilizados são as perguntas que tratam de assuntos que envolvem as emoções vividas pelo informante, infância, relações amorosas, situações de perigo, por exemplo. Para isso, é preciso que o pesquisador, de preferência, prepare o roteiro de entrevista semiestruturada, que ajudará na condução da conversa com o informante.

O próprio Labov (2008) ainda lembra que esse método pode não ter sucesso com todos os informantes, pois o “grau de espontaneidade ou entusiasmo nas respostas dos indivíduos pode variar muito”. (p. 103).

Antes de realizar as gravações, os informantes foram orientados de que a entrevista seria gravada e que era necessário assinar um termo de autorização. Além disso, no dia da gravação, um perfil social de cada informante foi preenchido pelo

documentador. Com a finalidade de preservar a identidade dos participantes, os áudios das entrevistas, identificados com pseudônimos, não serão divulgados.

3.7 Transcrições

Após a gravação dos áudios, o passo seguinte foi a transcrição das entrevistas. Para essas transcrições não houve auxílio de programa específico, apenas o uso de fone de ouvido com isolamento acústico, a fim de possibilitar a melhor audição possível.

Já que se optou por utilizar entrevistas do banco de dados do Projeto *Fala Goiana*, a metodologia tanto da coleta dos dados quanto da transcrição, seguiu critérios bastante aproximados aos utilizados pelo GEF. Assim, conforme Silva (2005), as normas de transcrição foram sistematizadas a partir das orientações de Castilho e Preti (1987), utilizadas no Projeto NURC.

As transcrições do GEF, como dito anteriormente, encontram-se disponíveis em uma página²³ da Universidade Federal de Goiás, dedicada ao grupo de estudos.

3.8 Estratificação e codificação dos dados

Scherre e Naro (2007, p. 155) elucidam que codificar os dados “é transformar em código identificável pelos programas computacionais tudo o que queremos que seja quantificado”. Desse modo, durante a transcrição das entrevistas, as ocorrências contendo o fenômeno ora estudado foram selecionadas.

Para facilitar a identificação das variáveis sociais e linguísticas nessas ocorrências, optou-se pela confecção de uma tabela no programa Excel. O quadro foi dividido em nove colunas assim denominadas:

²³ Informações sobre o grupo de estudos está disponível em: <https://bit.ly/2QZHNvN>.

Quadro 7 – Codificação dos dados para a pesquisa

COLUNA	DENOMINAÇÃO	EXEMPLO	
A	Ocorrências	“nós num casô... nós fugiu...”	
B	Codificação para GoldVarb X	(NE2m2	
C	Idade do informante	47	
D	Sexo/Gênero	Masculino	Variáveis
E	Identificação do informante	[AMGf2M-010]	Sociais
F	Escolaridade	EF 1ª fase incompl.	
G	Tipo de sujeito	N explícito	Variáveis
H	Referência do sujeito	Específico	linguísticas
I	Tempo verbal	Pretérito perfeito	

Fonte: Elaboração própria.

Dessa maneira, na coluna A, aparecem as ocorrências identificadas na fala de cada informante, sendo que cada linha da tabela se refere a uma característica da ocorrência. Na coluna B, apresenta-se a codificação estabelecida para ser reconhecida pelo programa estatístico escolhido, neste caso, o GoldVarb X. Nas colunas C, D, E e F aparecem as informações das variáveis sociais estabelecidas para a análise. E nas colunas G, H e I são apresentadas as variáveis linguísticas estudadas.

Para cada informante, a partir de seu perfil, foi criada uma identificação, na qual consta a qual *Corpus* pertence determinada ocorrência, sexo/gênero, faixa etária (1 ou 2) e, na frente, um número sequencial. Optou-se por criar um código de identificação para cada informante, nesse caso, funcionando como um pseudônimo, de modo que se tem, por exemplo, [GEFf1F-001] e [AMGf1F-001].

Na identificação constam as seguintes informações sobre o informante:

1. *Corpus* a que pertence a entrevista, que é identificado pelas siglas: GEF, para *Corpus* GEF/UFG, e AMG para *Corpus* Sociolinco;
2. Faixa etária a que pertence 1 ou 2;
3. Sexo/gênero;
4. Número sequencial de 001 a 012.

Na codificação para o programa não há na identificação do informante dado da escolaridade, considerando que todos os informantes possuem até quatro anos de frequência à escola.

Concluída a fase de transcrição, estratificação e codificação dos dados, para manuseio e análise estatística das variáveis foi escolhido o GOLDVARB X, um programa de computador, que atualmente é uma das principais ferramentas para análises estatísticas de dados das pesquisas sociolinguísticas variacionistas. Na seção seguinte, o programa será melhor explicado.

3.9 Análise quantitativa dos dados: o programa GoldVarb X

O GoldVarb X é a versão atualizada para o *Windows*, que pertence ao pacote Varbrul, do inglês *Variable Rules Analysis*. O programa apresenta ainda outras versões compatíveis com outro sistema operacional de computador, que são denominadas de *GoldVarb Yousemite* e *GoldVarb Lion*.

Esse pacote de programas foi desenvolvido através dos estudos de vários pesquisadores matemáticos, como explica Tagliamonte (2006). O GoldVarb encontra-se disponível para ser baixado gratuitamente na internet. Todo o menu do programa pode ser acessado em inglês, o que, por vezes, dificulta a compreensão dos termos pelo usuário nas primeiras vezes. Inclusive, na internet, estão disponíveis vídeos e manuais para sua utilização.

Conforme salienta Guy e Zilles (2007, p. 105), “o Varbrul é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística.”

Scherre (2012) explica que o programa auxilia na medição do peso relativo de cada fator variável, sendo eles independentes ou em grupos.

Os programas da série *Varbrul* geram como produto final resultados numéricos associados aos diversos fatores dos grupos de fatores, que medem o efeito relativo de cada fator no fenômeno variável sob análise. São valores projetados, denominados *pesos relativos*. Os programas apresentam também valores percentuais e medidas estatísticas diversas, que indicam se os grupos de fatores considerados pelo pesquisador são significativos do ponto de vista estatístico. (SCHERRE; NARO, 2007, p. 161).

Cabe mencionar que a obra de Gregory Guy e Ana Zilles (2007) contribuiu imensamente na compreensão dos termos e o manuseio do programa GoldVarb X, já que os pormenoriza em seus capítulos.

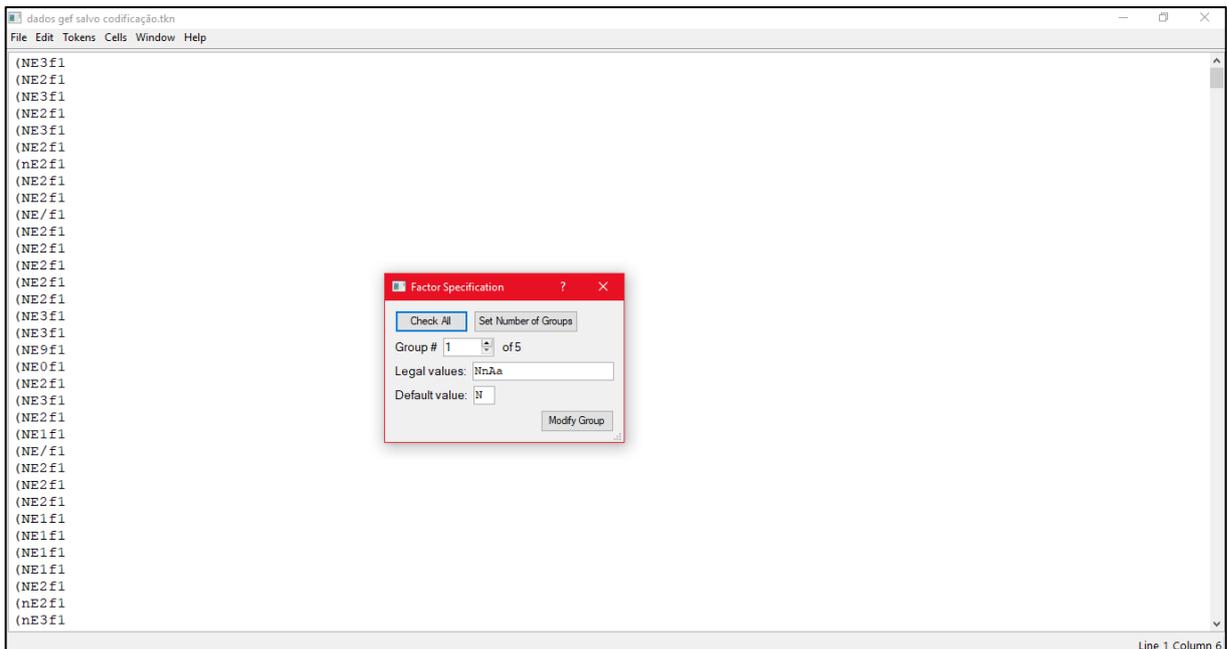
Guy (2007) salienta que o programa é uma ferramenta bastante útil, contudo é apenas uma ferramenta, já que é necessário que o pesquisador aprofunde a sua análise, pois a significância dos números precisa ser explicada. “O Varbrul é apenas um recurso (embora sofisticado) para a manipulação dos dados. Não discerne padrões, não faz generalizações, nem explica achados.” (GUY, 2007, p. 69-70).

Essa afirmação do autor quer dizer que a análise quantitativa requer uma análise também qualitativa, já que os fatores sociais e linguísticos precisam ser contextualizados e compreendidos.

No capítulo seguinte, será possível compreender melhor essa necessidade de interpretação das variáveis sociais e linguísticas.

Abaixo segue a demonstração da tela inicial do programa GoldVarb X com a codificação dos dados e grupo de fatores para a análise. Os dados codificados que aparecem na figura 9 foram os utilizados neste trabalho.

Figura 9 – Tela de codificação dos dados no GoldVarb X



Fonte: Programa GoldVarb X.

Na figura seguinte, é possível observar uma tela de resultados obtidos a partir do tratamento estatístico no GoldVarb X.

Figura 10 – Tela de resultados do GoldVarb X

Arquivo Editar Formatar Exibir Ajuda

• CELL CREATION • 02/05/2019 01:51:35 •.....

Name of token file: Codificação NA - Corpus 2 com TV a

Name of condition file: Untitled.cnd

(

; Identity recode: All groups included as is.

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

)

Number of cells: 45

Application value(s): NA

Total no. of factors: 12

Group		N	A	Total	%
1 (2)		N	A		
E	N	222	366	588	86.2
	%	37.8	62.2		
G	N	10	78	88	12.9
	%	11.4	88.6		
I	N	1	5	6	0.9
	%	16.7	83.3		
Total	N	233	449	682	
	%	34.2	65.8		

Windows (CRL Ln 1, Col 1 110%

Fonte: Programa GoldVarb X.

Como mencionado acima, a interface do programa é toda na língua inglesa, o que, por vezes, dificulta o seu manuseio. Em virtude disso, recorreu-se à Guy e Zilles (2007) para explicar algumas terminologias importantes, mais adiante, na análise dos dados.

Alguns dos termos mais utilizados nesta análise, são: *grupo de fatores*, *input*, *peso relativo* e *ponto neutro*. Os autores supramencionados (2007) construíram um glossário com os principais termos e a partir dele, seguem algumas explicações.

Quanto ao grupo de fatores,

Um grupo de fatores representa uma das variáveis independentes, seja ela linguística ou social, que o pesquisador quer testar como uma

possível influência no comportamento da variável dependente: por exemplo, idade do falante, contexto fonológico anterior ao segmento em foco, estrutura métrica da oração, número/pessoa do verbo. (GUY; ZILLES, 2007, p. 238).

O *input* é uma parte importante do modelo estatístico desenvolvido pelo Varbrul. Como explica Guy e Zilles (2007), “o *input* representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente.” (p. 238). Os autores ainda complementam que o *input* deve auxiliar no cálculo dos pesos relativos, levando em consideração o nível geral da amostra.

O *peso relativo*, diz respeito ao “peso de um fator [que] é um valor calculado pelo Varbrul (com base em um conjunto de dados) que indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada nesse conjunto”. (GUY; ZILLES, 2007, p. 239). Cabe ainda mencionar os autores, quando explicitam que “o peso é ‘relativo’ ao nível geral de ocorrência da variante, investigada pelo *input*.” (p. 239).

O *ponto neutro* é basicamente um número (valor) em que a variante se encontra equilibrada, nem favorece e nem desfavorece a mesma. No caso de uma análise de variantes binárias, o valor do ponto neutro é 0,50. “Em termos de percentuais, um fator associado com um peso de 0,50 deve ter uma frequência total observada em todo o *corpus*.” (GUY; ZILLES, 2007, p. 239).

3.9.1 Sobre as rodadas de dados no GoldVarb X com as duas amostras

Como foram utilizadas duas amostras diferentes para esta pesquisa, precisou-se estabelecer alguns critérios para tratar estaticamente os dados. Desse modo, como mencionado anteriormente, optou-se por gerar três rodadas principais: a primeira, com a junção dos dados das duas amostras; depois, mais duas rodadas, cada uma com uma amostra em separado.

A seguir, apresenta-se um quadro com o grupo de fatores controlados nesta pesquisa. As variáveis serão detalhadas no Capítulo 4.

Quadro 8 – Grupos de fatores

GRUPO DE FATORES SOCIAIS	GRUPO DE FATORES LINGÜÍSTICOS
Sexo/Gênero	Tipo de sujeito
Faixa etária	Referência do sujeito
	Tempo verbal

Fonte: Elaboração própria.

Durante as rodadas, tomou-se a devida providência de selecionar sempre as mesmas variáveis, a fim de que sempre se pudesse estabelecer um comparativo com dados semelhantes.

No grupo de fatores sociais, o fator escolaridade não foi considerado, já que todos os informantes possuem tempo de zero a quatro anos de frequência à escola. No capítulo 4, há uma seção dedicada à variável escolaridade.

Nas rodadas principais, com relação ao grupo de fatores linguísticos, não houve amalgamação entre as variáveis. Por isso, na variável *Tipo de sujeito*, foram gerados os dados com os tipos explícitos e implícitos de ambas as variantes. As variáveis Referência do sujeito e tempo verbal também foram consideradas nas rodadas.

Essas rodadas principais mencionadas acima, trata-se da primeira rodada com todos os dados e também das rodadas separadas com cada amostra.

Posteriormente, após a primeira análise, foram observados nocautes. Por conta disso, para gerar os pesos relativos, foi necessário amalgamar algumas variáveis, como o tempo verbal, por exemplo, a fim de eliminar esses nocautes. No caso, todas as ocorrências do modo subjuntivo foram amalgamadas e transformadas em S (relativo ao Subjuntivo), considerando que tiveram número de ocorrências sem significância.

Nessa primeira rodada, a ordem dos fatores ficou assim estabelecida mediante a seleção no GoldVarb.

Quadro 9 – Ordem dos fatores na rodada do GoldVarb X

Rodada conjunta com as duas amostras	Rodada <i>Corpus</i> GEF	Rodada <i>Corpus</i> Sociolinco
Application value(s): NnAa	Application value(s): NnAa	Application value(s): NnAa
Grupo 1: Referência do sujeito	Grupo 1: Referência do sujeito	Grupo 1: Referência do sujeito
Grupo 2: Tempo verbal	Grupo 2: Tempo verbal	Grupo 2: Tempo verbal
Grupo 3: Sexo/gênero	Grupo 3: Sexo/gênero	Grupo 3: Sexo/gênero
Grupo 4: Faixa etária	Grupo 4: Faixa etária	Grupo 4: Faixa etária

Fonte: Elaboração própria.

Para compreender a influência dos fatores sociais e linguísticos, foram realizados outros testes, amalgamando o tipo de sujeito, transformando todas as ocorrências em *Nós* e *A gente* (incluindo as ocorrências de implícito e explícito), bem como testes com as variáveis linguísticas e sociais em rodadas separadas. Por exemplo, decidiu-se por gerar uma rodada no qual foram selecionados Sexo/gênero e Faixa etária.

Essas especificações das rodadas complementares serão detalhadas durante a análise no Capítulo 5.

3.10 Estudo de tendência (trend study)

Baseada nos estudos de Labov (1994), Freitag (2005) apresentou um estudo no qual propõe uma reflexão sobre a variável idade (ou faixa etária) e a rotula como bastante complexa.

Com relação ao tempo aparente e tempo real, Labov (1994) explicita que

A interpretação do tempo real, elaborada a partir dos estudos de painel ou estudos de tendência, requer um modelo subjacente de como os indivíduos mudam ou não mudam durante as suas vidas, como as comunidades mudam ou não mudam durante o tempo e o que pode

resultar da combinação dessas possibilidades. (LABOV, 1994, p. 83, tradução nossa)²⁴.

Para esta pesquisa, especificamente, optou-se pela realização de um *estudo de tendência em tempo real*. “O estudo de tendência (*trend study*) é mais simples: requer uma amostra randômica da mesma comunidade de fala em um período y, posterior ao da primeira coleta.” (FREITAG, 2005, p. 108).

Essa escolha deveu-se ao fator de terem sido consideradas duas amostras da fala vilaboense temporalmente distintas, requisito metodológico para estudo de tendência.

Freitag (2005) explica (em nota de rodapé) que, essa constituição da amostra e o interstício de tempo são relativas, posto que não há “valor seguro” para estabelecer o período de observação. Conforme salienta, “estimam-se períodos de cinco anos, 10 anos, 20 anos, como o caso do /r/ em Nova York (LABOV, 1994) ou até 40 anos, como é o caso do estudo na comunidade de Martha’s Vineyard, em 1962 por Labov, e em 2002 por Blake & Josey (2003).” (FREITAG, 2005, p. 107).

Com relação às duas amostras utilizadas aqui, o lapso temporal que as separa é de pouco mais de quinze anos, visto que a primeira coleta ocorreu entre 2003 e 2004 (GEF/UFG) e a segunda entre 2018 e 2019.

²⁴ Tradução nossa para o trecho: “The interpretation of real-time data, draw from panel studies or trend studies, requires an underlying modelo f how individuals change or do not change during their lives, how communities change or do not change over time, and what may result from combinations of these possibilities.” (LABOV, 1994, p. 83).

CAPÍTULO 4

4 HIPÓTESES E APRESENTAÇÃO DAS VARIÁVEIS SOCIAIS E LINGUÍSTICAS

Este capítulo dedica-se à descrição das variáveis elencadas na análise dos dados. Na primeira seção, será discutida a relevância dos fatores sociais na análise das variáveis linguísticas. Em seguida, serão expostas as variáveis linguísticas da análise.

4.1 Variáveis sociais

Segundo Mollica (2007), são vários os estudos que vinculam as variáveis sociais aos fenômenos linguísticos.

Para Labov (2008), os linguistas em geral concordam que “a língua é um fato social”, contudo, apresentam diferentes concepções acerca disso. No tocante à mudança linguística, o autor norte-americano explica que são encontradas visões e preocupações muito diferentes sobre o contexto social em que ocorre a mudança.

A respeito disso, Labov (2008) cita vários estudiosos e os agrupa em dois grupos: A e B. No grupo A os seguintes linguistas: Whitney, Meillet, Schuchardt, Jespersen, Vendryes e Sturtevant. No grupo B, coloca Paul, Bloomfield, Martinet, Troubetzkoy, Hockett, Sweet, Chomsky, Kurylowicz e Halle. (LABOV, 2008, p. 308).

O grupo A, chamado de o grupo “social”, leva em consideração o fator social para a compreensão da mudança e

vê as funções expressivas e diretivas da língua intimamente entrecruzadas com a comunicação de informação referencial; estuda a mudança em andamento e vê mudança em andamento refletida nos mapas dialetais; e enfatiza a importância da diversidade linguística, das línguas em contato e do modelo de ondas para a evolução linguística. (LABOV, 2008, p. 305).

Quanto ao grupo B, grupo “associal”, Labov (2008) explica que tais linguistas, direcionavam os estudos aos fatores internos (estruturais ou psicológicos), a fim de abordar aspectos da mudança.

O sociolinguista salienta que é injusto dizer que os linguistas desse grupo desconsideraram totalmente as características sociais da mudança. A questão é que

entendem essa influência social como algo alheio “à operação normal da língua e consideram a operação dos fatores sociais como interferência disfuncional no desenvolvimento normal ou como intervenção rara e assistemática.” (LABOV, 2008, p. 306).

O que o autor menciona é que para esse segundo grupo, as pressões sociais não influenciam diretamente na língua ou que quando chegam a interferir não tem grande impacto.

Nas seções seguintes serão explorados aspectos das variáveis sociais no contexto da Sociolinguística Variacionista.

4.1.1 Sexo/Gênero

Pensar a variável sexo/gênero implica falar de questões que estão além dos aspectos linguísticos. Inclusive nos estudos sociolinguísticos essa variável já conta com várias discussões.

Simone de Beauvoir (1970) remonta ao pensamento de Aristóteles (s.d.), que dizia que “a fêmea é fêmea em virtude de certas carências”. Logo, o corpo feminino estaria vinculado apenas ao corpo/sexo, fonte do prazer masculino, desprovido de outras capacidades.

"O corpo do homem tem um sentido em si, abstração feita do da mulher, ao passo que este parece destituído de significação se não se evoca o macho... O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem". Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o "sexo" para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para êle, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. (BEAUVOIR, 1970, p. 11).

No campo dos estudos sociolinguísticos, essa observação sobre o gênero teve início com as pesquisas de Labov nos anos 1960. Objetiva-se, com isso, observar o comportamento das variáveis linguísticas a partir da ótica do gênero. Falar sobre as questões de gênero envolve discutir as construções sociais acerca dos papéis de homens e mulheres.

Santos (2011) fundamenta que até meados dos anos 1970, o conceito de sexo nas pesquisas variacionistas era condizente com a maneira empregada pelas Ciências Sociais. Contudo, a evolução do pensamento feminista propiciou a compreensão de que as categorias sociais de sexo e gênero são bastante complexas, por isso “os indivíduos deixaram de ser categorizados apenas segundo seu sexo biológico, [...] passando a ser reconhecidas as dimensões sociais e psicológicas para categorização dos indivíduos”. (SANTOS, 2011, p. 45).

Ainda na perspectiva explicada por Santos (2011), na atualidade, a designação de sexo é empregada na distinção fisiológica (macho e fêmea) e gênero está contextualizado na perspectiva social e cultural da diferença sexual.

Santos (2011) ainda esclarece que essas ideias têm reflexo sobre os estudos variacionistas na atualidade, já que reconhece que há sim uma vinculação entre as experiências dos indivíduos e o sexo.

Labov (1991) estabelece dois princípios para correlacionar os aspectos linguísticos com o fator gênero:

- (I) Na estratificação sociolinguística, os homens tendem a usar com maior frequência as formas não-padrão do que as mulheres.
- (II) Quando há mudança linguística, as mulheres tendem a usar com maior frequência a variante inovadora do que os homens. (LABOV, 1991, p. 205-206, tradução nossa).²⁵

No primeiro princípio, o autor explica que nas mudanças vindas de cima/mudanças estáveis (*changes from above*), as mulheres têm a tendência de utilizar as formas de prestígio mais do que os homens; já no segundo princípio, ocorre o contrário, quando as mudanças vêm de baixo/mudanças em progresso (*changes from below*), as mulheres estão mais propensas a utilizar as variantes inovadoras.

Essa discussão acerca das diferenças de gênero influenciando o comportamento de mulheres e homens mediante as variantes da língua, é também considerada por Eckert (1990). A autora (1990), em seu estudo, expõe que esse comportamento pode alternar de uma variável para outra, apontando os resultados encontrados por Trudgill (1972 apud ECKERT, 1990) em Norwich e para Labov (1972

²⁵ Tradução nossa: (I) In stable sociolinguistic stratification, men use a higher frequency of nonstandard forms than women. (II) In the majority of linguistic changes, women use a higher frequency of the incoming forms than men. (LABOV, 1991, p. 205-206).

apud ECKERT, 1990) em Martha's Vineyard e na Filadélfia (1984 apud ECKERT, 1990).

No caso das variantes elencadas para esta pesquisa, como verifica-se a partir de outras pesquisas no âmbito do PB, como em Mattos (2017), que se trata de uma mudança em curso, aventa-se que o comportamento das mulheres é mais propenso ao uso da variante inovadora, em questão, *a gente*. E os homens, então, estariam mais propensos ao uso de *nós*, variante conservadora.

Alerta-se, contudo, para que se examine essa variável conjuntamente com a faixa etária, a fim de que se verifique as diferenças nos comportamentos entre homens e mulheres a partir da sua idade.

4.1.2 Escolaridade

Sabe-se que a escola é responsável pelas mudanças na fala e na escrita, bem como é parte do processo de construção social, da cidadania dos indivíduos. Votre (2007, p. 51) lembra que a escola “atua como preservadora de formas de prestígio, face tendências de mudança em curso nessas comunidades.” E ainda complementa dizendo que o contato com a literatura vai moldando padrões, normas, gostos “em face da conformidade de dizer e de escrever”.

A escolaridade não é especificamente uma variável elencada neste trabalho. Na verdade, não houve estratificação dos dados nessa variável já que todos os informantes possuem o ensino fundamental de primeira fase completo ou incompleto.

Como já explicado anteriormente, metade do *Corpus* analisado na presente pesquisa é constituído por gravações do GEF. Foi necessário, contudo, complementá-lo com novas entrevistas com perfis semelhantes, já que a quantidade de perfis (apenas doze entrevistas) não constituiria uma amostra representativa da comunidade de fala.

Com base nos perfis selecionados, será possível observar, de forma preliminar, se os falantes com pouca escolaridade estão optando pelo uso dos pronomes de primeira pessoa do plural na Cidade de Goiás.

Segundo Votre (2007), na escola ainda permanecem as abordagens quanto ao uso das formas padrão no ensino da língua. As formas não-padrão geralmente são

pouco ou nada exploradas, já que a maioria dos livros, manuais, não abordam. Inclusive os livros literários que, em sua maioria, tendem ao uso das variantes padrão. O mesmo autor (2007) ainda lembra o resultado da análise do Projeto PEUL que apontou uma correlação entre a taxa de uso do pronome *nós*, em posição de sujeito, e o nível de escolaridade do informante.

Quanto ao uso de *a gente*, Votre (2007, p. 55, grifos do autor) elucida que há a tendência de que seja rejeitado quando “a forma é utilizada com o verbo na primeira pessoa do plural, como em *a gente vamos jogar*”. E também complementa ao explicar que isso decorre do processo da regularização, já que *a gente* figura como substituto de *nós*.

4.1.2.1 Dados sobre escolaridade na Cidade de Goiás de acordo com o Censo

Conforme os dados do último censo demográfico no ano de 2010²⁶, a Cidade de Goiás somava 24.727 habitantes, incluindo moradores das áreas rurais e urbanas. A estratificação dos dados sobre o censo, especificamente na amostra sobre a Educação, revelou que 2.964 pessoas nunca frequentaram a escola. Conforme os dados do IBGE, a faixa etária com maior ausência à escola ficou entre os indivíduos com 60 anos ou mais, totalizando 1.107 pessoas.

Na figura abaixo, foram transcritos os dados do censo realizado no município, expressando os dados sobre a educação.

²⁶ Os dados estratificados sobre a Educação no município podem ser consultados na página do IBGE: <https://bit.ly/2KmK8pl>. Acesso em: 22 jul. 2019.

Quadro 10 – Amostra Educação Censo 2010

Escolaridade Faixa etária	0 a 3	4 a 6	7 a 9	10 a 14	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 59	60+	Total de Pessoas
Nunca frequentou	943	82	-	13	11	-	35	102	322	349	1.107	2.964
Não frequentava, mas já frequentou	24	13	-	13	513	1.053	1.441	3.128	3.023	1.992	1.994	13.194
Frequentavam	130	911	1.060	2.039	1.465	772	456	606	376	466	288	8.569
Subtotal por faixa etária	1097	1006	1.060	2.065	1.989	1.825	1.932	3.836	3.721	2.807	3.389	24.747

Fonte: IBGE (2010).

Outro índice que vale a pena ressaltar é de que, considerando o número total de indivíduos que nunca frequentaram a escola, 27,26% tinham idade entre 25 e 59 anos, ou seja, possivelmente ainda estavam ativos no mercado de trabalho.

Também entre os que já haviam frequentado a escola, contudo à época do Censo não estavam frequentando, a faixa etária entre 30 e 49 anos apresentou números bastante expressivos.

Entre os indivíduos que estavam estudando, os dados mais expressivos foram entre a população mais jovem, de 0 e 19 anos. Os jovens e adultos, com idade a partir de 20 anos, somaram uma parcela de 34,5% da população ativa na escola. Destes, 288 indivíduos tinham 60 anos ou mais. Número baixo se levar em consideração o número total de habitantes, conforme o censo. Entretanto, demonstra

a atividade desses indivíduos mesmo na terceira idade, boa parte que teve acesso à escola fora da idade regular, através da Educação de Jovens e Adultos (EJA), incluindo alguns até que já são aposentados e, somente por essa condição, tiveram oportunidade de iniciar ou retomar os estudos.

No censo do ano 2000²⁷, os dados sobre a educação revelaram que 85% da população residente no município àquela época era considerada alfabetizada. De acordo com a estratificação dos dados, somavam 96,5% os indivíduos alfabetizados com idade entre 10 e 14 anos; aqueles entre 15 e 19 anos somavam 97,1% alfabetizados e 81,4% a partir dos 20 anos. A população do município era de 22.451 pessoas.

O público que foi entrevistado nas duas amostras utilizadas nesta pesquisa, em sua maioria, não frequentou ou frequentou pouco tempo a escola²⁸.

4.1.3 Faixa etária

No presente trabalho, as duas faixas etárias foram definidas a partir do material já existente no *Corpus* do GEF. Assim, associados à variável *faixa etária*, pretende-se observar *sexo/gênero* também. Quanto à escolaridade, como já dito, todos os informantes têm até a quarta série do ensino fundamental. Portanto, não haverá estratificação em uma ou mais faixas de escolaridade.

Freitag (2005) embasada nos estudos de William Labov (1994) apresenta uma análise sobre a variável social “faixa etária”, bem como os fatores mercado de trabalho, escolarização e as redes sociais do indivíduo.

Segundo a mesma autora, no campo dos estudos variacionistas têm-se atribuído enorme valor a esta variável, considerando que, a partir de sua observação, pode-se verificar o curso da variação e da mudança linguística.

Para Eckert (1997 apud FREITAG, 2005, p. 111), a faixa etária pode demonstrar a mudança tanto numa comunidade de fala (mudança histórica), quanto aquelas que ocorrem na fala do indivíduo, no decorrer da sua vida (gradação etária).

²⁷ Os dados do Censo referentes à amostra sobre a Educação foram extraídos do link: <https://bit.ly/2KEOmYW>. Acesso em: 23 jul. 2019.

²⁸ O próximo censo acontece no ano de 2020. É preciso verificar os novos números a partir do ano que vem, considerando que em dez anos pode-se notar mudanças consideráveis na população e em seu modo de vida.

Ainda segundo Eckert (1997 apud FREITAG, 2005), há mudança no comportamento linguístico de uma pessoa durante a sua vida, considerando mudanças de ordem social e biológicas, que se refletem na língua. A isso, a autora chama de “curso da vida linguística”. Por isso, Freitag (2005) ainda lembra que o fator faixa etária não pode ser considerado individualmente, mas sim associado a outros grupos de fatores.

Vieira (2016) explica que a variável faixa etária pode ser um indicador do estágio da mudança na comunidade, se se encontra em progresso ou se já está estabilizada.

Como se viu anteriormente, a presente pesquisa adotou dois *Corpora* diferentes para sua análise, com informantes da mesma comunidade de fala. Assim, há que se considerar que, já que os parâmetros de constituição de ambas as amostras levam a perfis bastante semelhantes, pode-se falar em uma análise de *tempo real* a partir de um *estudo de tendência* (*trend study*).

Bravin dos Santos (2009) explica que nesse tipo de estudo “comparam-se duas amostras de uma mesma comunidade de fala, submetidas aos mesmos parâmetros sociais nas duas sincronias”. (p. 75). E complementa alertando para a exigência de que essas amostras garantam uma seleção aleatória dos informantes, a fim de que haja representatividade da comunidade de fala. Nesse tipo de estudo, o foco não se dá no indivíduo e sim na comunidade de fala.

O interstício temporal entre a coleta das amostras é de mais ou menos quinze anos, tratando-se de um período considerável, embora o período mais prototípico para a contagem de uma geração seja 18 anos (BRAVIN DOS SANTOS, 2009).

Ainda com relação à faixa etária, importa lembrar que, na fase adulta, a fala do indivíduo tende à estabilidade, contudo sofre, antes disso, com as pressões impostas pelo mercado de trabalho, como afirma Chambers (2003 apud FREITAG, 2005). Em relação aos adultos, essas pressões do mercado de trabalho tendem a influenciar no modo como o falante se comporta em relação à língua.

Logo, se sua fala não for “condizente” com os padrões mais formais da língua, este pode não ter sucesso em sua colocação nesse mercado. Portanto, o falante adulto em idade ativa no mercado de trabalho tende a sofrer pressões e, geralmente, procura adaptar sua fala aos padrões requeridos.

Já os idosos, especialmente após a aposentadoria, costumam apresentar um comportamento linguístico mais livre de pressões sociais, assim como explicou Labov (1994 apud FREITAG, 2005). Os idosos nesta posição mais liberta dos padrões requeridos pelo mercado de trabalho, apresentam, portanto, comportamento menos normativo, segundo Freitag (2005).

No entanto, considerando o perfil dos informantes de ambas as amostras coletadas e estudadas nesta pesquisa (informantes com perfil de pouca escolaridade e que, de acordo com o seu perfil socioeconômico, não estão vinculados a um mercado de trabalho tão exigente de padrões normativos da língua), aventa-se a hipótese de que os falantes mais jovens tendem a usar a variante inovadora a gente, enquanto os falantes mais velhos usam mais a variante conservadora nós.

4.2 Variáveis linguísticas

Em um estudo sociolinguístico, além dos fatores sociais, é imprescindível a análise de variáveis internas ou linguísticas, sejam elas morfológicas, sintáticas, semânticas, fonético-fonológicas, discursivo-pragmáticas, dentre outras.

4.2.1 Tipo de sujeito

Por meio do controle dessa variável, será possível analisar as ocorrências encontradas no *Corpus* a partir da verificação dos tipos de sujeito, *explícito* e *implícito*.

Como o presente estudo trata da variação entre as formas pronominais de primeira pessoa do plural, as seções estão divididas em *Nós* e *A gente* explícito e *Nós* e *A gente* implícito, seguido de implícito.

Primeiramente, é preciso falar do tipo de sujeito. Castilho (2016) e Amorim (2003) explicam que esse é um conceito complexo que, mesmo estudado, ainda carece de dificuldades em sua compreensão, haja vista a sua fluidez.

O próprio Castilho (2016, p. 289) reconhece que todas essas dificuldades são inerentes à natureza tríplice do sujeito: sintático, semântico e discursivo, uma vez que “a abordagem sistêmica da língua trata com naturalidade a complexidade de mais essa categoria linguística”.

A variável em questão, considerando o tipo de estudo a ser realizado, deverá ser observada em cada uma das rodadas de dados, pois considera-se que em cada uma delas poderá se obter um resultado diverso, posto que existe um lapso temporal entre a realização das entrevistas.

De todo modo, levanta-se a hipótese de que os falantes tendem a utilizar mais vezes o pronome *nós explícito seguido de implícito*. Aqui não cabe falar em concordância verbal, uma vez que, nesta pesquisa, não se realiza tal controle. Todavia, pode-se mencionar que no caso de *nós*, o verbo requiere flexão em primeira pessoa do plural (como em “*nós vamos*”), mas como se pode observar em várias ocorrências dos *corpora*, o verbo é conjugado na forma não-marcada de terceira pessoa do singular (como em “*nós vai*”), portanto não manifestando a concordância com o verbo. Com *a gente*, o verbo não requer flexão verbal, posto que assume a forma não-marcada de primeira pessoa do singular (como em “*a gente vai*”).

4.2.1.1 Nós explícito

Os excertos abaixo apresentam ocorrências de *nós explícito*. Observe-se que mesmo o pronome na primeira pessoa do plural não concorda com o verbo que foi conjugado em terceira pessoa do singular, como em (13) e (14):

(13) **nós** comprô a casa tinha uã grana boa e meu pai tamém sem estudo de tudo... (M, 48, [AMGf2M-011]).

(14) depois... **nós** casô... depois eu tive minha família todinha... que nós casô... (F, 28, [GEFf1F-001]).

Já nas ocorrências abaixo (15) e (16), observa-se o *nós explícito* fazendo a concordância verbal com a primeira pessoa do plural.

(15) Pelo menos vamos **nós** quatro juntos... Não sei se é melhor ou pior não mas vamo junto... Aí eu tranquei o carro e a gente foi junto com ele... (F, 38, [AMGf1F-002]).

(16) **Nós** somos seis... (F, 28, [GEFf1F-001]).

4.2.1.2 Nós explícito seguido de implícito

Nas ocorrências que se seguem, observa-se o pronome *nós* explícito seguido de implícito.

(17) i **nós** viveno... viveno... viveno... e foi legal... \emptyset prantô roça... \emptyset colheu... acabô a crise de fo::me e assim por diante... foi indo... (F, 48, [GEFf2F-004]).

(18) [...] Ela queria sai mais não tava teno jeito... ai **nós** deu uma forcinha, \emptyset alugou um barracão na cidade, ai ela saiu né [...] (M, 25, [GEFf1M-007]).

(19) ai **nós** brincava... e \emptyset trabalhava muito... (F, 60, [AMGf2F-006]).

Em (17), (18) e (19), a retomada do pronome é percebida nos períodos seguintes, a partir da conjugação do(s) verbo(s), representada por \emptyset .

4.2.1.3 A gente explícito

Nos trechos abaixo, apresentam-se ocorrências da forma pronominal *a gente*, com pronome explícito:

(20) **a gente** trabalhava... meu pai prantava lavora roça... (M, 47, [AMGf2M-010]).

(21) [...] hoje **a gente** fica contano essas história... ela fica falano é (...) se ocê tivesse rido eu tinha ido embora... [...] (M, 38, [GEFf1M-009]).

Em (20) e (21), observa-se o sujeito na primeira pessoa do plural (*a gente*) levando o verbo para a terceira pessoa do singular.

4.2.1.4 A gente explícito seguido de implícito

Em (22) e (23), também é possível perceber a retomada pronominal.

(22) [...] e... **a gente** vendia... e \emptyset comprava o que precisava... e \emptyset levava... né? (M, 72, [GEFf2M-011]).

(23) aí tem aquele pasto do Caiadim... **A gente** ia lá pá pegá cajú **Ø** ficava a manhã interinha lá pegano cajú... (F, 38, [AMGf1F-002]).

Em ambos os casos, mesmo quando se trata da primeira pessoa do plural, os verbos foram conjugados na terceira pessoa do singular.

4.2.2 Referência do sujeito

De acordo com Castilho (2016), a propriedade semântica recorrente no sujeito é a agentividade, que por sua vez, “designa o constituinte sentencial cujo referente é responsável pela ação expressa pelo verbo.” (p. 296).

No que tange à variável em questão e pensando nas formas estudadas, deveria aventar-se a hipótese de que os falantes tendem ao uso do referente genérico ao utilizar *a gente*, em virtude da natureza +*genérica* herdada do substantivo *gente*, assim como foi discutido no Capítulo 2. E no caso do pronome *nós*, o referente preferido pelos falantes é o específico, considerando a natureza +*determinadora* da variante.

No entanto, pensando no tipo de dados que se têm e a forma de coleta desses, que foi através da entrevista sociolinguística, que privilegiou a condução das entrevistas a partir de assuntos cotidianos, experiências vividas pelos informantes, sugere-se, então, que os falantes tendem ao uso pronominal de ambas as variantes com o referente específico. Como o falante tende a ser conduzido pelo documentador a contar histórias vivenciadas, o seu referente geralmente está no seu círculo mais próximo de convivência (ou nas suas redes sociais).

Essa explicação também apareceu em Seara (2000), já que apresentou modelo de coleta de dados semelhante ao utilizado nestas amostras.

4.2.2.1 Referente específico

Aqui, o referente encontra-se explícito ou é demonstrado pelo falante, como nos trechos abaixo:

(24) aí o meu genro ficô assim... **Nói** vamo metê a cara... **Nós** vamo fazê o jeito... Aí fizemo a base... (F, 60, [AMGf2F-006]).

(25) **A gente** conversa sobre tudo... **Nós três**... (F, 38, [AMGf1F-002])

(26) eu mais meu esposo nós fizemo esse curso... (F, 33, [GEFf1F-002]).

(27) [...] eu mais a muíe nós só amigô... (M, 25, [GEFf1M-007]).

Nos trechos expostos, o falante retoma, dentro do contexto, a pessoa de quem fala. É possível notar que, em todos eles, mesmo diante de outras “presenças”, ele está incluso e participa da situação.

Nas ocorrências em que o referente é específico, o falante remete a uma situação vivida juntamente com outras pessoas, que, mesmo não especificadas, ficam evidenciadas no contexto de sua fala. O falante pode retomar com exatidão o contexto que quer evidenciar, tanto anterior quanto posterior ao uso do pronome, como, por exemplo, “eu mais a muié nós só amigô”.

No exemplo dado, o falante contempla o *nós*, explicando em contexto anterior ao pronome que se trata dele + esposa. Já em “A *gente* conversa sobre tudo... Nóis três...”, o falante faz a retomada posterior ao pronome para evidenciar o uso do *a gente*.

4.2.2.2 Referente genérico

Nessa categoria, o falante alude ao referente de maneira mais generalizada. Pode, por exemplo, referir-se a um grupo (colegas de trabalho, amigos de infância, grupo da igreja, etc.).

Mesmo que essa referência seja mais genérica, o falante coloca-se conscientemente dentro desse “grupo” do qual está falando.

(28) [...] e nessa época num tinha ninguém... num tinha partido ninhum pra defendê a gente... que era só Dom Tumáz... primêro lugá Deus e o anjo de guarda... Dom Tumáz só... mai nós infrentemo... (F, 65, [GEFf2F-005]).

(29) **Nós** juntava aquela turma de mulequi aqui... minino, minina... ai juntava os vei as veia...vei assim... vei assim... modo de falá né? Já de idade já... e juntava com nós pra brincá né... (M, 36, [GEFf1M-008]).

(30) [...] **a gente** vai ficano mais vei... (M, 49, [AMGf2M-012]).

(31)[...] tem uma jatobazerão **a gente** faz as nossas quermesse acontecê lá... (F, 60, [AMGf2F-006]).

Em “*a gente vai ficano mais veí*”, pode-se perceber uma ampliação do referente genérico, já que o informante não especifica exatamente sobre quem fala, contudo, inclui-se dentro do contexto.

Nos demais exemplos, essa generalização apresenta-se um pouco mais determinada, como em “*a gente faz as nossas quermesse acontece lá*”. Nesse caso, a palavra *quermesse* remete às festas paroquiais muito frequentes nas cidades do interior. Logo, a referência do informante é ao grupo religioso ao qual pertence.

Já em “*Nós juntava aquela turma de mulequi aqui... minino, minina...*”, o informante se inclui na “turma” referenciada. E em “*nós infrentemo...*”, o contexto de fala remete a um grupo dos sem-terras, que lutavam para conquistar sua terra.

4.2.2.3 Valor impessoal

A valor impessoal é uma categoria ainda mais genérica, considerando que o grau de indeterminação dos indivíduos envolvidos é maior. Algumas ocorrências encontradas exemplificam essa variável:

(32) **A gente** tem que acostumá com tudo né? (F, 46, [AMGf2F-004]).

(33)[...] quê hoje **a gente** num vê essas criança mais... de hoje em dia... fazê esses “carim”... nesse tempo tinha muito “carim”... (F, 65, [GEFf2F-005]).

(34)[...] que se num fosse Deus nós tinha o que a gente tem né? que **a gente** tem sempre... mesmo em primero lugar é Deus né? (M, 36, [GEFf1M-008]).

Lopes (2003a) considera que, no caso do valor impessoal, é mais complexo determinar o sujeito do que no caso do referente genérico. Assim, a autora explica que nessa categoria, o *a gente* pode ser substituída pelo clítico *se*. A mesma autora salienta que:

a distinção, que se tentou determinar, diz respeito ao fato de, nos casos ditos genéricos, existir ainda um caráter referencial por haver, mesmo que implicitamente, uma categoria ou grupo de pessoas. (LOPES, 2003a, p. 130).

Desse modo, de acordo com as explicações supramencionadas:

- a) ~~A gente~~ Tem se que acostumá com tudo né? (F, 46, [AMGf2F-004]).

Ou ainda:

- b) ~~A gente~~ Tem que se acostumá com tudo né? (F, 46, [AMGf2F-004]).
- c) [...] quê hoje ~~a gente~~ num se vê essas criança mais... de hoje em dia... fazê esses “carim”... nesse tempo tinha muito “carim”... (F, 65, [GEFf2F-005]).
- d) [...] que se num fosse Deus nós tinha o que a gente tem né? que ~~a gente~~ se tem sempre... mesmo em primero lugar é Deus né? (M, 36, [GEFf1M-008]).

Nos trechos acima, é possível exemplificar essa possibilidade de troca do pronome *a gente* pelo clítico *se*, de acordo com os contextos evidenciados pelos falantes.

Ainda é possível observar essa ocorrência do valor impessoal com o pronome *nós*, em menor escala, considerando os *corpora* aqui estudados, como se vê em (34) – acima – e também em (35) e (36), abaixo:

- (35) qui **nós** sem Deus nós num sono ninguém (F, 33, [GEFf1F-002]).

- (36) **nós** num sono nada sem ele que tudo tem que sê com Deus... né? (F, 33, [GEFf1F-002]).

Nas ocorrências, o pronome *nós*, em determinados contextos também pode assumir o tom genérico, abrangente e até indeterminado, como lembrou Lopes (2003a) – acima no item sobre a intercambialidade do pronome *nós*. A autora explica que *nós* – forma plural – pode referenciar um número indeterminado de pessoas, assim como se viu nos trechos citados.

Na seção seguinte 4.2.3, serão discutidos os aspectos/influências do tempo verbal nos usos das variantes *nós* e *a gente*.

4.2.3 Tempo verbal

Também foi selecionado o tempo verbal para esta análise. Importa mencionar que não será controlada a concordância verbal e a saliência fônica. Sugere-se que os informantes tendem a utilizar com maior recorrência os verbos no tempo pretérito, considerando o método de coleta de dados que fora escolhido, que é a entrevista sociolinguística.

Nesse sentido, Tarallo (1986) explica que:

“os estudos de narrativas de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com o *que* relata que presta o mínimo de atenção ao *como*.” (TARALLO, 1986, p. 22).

Assim, o próprio método privilegia ocorrências no tempo pretérito, considerando que o informante costuma referir-se a contextos no passado ao contar fatos vividos. Em virtude disso, sugere-se que as ocorrências no tempo pretérito imperfeito e pretérito perfeito sejam mais recorrentes.

Para a análise dessa variável, foram selecionados os tempos verbais, nos quais as ocorrências foram codificadas para o tratamento estatístico:

Quadro 11 – Codificação dos dados na categoria Tempo Verbal

Tempos simples	Formas nominais	Tempo composto
Presente ²⁹		
Pretérito perfeito	Gerúndio	
Pretérito imperfeito	Particípio	Perífrases - verbos auxiliares ter/haver + particípio
Pretérito mais-que-perfeito	Infinitivo	
Futuro		

Fonte: Elaboração própria.

²⁹ Todas as ocorrências dos tempos simples foram amalgamadas sem considerar o modo verbal.

Segundo Bechara (2004), o pretérito imperfeito é empregado “quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente” (p. 277).

- (37) [...] era a noite por causa das novela aí assistia... **nós** num intendia nada mais tava assistino_(M, 38, [GEFf1M-009]).
- (38) todos os finais de semana **a gente** fazia compra... (F, 33, [GEFf1F-002]).

Quanto ao pretérito perfeito, sabe-se que ele “[...] fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado.” (AS. 5, II, p. 103 apud BECHARA, 2004, p. 278).

- (39) [...] portanto que **nós** custumô que quando nós véi morá na cidade... que o homi vendeu a fazenda... (M, 40, [AMGf1M-009]).
- (40) aí **a gente** comprô mais longe... (M, 72, [GEFm2M-011]).

Bechara (2004, p. 276) ainda esclarece que o presente evidencia uma declaração, que pode ser: “a. que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala; b. que acontece habitualmente; c. que representa uma verdade universal (‘o presente eterno’)”.

- (41) É... **nós** faiz pamonha só pra nós dois aqui... (F, 46, [AMGf2F-004]).
- (42) **a gente** vê filme... **a gente** conversa... (F, 31, [AMGf1F-001]).
- (43) **A::: a gente** tem que gostá do nome que a mãe pois num tem? (F, 70, [GEFf2F-006]).

Para além dos tempos simples, consideram-se ocorrências com tempo composto, a partir de locuções verbais formadas com verbos auxiliares *ter* e *haver*, *mais verbo principal no participípio*.

- (44) [...] **nóis** tinha ido pra otro lugar... **nóis** tinha ido pro mato matá passarim essas coisa... [...] (M, 72, [GEFm2M-011]).

A análise, no capítulo subsequente, proporcionará o detalhamento dessas categorias de acordo com a observação dos dados.

CAPÍTULO 5

5 ANÁLISE DOS DADOS

No presente capítulo, serão apresentados os resultados do uso de *nós* e *a gente* na função de sujeito nos *Corpora* selecionados. Como apresentado no Capítulo 4, foram definidas três matrizes de análise das variáveis linguísticas para esta análise: *tipo de sujeito*, *referência do sujeito* e *tempo verbal*.

Na variável *tipo de sujeito*, definiram-se quatro subcategorias: *Nós explícito*, *Nós explícito seguido de implícito*, *A gente implícito*, *A gente explícito seguido de implícito*.

Durante a rodada com os dados, para gerar os pesos relativos, foi necessário amalgamar todas as ocorrências de *Nós* e de *A gente* com sujeito explícito seguido de implícito. Assim sendo, as ocorrências transformaram-se em N (para *nós*) e A (para *a gente*). Isso foi necessário, a fim de que, verificadas as ocorrências com sujeito explícito e explícito seguido de implícito, foram detectados nocautes. Os nocautes se deram em razão de não haver ocorrências de sujeito explícito seguido de implícito durante a rodada de dados no GoldVarb. Seguindo o que orienta Guy e Zilles (2007): “ou o nocaute é amalgamado com um não-nocaute, ou um nocaute negativo é combinado com um nocaute positivo. Note-se que esta última abordagem normalmente seria usada somente no caso de nocautes com muito poucos dados”. (p. 161).

5.1 Análise geral da junção dos dados dos *corpora*: variáveis linguísticas

Nas seções a seguir, apresenta-se uma análise dos dados dos dois *corpora* de maneira conjunta, a fim de se obter uma visão global de todos os dados selecionados para esta pesquisa.

Em virtude disso, abaixo, apresenta-se o quadro geral das ocorrências selecionadas, bem como sua frequência, dada a junção dos *corpora*.

Tabela 1 - Frequência de uso de *nós* e *a gente* na variedade vilaboense

NÓS		A GENTE	
Ocorrências	%	Ocorrências	%
863/1563	53,5%	727/1563	46,5%

Fonte: Elaboração própria.

Para aferir a frequência de uso das variantes na variedade vilaboense, foram selecionadas todas as variáveis na rodada do GoldVarb X, na seguinte ordem: variantes (*nós/a gente*), grau de referência do sujeito e tempo verbal, estes pertencentes ao grupo de fatores linguísticos. Para o grupo de fatores sociais foi selecionado na seguinte ordem: sexo/gênero e faixa etária.

Na tabela, é possível verificar que há maior uso do pronome *nós* pelos falantes vilaboenses, considerando a junção dos *corpora* GEF e Sociolinco. Contudo, a diferença de uso entre as variantes é de apenas 7%, já que *a gente* também tem um número bastante expressivo de usos.

5.1.1 Tipo de sujeito

Decidiu-se subdividir essa categoria em outras subcategorias, são elas: *Nós explícito*, *Nós explícito seguido de implícito*, *A gente implícito*, *A gente explícito seguido de implícito*.

Em (45) e (46), demonstram-se exemplos de ocorrência do pronome *nós* e *a gente* explícitos:

(45) aí **nóis** três correu né? (F, 38, [AMGf1F-002]).

(46) então **a gente** trabalhava muito...(F, 60, [AMGf2F-006]).

As ocorrências com o pronome *nós* explícito seguido de implícito, descrevem-se em (47) e (48):

(47) ... e **nóis** continuô... como não tinha emprego... Ø continuô trabaiano nas fazenda... (M, 40, [AMGf1M-009]).

(48) [...] ai nesse dia **nóis** gelô Ø ficô bem cum medo viu... [...] (M, 25, [GEFf1M-007]).

No caso da forma *a gente* de modo explícito:

(49) [...] uai... **a gente** conheceu num bar... (F, 46, [AMGf2F-005]).

(50) [...] **a gente** estudava (M, 72, [GEFf2M-011]).

E as ocorrências como *a gente* explícito seguido de implícito:

(51) **a gente** comprô... Ø vendeu lá... Ø comprô um... um barracão aí meu irmão já tava começano as dificuldade **a gente** emprestô dinheiro pra ele... (F, 33 [GEFf1F-002]).

(52) **a gente** dorme e Ø acorda mais cedo... (M, 49, [AMGf2M-012]).

Na tabela abaixo, será possível examinar mais adequadamente as ocorrências, na junção de todos os dados. Apresentam-se os dados codificados e tratados estatisticamente no programa GoldVarb X, na categoria de análise *tipo de sujeito*.

Tabela 2 – Frequência Tipo de Sujeito (*Corpus* GEF/UFG e Sociolinco)

TIPO DE SUJEITO	% NÓS EXPLÍCITO	% NÓS EXPLÍCITO SEGUIDO IMPL.	% A GENTE EXPLÍCITO	% A GENTE EXPLÍCITO SEGUIDO IMPL.
	757/1563 = 48,4%	79/1563 = 5,1%	678/1563 = 43,4%	49/1563 = 3,1%

Fonte: Elaboração própria.

Relativo ao *tipo de sujeito*, a análise dos dados demonstra que as formas explícitas do pronome são mais recorrentes que as formas explícitas seguidas de implícitas. Entre as variantes *nós* e *a gente*, na forma explícita, a diferença é de 5%.

No caso das formas explícitas seguidas de implícitas, os dados apontam diferenças sutis entre as duas variantes, sendo um pouco mais recorrente com *nós* do que com *a gente*.

5.1.2 Referência do sujeito

Na análise conjunta dos dados dos *Corpora* (GEF/UFG e Sociolinco), gerados a partir do tratamento estatístico no programa GoldVarb X, com relação à variável *referência do sujeito*, tem-se os seguintes resultados.

Tabela 3 – Referência do sujeito (*Corpus* GEF/UFG e Sociolinco)

Variantes Referência do sujeito	Nós			A gente		
	No.	%	PR	No.	%	PR
Específico	754/1294	58,3%	0.539	540/1294	41,7%	0.461
Impessoal	4/18	22,2%	0.277	14/18	77,8%	0.723
Genérico	78/251	31,1%	0.326	173/251	68,9%	0.674
TOTAL	836/1563	53,5%		727/1563	46,5%	

Fonte: Elaboração própria.

A variante *nós* favorece o uso do referente específico do sujeito, analisada a partir da verificação da frequência (58,3%). Contudo, a referência específica também se apresenta relativamente alta (41,7%) no uso da variante *a gente*, quando comparada na mesma linha com o pronome *nós*.

Como se viu no Capítulo 3, sobre a coleta de dados, Labov (2008) trata dos mecanismos utilizados para que o “impacto” da presença do entrevistador seja reduzido durante a situação de entrevista. Explica que, no método de entrevista semiestruturada, o entrevistador prepara um roteiro com perguntas variadas, incluindo assuntos sobre infância, as relações amorosas, situações de perigo e que talvez mexa com as suas emoções, enfim, tudo para fazer com que o informante se envolva *com o que* está narrando e não *como* está narrando.

Pois bem, acredita-se que esse método possa ter influenciado os resultados obtidos na coleta de dados.

A hipótese aqui ancorada parte de uma explicação que é bastante pertinente, apresentada no trabalho de Lopes (2003a), no tocante à explicação sobre o referente específico. A autora sustenta que:

h) *Referente específico*: quando o referente era explícito ou determinado pelo falante ou quando o falante faz alusão a uma situação vivida por ele e por outras pessoas que não foram especificadas no discurso, mas há indícios no contexto (tempo verbal, circunstanciadores temporais e espaciais, etc.) que especificam a referência. (LOPES, 2003a, p. 129, grifo da autora).

Geralmente, nas narrativas, o informante tende a contar situações vividas tanto por ele quanto por outras pessoas que compõem as suas redes sociais³⁰, principalmente quando relatam situações de infância, relacionamentos amorosos ou de amizade. Essa situação leva a crer que, por isso, a frequência de uso do *a gente* com o referente específico tenha sido expressiva (41%), se considerada a sua natureza mais genérica em relação ao pronome *nós*.

Nos trechos selecionados abaixo, essas ocorrências podem ser verificadas.

- (53) **Doc.** ahn... e aí o senhor fez... o senhor já morô em que lugar aqui em Goiás?
Inf. na Vila Agnel () mas ela tem a casa lá até hoje **a gente** num vendeu e nem tem a intenção de vende...
Doc. ahn...
Inf. aí desde conde a gente vei **a gente** morô aqui na Vila Agnel... eu vim pra cidade eu tinha sete ano de idade...
Doc. então o senhor tava me falando que o senhor morô aqui no João Francisco...
Inf. Vila Agnel aqui logo aqui embaxo na Vila Agnel des da idade de sete ano... então no caso eu tem quarente'oito então tem quarenta e um ano... (M, 48, [AMGf2M-011]).
- (54) **Doc.** e aí sua mãe te conta como foi o dia que cê nasceu? Ela já te contou isso?
Inf. a::: assim eu e meus pais **a gente** num teve uã relação assim que a gente pode dizê muito afetiva não... o negócio nosso era mais de trabalhá trabalhá trabalhá e não era de conversar com a gente não... mas até onde sei foi té foi uã infância a partir do momento que eu me lembo foi até razoável... (M, 38, [AMGf1M-008]).
- (55) **Doc.** Ele tá morano lá porque?
Inf. Uai porque ela dá... ela é uma pessoa sozinha né? ela mora sozinha... assim com Deus e ela né? e ela resolveu í pra lá i tem sete ano qu/ela mora lá
 [
Doc. Lá onde?
Inf. I toda vida... Uruaçu... aí toda vida ele... ela tem... assim tentando que a gente dexa ele morá com ela né? aí **a gente** nunca dexô porque é ruim demais ficá longe dum fii... né? aí eu peguei... de tanto conversá com meu esposo ele tamém foi intendeno **a gente** entrô em acordo e dexô ele morá lá com ela porque ele já tem quinze anos aqui em Goiás não tem serviço que... qui dá pra ele assim... que dá pra ele trabaiá é difíci demais...(F, 33, [GEFf1F-002]).

³⁰ Ver sobre as redes sociais na página 46, em nota de rodapé.

Em (53), (54) e (55) foram extraídos trechos de entrevistas dos *Corpora* GEF/UFG e Sociolingo. Como se observa, os trechos tratam de situações vivenciadas pelos informantes, especialmente com seus familiares.

Como Lopes (2003a) explica a referência específica do sujeito ocorre quando, no contexto de fala, são capturados os referentes ou as pessoas que estão incluídas nas situações narradas.

No trecho (54), o informante relata sobre seu relacionamento com os pais. Essa referência é captada porque está especificado (pelo falante) dentro do contexto, em: “a::: assim eu e meus pais a gente num teve uã relação assim que a gente pode dizê muito afetiva não...”. No caso, *a gente* refere-se ao falante (*eu*) + (eles) os pais.

Também nos excertos (53) e (55) esse referente do sujeito é recuperado, respectivamente, quando no primeiro trecho o informante explica que mora na Vila Agnelo desde criança, o que subentende que vivia com a família desde então; e, no segundo, quando a informante refere-se “*a gente entrô em acordo*”, retoma que (ela) + (o esposo) = *a gente* tomaram a decisão de permitir a ida do filho para outra cidade.

Esse aspecto corrobora a explicação do trabalho de Seara (2000), que também considera a variável.

Ao que parece, o significado dessa variante (*a gente*), quer semântica, quer gramaticalmente, se modificou, pois acresceu-se ao significado originalmente indeterminado a referência à pessoa que fala, passando assim à forma determinada e, quanto à visão gramatical, ela deixa de ser substantivo para integrar o sistema de pronomes pessoais, apesar de sua não inclusão, até o presente, no quadro de pronomes nas gramáticas tradicionais (ROCHA LIMA, 1992; NICOLA; INFANTE, 1995, por exemplo). (SEARA, 2000, p. 184).

No que tange ao referente genérico, a tendência de uso de *a gente* também é favorecida quando comparada com *nós*. Os valores de frequência demonstram esses resultados. O peso relativo (0,674) favorece a variante *a gente*, enquanto (0,326) desfavorece o uso de *nós* com referente genérico.

Em referência a essa situação, cabe lembrar Castilho (2016) quando cita o estudo realizado por Omena nos anos 1980 (Capítulo 2), que fundamenta a ideia de que a escolha do falante não é aleatória. Ou seja, existem regras internas da língua que influenciam essa escolha. No caso da escolha do falante pela forma *a gente*, sua perspectiva de referência é tanto mais genérica.

Na comparação geral dos dados, essa percepção fica mais evidente, tanto que no caso do pronome *nós* a tendência maior é de que o sujeito tenha referência mais específica, enquanto o pronome *a gente* tende a um uso com referência mais genérica.

(56) ah... **a gente** jove tem vergonha na cara? (F, 31, [AMGf1F-001]).

(57) e eis... que **a gente** ficá na casa dos/oto a gente tem que ajudá (F, 33, [GEFf1F-002]).

Nos exemplos acima, essa referência genérica é demonstrada com o uso do pronome *a gente*. Se fossem substituídas duas nas ocorrências por *nós*, o sentido das frases não teria essa mesma generalidade, por conta da natureza mais específica do pronome *nós*.

Com relação ao uso do referente impessoal, percebem-se poucos dados. São apenas dezoito ocorrências, somando todos os dados. Essa variável como também colocado por Lopes (2003a) e citada anteriormente neste trabalho, é de identificação mais dificultada, considerando que “quando a referência genérica atinge um grau maior de indeterminação e a forma *a gente* pode ser facilmente substituída por construções com o clítico ‘-se-’.” (p. 130).

Seguem alguns exemplos do referente impessoal do sujeito:

(58) quando é quebrado assim **a gente** num sente dor nenhuma né? (M, 36, [GEFf1M-008]).

(59) **a gente** num sabe o dia de amanhã né? (F, 28, [GEFf1F-001]).

(60) pai num pó batê mãe num pó batê... Mas num pó batê mas o que **a gente** vê de polícia bateno nesses minino aí num é brincadera né? (F, 60, [AMGf2F-006]).

Em todas as construções acima, o pronome inovador (*a gente*) pode ser substituído pelo clítico *se* sem que se perca o sentido. Desse modo, em (58) substituindo ficaria: “quando é quebrado num **se** sente dor nenhuma né?”; já em (59), a construção passa a ser: “Não **se** sabe o dia de amanhã né?”; e, por fim, em (60), seria estruturada da seguinte maneira: “mas o que **se** vê de polícia bateno nesses minino aí num é brincadera né?”.

Cabe ressaltar que nas ocorrências (58), (59), e (60), os informantes estão, de alguma maneira, expressando alguma opinião sobre determinados assuntos, que leva o sentido do pronome *a gente* a um grau mais elevado de indeterminação. Em outras palavras, não é possível determinar quais/quantas pessoas *a gente* referencia.

Para concluir a análise conjunta, é importante mencionar a maior ocorrência de uso do pronome *nós*, em contrapartida ao uso de *a gente*.

Na seção seguinte, serão apresentados os dados coletados e estratificados para a variável *tempo verbal*.

5.1.3 Tempo verbal

Conforme lembrou Seara (2000) essa variável é frequentemente testado em estudos variacionistas, tais como Lopes (1998), Tamanine (2010), Franceschini (2011), dentre outros.

O comportamento dessa variável encontra-se expresso na tabela a seguir, quando são apresentados dados da junção dos *corpora*.

Tabela 4 – Frequência/PR Tempo Verbal (*Corpus* GEF/UFG e Sociolinco)

Variantes Tempo Verbal	Nós			A gente		
	No.	%	PR	No.	%	PR
Pretérito imperfeito	330/592	55,7%	0,519	262/592	44,3%	0,481
Pretérito perfeito	331/495	66,9%	0,634	164/495	33,1%	0,366
Presente	134/413	32,4%	0,304	279/413	67,9%	0,696
Futuro	3/7	42,9%	0,420	4/7	57,1%	0,580
Tempo composto	8/9	88,9%	0,859	1/9	11,1%	0,141
Formas nominais	8/10	80%	0,750	2/10	20%	0,250
Total de ocorrências	814/1526	53,3%		712/1526	46,7%	

Fonte: Elaboração própria.

A tabela demonstra o favorecimento do pretérito perfeito (0,634) para o pronome *nós*, que também favorece o pretérito imperfeito (0,519). No caso do pronome conservador, o presente é desfavorecido.

Com *a gente*, o tempo favorecido é o presente do indicativo (0,696), ao passo que o pretérito perfeito (0,366) é desfavorecido. Ainda com relação ao pronome

inovador, mesmo com o peso relativo que indica um uso menos frequente de tal variante, é preciso observar que houve um número expressivo de ocorrências no pretérito imperfeito, apresentando uma frequência de 44%.

As ocorrências com tempo composto (verbo ter/haver + particípio) foram pouco numerosas, mas observa-se um uso mais expressivo de tal construção com o pronome *nós*. As formas nominais também favorecem o pronome *nós*. Já as ocorrências do futuro estão bastante equilibradas no uso das duas variantes.

Os resultados estatísticos dessa variável são semelhantes aos encontrados por Lopes (1998), que constatou maior peso relativo para *nós* no pretérito perfeito (0,90), Para *a gente*, o presente do indicativo (0,60) e também as formas nominais – infinitivo e gerúndio mostraram-se mais significativos.

Em Mattos (2013), os resultados também são aproximados com os dados da presente pesquisa, especialmente porque trata de dados do português falado em outras cidades goianas. Na pesquisa de Mattos, *a gente* resultou no favorecimento do pretérito imperfeito e presente, desfavorecendo o pretérito perfeito. Já para a variante *nós* foi detectado o favorecimento do pretérito perfeito.

Omena (2003, p. 70 apud MATTOS, 2013, p. 113) explica em sua análise no projeto CENSO que as “formas e tempo verbais mais marcados como passado e futuro tendem a favorecer o uso de *nós*”.

Menon (2006 apud TAMANINE, 2010) expõe que a utilização do presente do indicativo, em virtude de seu “valor aspectual neutro” tende a apontar a indeterminação do sujeito.

A mesma autora, citada por Franceschini (2011), complementa explicando que “é sobretudo o presente atemporal o tempo da indeterminação”, o que indica que o presente, que pode ser utilizado para indicar aspectos como habitualidade e momentaneidade seria um tempo verbal favorável ao emprego do pronome *a gente*”.

Tamanine (2010) ainda completa que o uso de *a gente* (indeterminado) é comum em ditados e provérbios, por exemplo, já que este tempo verbal deve servir a qualquer tempo ou a qualquer local. Assim, como *a gente* tende a ser uma forma mais indeterminada, parece haver uma tendência maior a ser utilizada com verbos no presente, tempo verbal com aspecto neutro.

5.2 Análise geral da junção dos dados dos *corpora*: variáveis sociais

Sobre as variáveis, Mollica (2007) pondera que não atuam de maneira isolada, mas em correlação com as variantes semanticamente equivalentes.

Em face disso, foi realizada uma rodada no GoldVarb com os dados das variáveis sexo/gênero e faixa etária, selecionadas nessa ordem, respectivamente, o que será possível observar na tabela abaixo:

Tabela 5 – Cruzamento de dados Faixa Etária e Sexo/Gênero (*Corpus* GEF/UFG e Sociolingo)

Sexo/Gênero F. Etária	MASCULINO		FEMININO	
	1	2	1	2
Nós	256/355 = 61%	259/481 = 63%	99/355 = 28%	222/481 = 59%
A gente	164/422 = 39%	153/305 = 37%	258/422 = 72%	152/305 = 41%

Fonte: Elaboração própria.

Com relação ao sexo/gênero masculino, pode-se constatar que tanto a primeira quanto a segunda faixa etária têm preferência pelo uso do *nós*. Já as mulheres de primeira faixa etária tendem a usar mais *a gente*. As mulheres de segunda faixa etária têm uso equilibrado das duas variantes.

Em Mattos (2013), que também estudou a variação pronominal de primeira pessoa, com cinquenta e cinco informantes de vinte cidades goianas, foi registrada essa tendência ao uso da variante inovadora pelas mulheres.

Tabela 6 – Fator sexo/gênero no uso da variante *a gente* (MATTOS, 2013)

SEXO/GÊNERO DO FALANTE		
	Frequência	Peso relativo
Feminino	782/984 = 80%	0,60
Masculino	804/1078 = 75%	0,41
TOTAL	1586/2062 = 77%	

Fonte: Adaptado de Mattos (2013, p. 112).

Para explicitar seus resultados com relação à variável sexo/gênero, Mattos (2013) recorre ao trabalho de Omena (1986) que constatou que há indicativos de que essa alternância de *nós* por *a gente* tenha se “iniciado pelas mulheres” na década de 1960. Ainda nesse raciocínio, Lopes (2003a, p. 136) afirma que “foram as mulheres que deram o primeiro passo na introdução dessa nova forma.”

Cabe mencionar Labov (2001 apud SCHERRE; YACOVENCO, 2011) quando fala sobre o *Paradoxo do Gênero* que pode ser reformulado como *Paradoxo da Conformidade*. O sociolinguista americano esclarece que esse paradoxo pode ser “melhor estabelecido em termos do contrário da conformidade, o *desvio* (*deviation*): mulheres desviam das normas prescritas menos do que os homens, porém desviam mais do que os homens quando os desvios não são prescritos” (LABOV, 2001, p. 367 apud SCHERRE; YACOVENCO, 2011).

O autor ainda menciona que esse processo de observação, ao ter seu foco um pouco desviado, ainda precisa esclarecer por que mulheres tendem a usar normas prescritivas em determinados casos e, em outros, desviam-se delas, diferenciando-se de homens de mesma faixa etária e mesma classe social. Labov explica que esse é um comportamento de líderes da mudança linguística quando ela ocorre sem consciência social (*change from below*).

Frente ao cruzamento dos dados desta pesquisa, tem-se um paradoxo semelhante ao exposto por Labov (2001).

Os resultados mostram que os homens, em ambas as faixas etárias, tendem ao uso de *nós*. Com relação às mulheres, apenas as mais jovens tendem ao uso de *a gente*, o que parece sinalizar que as mulheres jovens despontam como possíveis líderes da mudança.

Os informantes da pesquisa têm baixo grau de escolaridade e, conforme responderam durante as entrevistas exercem profissões que não requerem níveis de formalidade em seu exercício. Os homens exercem profissões, muito deles informais/autônomos, como pedreiro, lavrador, jardineiro, mototaxista e até aposentado. As mulheres trabalham como doméstica (em sua casa ou de terceiros), babá, cozinheira, lavradora e também aposentada.

Os homens, por terem profissões como maior circulação no meio social/mobilidade participam de redes sociais mais amplas, mas exibem

comportamento mais conservador. Já as mulheres, com ambientes mais restritos e, por conseguinte, redes sociais menos densas estão com comportamento mais inovador.

De tudo isso, pode-se depreender que, no âmbito da comunidade de fala vilaboense, parece não haver estigma social quanto ao uso de *a gente*, pelos menos entre o público entrevistado nesta pesquisa, o que explica o fato de que as mulheres jovens possam tomar frente da mudança, utilizando *a gente* com mais frequência, tal como aventado por Labov (2001), ao descrever o *Paradoxo do gênero*.

Para problematizar melhor esse paradoxo, será necessário proceder com a avaliação de outros públicos, com outras faixas etárias, escolaridades, sexo/gênero, a fim de aferir como se comportam as variantes. Outro ponto possível de investigação é a realização de testes de percepção para compreender a avaliação social das variantes.

5.3 Análise em tempo real: estudo de tendência (*trend study*) com as variáveis linguísticas

Nas seções abaixo, apresenta-se a análise dos *corpora* de maneira independente.

Para iniciar a comparação separada, abaixo, apresentam-se os dados de frequência dos *corpora*, de acordo com o uso de cada variante.

Tabela 7 - Frequência de uso de *nós* e *a gente* em duas amostras da variedade vilaboense em tempo real de curta duração

Variantes	NÓS		A GENTE	
	N. Ocorrências	%	N. Ocorrências	%
GEF/UFG	603/881	68,4%	278/881	31,6%
SOCIOLINCO	233/682	34,2%	449/682	65,8%

Fonte: Elaboração própria.

$68,4\% - 34,2\% = 34,2\%$

$65,8\% - 31,6\% = 34,2\%$

A ordem das variáveis selecionadas para a rodada do GoldVarb foi a mesma citada na análise conjunta dos dados.

É possível verificar que no Corpus GEF houve maior uso do pronome *nós*, enquanto no Sociolingo essa proporção se inverte para o pronome *a gente*.

Todavia, ao analisar os mesmos dados de modo a confrontá-los será perceptível que a porcentagem de aumento/diminuição da variante é proporcionalmente a mesma. Sendo assim, ao longo do interstício temporal entre as coletas das entrevistas que compõe os *corpora*, pode se perceber que comparando a frequência do pronome *nós* reduziu a sua frequência de uso em 34,2% (período entre 2003 e 2019) e o pronome *a gente* teve frequência de uso aumentada para 34,2% (levando em consideração o mesmo período).

Dessa maneira, observando os dados, cabe falar acerca do processo de mudança que vem ocorrendo na variação pronominal de primeira pessoa do plural, em que ambas as variantes têm taxa de uso, ou seja, concorrem entre si, sem que uma delas esteja caindo em desuso

5.3.1 Tipo de sujeito

Com relação à variável tipo de sujeito, foram realizadas duas rodadas diferentes. Primeiro, optou-se pela verificação com todas as ocorrências, utilizando separadamente as formas variantes explícitas e as implícitas seguidas de implícitas e depois optou-se por amalgamar todas as ocorrências de *nós* e todas de *a gente* para uma nova rodada.

A opção por amalgamar essa variável foi em consideração ao número baixo de ocorrências das formas explícitas seguidas de implícitas em ambas as variantes.

Dessa maneira, foi detectado no *Corpus* GEF/UFG maior ocorrência da forma *nós*, com pronome explícito, totalizando, assim, pouco mais de 62% dos informantes. Também se observou nesse *corpus*, que pouco mais de 6% dos indivíduos tende à retomada com o pronome padrão de maneira implícita.

Com relação ao *Corpus* Sociolingo, a maior frequência de uso ocorreu com o pronome inovador. Nesse *corpus*, quase 63% dos informantes optaram por *a gente* na forma explícita. Já no que tange aos usos do pronome explícito seguido de implícito aconteceu de forma bastante equilibrada com as duas variantes, 3,2% para *nós* explícito seguido de implícito e 3,1% para *a gente* explícito seguido de implícito.

5.3.2 Referência do sujeito

Para compreender o comportamento da variável, também foram realizadas rodadas em separado para o *Corpus* GEF/UFG e para o *Corpus* Sociolinco, conforme a tabela abaixo:

Tabela 8 – Frequência/PR Referência do Sujeito (*Corpus* GEF e *Sociolinco* – comparativo)

Variantes Ref.Sujeito	GEF						SOCIOLINCO					
	NÓS			A GENTE			NÓS			A GENTE		
	No.	%	PR	No.	%	PR	No.	%	PR	No.	%	PR
Específico	532/706	75,4%	0,557	174/706	24,6%	0,443	222/588	37,8%	0,556	366/588	62,2%	0,444
Impessoal	3/12	25%	0,177	9/12	75%	0,823	1/6	16,7%	0,268	5/6	83,3%	0,732
Genérico	68/163	41,7%	0,293	95/163	58,3%	0,707	10/88	11,4%	0,191	78/88	88,6%	0,809
TOTAL	603/881	68,4%	-	278/881	31,6%	-	233/682	34,2%	-	449/682	65,8	-
<i>Log Likelihood</i>	-475.446			-402.474			-402.474			-475.446		
<i>Significance</i>	0.000			0.000			0.000			0.000		
<i>Input</i>	0,704			0,318			0,318			0,296		

No *Corpus* GEF/UFG, a incidência do referente específico no sujeito para o pronome *nós*, 75%, é mais expressiva com relação ao pronome *a gente*, 24%. No que tange ao referente genérico, o percentual apresenta-se com maior equilíbrio, já que figura em 41% para *nós* e 58% para *a gente*.

O índice encontrado no referente valor impessoal é basicamente insignificante, considerando a média geral de ocorrências. Especialmente na ocorrência com o pronome *nós*, justamente por sua natureza semântica “mais abrangente” se comparado semanticamente ao pronome *a gente*.

No caso, apenas para questão de comparações, os resultados dos pesos relativos apontam para o favorecimento da ocorrência do referente específico na utilização de *nós* e no uso de *a gente* é favorecido o referente genérico.

O referente impessoal aponta, de fato, para um maior uso dessa variável para o pronome inovador. Porém, essa variável apresenta número quase inexpressivo se comparada a quantidade de ocorrências do *corpus* (ver frequência).

O *input*, conforme explica Guy e Zilles (2007, p. 238), “representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente”. Assim, o nível geral de uso no *Corpus* GEF/UFG aponta o favorecimento da variante padrão ou conservadora, *nós*.

Relativamente aos dados do *Corpus* Sociolinco, percebe-se uma mudança, já que a tendência de uso geral, calculada pelo *input* favorece o pronome *a gente*. Cabe novamente ressaltar que tanto no *Corpus* GEF/UFG quanto no *Corpus* Sociolinco, a referência específica foi registrada em maior número de ocorrências. Entretanto, como explicado na análise conjunta dos *corpora*, essa referência tem a ver com o tipo de coleta de dados, que foi pela entrevista sociolinguística.

5.3.3 Tempo verbal

Procede-se nesta seção com a análise dos fatores elencados na variável tempo verbal de maneira separada para cada *corpus*.

Tabela 9 – Tempo Verbal com PR (*Corpus* GEF/UFG)³¹

Variantes Tempo Verbal	Nós			A gente		
	No.	%	PR	No.	%	PR
Pretérito imperfeito	237/324	73,1%	0,534	87/324	26,9%	0,466
Pretérito perfeito	258/311	83%	0,668	53/311	17%	0,332
Presente	80/212	37,7%	0,226	132/212	62,3%	0,774
Futuro	2/2	50%	0,327	2/2	50%	0,673
Tempo composto*	8/8	100%	-	0/8	0%	Nocaute
Formas nominais	5/6	83,3%	0,596	1/8	16,7%	0,404
Total de ocorrências	590/865	68,2%		275/865	31,8%	

Fonte: Elaboração própria.

Assim como na análise conjunta dos dados, na apresentação dos dados do *Corpus* GEF, observa o maior favorecimento da variante *nós*, apontando para maior uso desta no pretérito perfeito, como indica o peso relativo de 0,668.

Esse resultado é semelhante ao encontrado por Lopes (1998) em sua pesquisa, como citado na análise conjunta.

³¹ Na tabela (I) significa o modo Indicativo e (S) o modo Subjuntivo.

Para a variante *a gente*, o peso relativo favorece o presente (0,774), assim como também verificaram Lopes (1998) e Franceschini (2011).

O fator tempo composto foi selecionado na rodada para aferição da frequência, contudo foi detectado nocaute, já que não há ocorrência para o pronome *a gente*. Dessa maneira, optou-se por realizar uma nova rodada excluindo esse fator, a fim de conseguir rodar os dados e gerar os pesos relativos.

Já nos dados apresentados na tabela de tempo verbal do *Corpus Sociolingo*, há maior uso da variante *a gente*.

Tabela 10 – Tempo Verbal com PR (*Corpus Sociolingo*)³²

Variantes	Nós			A gente		
	No.	%	PR	No.	%	PR
Tempo Verbal						
Pretérito imperfeito	93/268	34,7%	0,505	175/268	65,3%	0,495
Pretérito perfeito	73/184	39,7%	0,559	111/184	60,3%	0,441
Presente	54/201	26,9%	0,430	147/201	73,1%	0,570
Futuro	1/3	33,3%	0,569	2/3	66,7%	0,431
Tempo composto*	0/1	0%	Nocaute	1/1	100%	-
Formas nominais	3/4	75%	0,847	1/4	25%	0,153
Total de ocorrências	224/660	33,9%		436/660	66,1%	

Fonte: Elaboração própria.

Com relação ao *Corpus Sociolingo*, as ocorrências do pretérito perfeito e imperfeito do modo indicativo estão bastante equilibradas para a variante *nós*, ambas aproximadas do ponto neutro com 0,559 e 0,505, respectivamente. Omena (1998) e Lopes (1998), encontraram resultados semelhantes a esses em suas respectivas pesquisas, apontando para o favorecimento de *nós* nos contextos de pretérito.

Para a variante *a gente*, o peso relativo mais alto se apresenta no presente (0,570). Contudo, é necessário mencionar que houve registro de altas frequências para o pretérito imperfeito, seguido do perfeito com o pronome *a gente*. Inclusive o resultado do número de ocorrências para o pretérito imperfeito com *a gente* supera o presente.

³² Na tabela (I) significa o modo Indicativo e (S) o modo Subjuntivo.

No que tange às ocorrências do tempo composto, foi necessário também, após a aferição da frequência, excluir o fator e rodar novamente os dados para gerar os pesos relativos dos demais fatores. Verificou-se no fator tempo composto apenas uma ocorrência – para *a gente*, o que ocasionou nocaute com a variante *nós*.

Assim como na análise conjunta, os dados dos *corpora* separados demonstram tendência de uso do tempo pretérito perfeito para a variante *nós* e favorecendo a variante *a gente*, o tempo presente.

Menon (2006 apud TAMANINE, 2010) afirma que o uso do presente do indicativo é um indício para indeterminação do sujeito, considerando seu “valor aspectual neutro”. A autora ainda explica que esse tempo é utilizado em para expressar fatos habituais, sem especificar sua duração, o que “pode significar contexto atemporal, permansivo, durativo, repetitivo” (p.138 apud TAMANINE, 2010, p. 110).

Com relação às ocorrências com formas nominais, tanto no *corpus* GEF quanto no Sociolinco, favorecem o uso de *nós*. Resultados diferentes desse foram encontrados por Omena (1998), Lopes (1998), Seara (2000) e Tamanine (2010) (apud FRANCESCHINI, 2011), estes que apontaram o favorecimento das formas não marcadas (infinitivo e gerúndio) para a variante *a gente*.

A seção seguinte tratará de analisar as variáveis sociais a partir dos dados dos *corpus* GEF e Sociolinco.

5.4 Análise em tempo real: estudo de tendência (*trend study*) com as variáveis sociais

Abaixo segue a apresentação dos dados extraídos das variáveis sociais selecionadas para a pesquisa, sexo/gênero e faixa etária. Esses fatores sociais não podem ser analisados de maneira dissociada, considerando as suas influências conjuntas, bem como especificidades da comunidade de fala, dentre outros aspectos importantes e que devem ser observados na análise.

5.4.1 Sexo/gênero

Na tabela, encontram os valores calculados na variável sexo/gênero. Como meio de facilitar a leitura e compreensão dos dados, propõe-se a tabela com os dados de ambos os *corpora*, apresentando a frequência e o peso relativo em que ocorrem as variantes.

Tabela 11 – Variável sexo/gênero (*Corpus GEF e Sociolinco – comparativo*)

Sexo/Gênero	GEF						SOCIOLINCO					
	NÓS			A GENTE			NÓS			A GENTE		
	No.	%	PR	No.	%	PR	No.	%	PR	No.	%	PR
Variantes												
Feminino	255/432	59%	0,392	177/432	41%	0,608	66/299	22,1%	0,378	233/299	77,9%	0,622
Masculino	348/449	77,5%	0,604	101/449	22,5%	0,396	167/383	43,6%	0,596	216/383	56,4%	0,404
TOTAL	603/881	68,4%	-	278/881	31,6%	-	233/682	34,2%	-	449/682	65,8%	-
Log Likelihood	-479.183			-405.510			-479.183			-479.183		
Significance	0.000			0.000			0.000			0.000		
Input	0,692			0,324			0,292			0,292		

Fonte: Elaboração própria.

Os informantes do *corpus* GEF utilizaram com mais frequência a forma *nós*, enquanto o *corpus* Sociolinco aponta para um maior uso de *a gente*. Na comparação entre os *Corpora*, se observa que, durante o lapso temporal que separa as entrevistas, houve uma mudança na tendência de uso da variante *nós* para *a gente*, sem que houvesse desuso da primeira.

Retomando o que fora dito na análise conjunta dos *corpora*, as mulheres novamente evidenciam um comportamento inovador, já que tendem a utilizar mais *a gente* (*change from below*).

Nesse contexto, cabe novamente mencionar Labov (2001 apud SCHERRE; YACOVENCO, 2011) quando fala sobre as possibilidades de compreensão desse comportamento do gênero no uso das variantes. Por isso, os resultados apontam, assim como acontece em outras pesquisas variacionistas do PB, que a variável *a gente* está bastante incorporada à fala dos vilaboenses.

De forma bastante cautelosa, pode-se aventar que as mulheres têm liderado esse processo de mudança na fala vilaboense. Contudo, é importante lembrar Scherre e Yacovenco (2011) na proposição de um aprofundamento dos estudos sobre o papel do gênero nos processos de mudança linguística e de variação, citando Givón (2005) e Labov (2001).

As autoras prosseguem essa explicação, citando, mais uma vez, Labov (2001, p. 516), quando este justifica que é o comportamento não conformista das mulheres que as faz líderes na mudança, e não o seu gênero.

No que tange às variáveis sociais, também é necessário analisar o comportamento dos informantes com relação à faixa etária, comparando o lapso temporal entre os dois *corpora*. Por isso, na seção seguinte apresenta-se a análise dessa variável.

5.4.2 Faixa etária

Freitag (2005) define essa variável como bastante complexa. A autora explica que vários fatores estão imbricados a essa variável e refletem sobre ela, tal como a inserção ou saída do mercado de trabalho, o processo de aquisição da língua, os contatos sociais do indivíduo. A reflexão sobre o comportamento dessa variável é semelhante ao que acontece com o sexo/gênero. Na tabela, apresenta-se o resultado da rodada com os dados sobre a faixa etária, em um comparativo dos *corpora* GEF e Sociolinco.

As faixas etárias consideradas em cada *corpus*, para o GEF, a primeira compreende informantes com 25 a 43 anos e, a segunda, aqueles com 44 anos acima. Para o Sociolinco, na primeira faixa etária há informantes com idades entre 25 e 40 anos e na segunda aqueles de 41 a 60 anos.

Tabela 12 – Variável faixa etária (*Corpus GEF e Sociolinco – comparativo*)

Faixa etária	GEF						SOCIOLINCO					
	NÓS			A GENTE			NÓS			A GENTE		
	No.	%	PR	No.	%	PR	No.	%	PR	No.	%	PR
Variantes												
1 (25-43)	301/511	58,9%	0,405	210/511	41,1%	0,595	54/266	20,3%	0,356	212/266	79,7%	0,644
2 (44 ou +)	302/370	81,6%	0,630	68/370	18,4%	0,370	179/416	43%	0,593	237/416	57%	0,407
TOTAL	603/881	68,4%		278/881	31,6%		233/682	34,2%		449/682	65,8%	
<i>Log likelihood</i>	-478.556			-405.510			-405.510			-478.556		
<i>Significance</i>	0.000			0.000			0.000			0.000		
<i>Input</i>	0.710			0.324			0.324			0,290		

Fonte: Elaboração própria.

Observando o comportamento dos pesos relativos nessa variável, os resultados apontam uma tendência ao conservadorismo na segunda faixa etária de ambos os *corpora*, enquanto a primeira faixa etária, tanto do GEF quanto do Sociolinco, optam por *a gente*. No *corpus* Sociolinco, o peso relativo indica que a preferência dos jovens por *a gente* é ainda mais expressiva (.64) do que no *corpus* GEF (.59)

Dessa análise, infere-se que um indício de mudança linguística na fala vilaboense, uma vez que *a forma gente* tem sido empregada com mais frequência pelos falantes jovens, sem que, necessariamente, a forma *nós* tenha caído em desuso.

Esse comportamento reflete o processo de mudança linguística observado na intercambialidade dos pronomes de primeira pessoa do plural, já observado em pesquisas no Português Brasileiro (ÁLBAN; FREITAS, 1991; LOPES, 1998, 2003a, 2003b, 2004, 2007; RUBIO, 2011; SOUZA; BOTASSINI, 2009; ZILLES, 2007, dentre outras).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho investigou a variação de primeira pessoa do plural na função de sujeito na comunidade de fala vilaboense. Para isso, utilizou entrevistas de dois *corpora*, totalizando 24 informantes de ambos os sexos e com duas faixas etárias diversas e que possuem baixa escolaridade.

O lapso temporal que separa as amostras é de mais ou menos 15 anos, por isso, além de realizar uma análise separada dos dados de cada *corpora*, ainda procedeu-se com a junção de todas as ocorrências para fazer um panorama geral das variantes.

Ao que se tem conhecimento, esta pesquisa foi inédita, ao investigar a variação no âmbito da fala vilaboense, o que poderá contribuir e incentivar outros estudos de mesma natureza na comunidade de fala, bem como colaborar com o entendimento do Português falado em Goiás e, por conseguinte, no Brasil.

A análise em conjunto demonstrou o maior uso do pronome *nós* pelos vilaboenses, totalizando 53%. Contudo, é preciso considerar que a frequência de *a gente* também foi deveras alta, considerando a frequência de pouco mais de 46%.

Ainda sobre a amostra conjunta, os resultados apontam que:

- o uso do pronome de forma explícita apresentou equilíbrio para os usos com as duas variantes. O sujeito explícito seguido de implícito teve resultados bastante ínfimos, considerando o total das ocorrências dos *corpora*;
- na referência do sujeito, a comparação entre os *corpora* demonstrou o favorecimento do referente específico para o pronome *nós*, enquanto o referente genérico foi mais favorecido no uso de *a gente*, quando observados os pesos relativos. Com relação à frequência, esses mesmos fatores evidenciam pouca diferença, já que também se verifica um número expressivo de ocorrências de *a gente* com o referente específico. O que se depreende dessa situação é que o método de entrevista (coleta de dados) acabou influenciando nesse uso do referente específico para ambas as variantes, pois a narrativa privilegia histórias vinculadas às vivências do indivíduo;

- no tempo verbal, as ocorrências demonstram que o de *nós* é favorecido com verbos no pretérito perfeito, ao passo que *a gente* é mais comum quando o presente do indicativo é empregado. Esses resultados demonstram semelhança com aqueles obtidos em outras pesquisas variacionistas realizadas sobre o mesmo fenômeno no PB, tais como Lopes (1998) e Mattos (2013).

A análise conjunta das variáveis sociais demonstra o seguinte:

- a partir do cruzamento das variáveis faixa etária e sexo/gênero: os homens das duas faixas etárias apresentam comportamento mais conservador ao utilizar mais o pronome *nós*, enquanto apenas as mulheres da segunda faixa etária tendem a um comportamento pouco mais conservador. Essas mulheres de segunda faixa etária usam mais *nós* em 59% das ocorrências. Já as mulheres pertencentes à primeira faixa etária optam pelo uso expressivo de *a gente* (72%). Esse comportamento inovador para as mulheres já fora detectado em outros trabalhos socio-variacionistas, inclusive. Segundo afirma Omena (1986 apud MATTOS, 2013), há indicativos de que as mulheres é que iniciaram esse processo de alternância de *nós* por *a gente* por volta da década de 1960.

Sobre a análise linguística dos dados separados de cada *corpus*, pode-se dizer:

- Em uma análise comparativa sobre a frequência de uso das variantes estudadas, percebeu-se que, no interstício temporal que separa a coleta de dados dos *corpora* – mais ou menos 15 anos, a forma *a gente* vem se consolidando na fala vilaboense, sobretudo na fala de informantes mais jovens. Sendo assim, observam-se indícios de um processo de mudança;
- Na referência do sujeito, os resultados apontam para o favorecimento do referente específico com o pronome *nós* tanto no GEF quanto no Sociolinco. Mais uma vez, depreende-se que esse uso acentuado do referente específico, especialmente para a variante *a gente*, tem respaldo no modelo da coleta de dados utilizado, privilegiando a narrativa de fatos muito próximos às vivências pessoais dos informantes.

Com relação ao referente genérico, como se esperava, em virtude de sua herança semântica (do substantivo *gente*), favorece o uso da forma *a gente*, apresentando peso relativo alto nos dois *corpora*. Os usos do referente valor impessoal foram bastante tímidos, com poucas ocorrências de modo geral.

- No tempo verbal também seguiram as mesmas ocorrências da análise conjunta, apontando uso do pretérito perfeito do indicativo para *nós* e do presente do indicativo para *a gente*. Nesse fator, também foram observados, além do tempo simples, o tempo composto (com perífrase verbal com verbos auxiliares *ter/haver* + *particípio*) e outras ocorrências com as formas nominais dos verbos (*gerúndio*, *infinitivo* e *particípio*). Foi detectado um número baixo de ocorrências no fator tempo composto. No geral, os resultados obtidos se assemelham a outras pesquisas que consideraram o tempo verbal, como Lopes (1998), Omena (1998), Tamanine (2010) e Franceschini (2011).

Quanto aos fatores sociais elencados, na análise separada dos *corpora*:

- Com relação à variável *sexo/gênero*, observou o comportamento inovador por parte das mulheres, que, pode-se sugerir cautelosamente que estejam liderando o processo de mudança linguística no âmbito da fala da Cidade de Goiás, já que se observou um crescente uso da variável inovadora por elas durante o lapso temporal que separa as duas amostras. Ao que se percebe ainda, os dados demonstram que os homens mantiveram o comportamento conservador ao longo do período analisado;
- A faixa etária resultou no comportamento inovador pelos informantes mais jovens, especialmente na amostra Sociolinco. Os informantes mais velhos, da segunda faixa etária, nos dois *corpora* permaneceram com comportamento mais conservador.
- Partindo desses resultados, sugere-se que a investigação dessa variação seja estendida a outros grupos, com outras faixas etárias, níveis de escolaridade e socioeconômicos, a fim de aferir se os comportamentos são os mesmos tanto com as variáveis sociais quanto

com os fatores inerentes à língua. É importante, ainda, pensar em um estudo de terceira onda sobre as variantes para avaliação social dos usos e inserção do *a gente* nesta comunidade de fala.

- Mesmo compreendendo que *a gente* não é tida como variante estigmatizada, como apontam outras pesquisas variacionistas no âmbito do PB, é importante examinar sua avaliação social na comunidade vilaboense, até para que esses dados possam endossar os outros anteriores ou mesmo contestá-los com novas evidências.

Sendo assim, espera-se ter contribuído com os estudos variacionistas do PB. Almeja-se, ainda, que este trabalho possa influenciar outros pesquisadores na investigação de fenômenos linguísticos a partir da metodologia variacionista, de modo especial, sobre a fala dos vilaboenses, que, como se viu, ainda se sabe pouco sobre ela.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro, 5. ed., 2009. Disponível em: <https://bit.ly/363VOWO>. Acesso em: 29 dez. 2019.

ÁLBAN, Maria del Rosário; FREITAS, Judith. Nós ou a gente? **Estudos linguísticos e literários**, Salvador, n. 11, p. 75-89, 1991.

ALI, M. Said. **Grammatica historica da lingua portugueza**. 2. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo, 1931.

AMORIM, Edna Ribeiro Marques. Sujeito: uma questão mal resolvida pela gramática tradicional. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 29, p. 29-40, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://bit.ly/2YxH4Qu>. Acesso em: 29 abr. 2019.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Ditongação e monotongação nas capitais brasileiras. XVII CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA, 2014. **Anais** [...]. João Pessoa: ALFAL, 2014. Disponível em: <https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/r0395-1.pdf>. Acesso em: 14 set. 2019.

AVELAR, Juanito Ornelas de. **Saberes gramaticais**: formas, normas e sentidos no espaço escolar. São Paulo: Parábola, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. v. 1. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp: Pontes, 1988.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BRAVIN DOS SANTOS, Ângela Marina. O sujeito pronominal de 3ª pessoa no português culto do Rio de Janeiro: um estudo em tempo real. **Delta**, São Paulo, n. 1, v. 25, p. 67-97, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2YvNnUE>. Acesso em: 11 mai. 2019.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CASTILHO, Ataliba de; PRETI, Dino (org.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. São Paulo: FAPESP, 1987.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A gramaticalização. **Estudos linguísticos e literários**, Salvador, n. 19, p. 25-64, 1997a. Disponível em: <https://bit.ly/2OLfLO8>. Acesso em: 30 jan. 2019.

_____. Língua falada e gramaticalização. **Filologia e linguística portuguesa**, n. 1. p. 107-120, 1997b. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59648>. Acesso em: 30 jan. 2019.

_____. O Português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2016.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria N. de. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2019.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ECKERT, Penelope. The whole woman: Sex and gender differences in variation. In: **Language variation and change 1**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FERREIRA, Antônio Gomes. **Dicionário de latim-português**. Porto: Porto Editora, 1983.

FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha. **Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC**. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

FREITAG, Raquel Meister Ko; CYRANKA, Lúcia Mendonça. Sociolinguística Variacionista: tendências metodológicas. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS,

Marcos Lúcio de Sousa. (org.). **Ciências da linguagem: o fazer científico**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade: uma variável sociolinguística complexa. **Línguas & Letras**, Cascavel, v. 6, n. 11, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2GVTdDI>. Acesso em: 10 abr. 2019.

_____. (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko; SEVERO, Cristine Gorski. (org). **Mulheres, linguagem e poder: Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015. p. 17-74 .

_____. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. **Delta**, São Paulo, v. 32, n. 4, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2H93zQM>. Acesso em: 10 ago. 2019.

GRUPO DE ESTUDOS FUNCIONALISTAS: análise, descrição e ensino. Disponível em: <https://gef.letras.ufg.br/p/11948-banco-de-dados>. Acesso em: 14 jul 2018.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; CARVALHO, Cristina dos Santos. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. (org.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação** São Paulo: Parábola, 2007.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; CARVALHO, Cristina dos Santos. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. (org.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação** São Paulo: Parábola, 2007.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. (org.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação** São Paulo: Parábola, 2007.

GORSKI, E.; TAVARES, M.A. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. *Revista do GELNE*, v. 15, n.1/2, 2013, p. 75-97. Disponível em: <https://bit.ly/2QPdL4V>. Acesso em: 30 dez. 2019.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

GUY, Gregory Riordan. Introdução à análise quantitativa da variação linguística. In: GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. Varbrul: análise avançada. In: GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística. **Organon**, v. 14, n. 28/29, 2002, p. 17-32. Disponível em: <https://bit.ly/2Z25TPK>. Acesso em: 13 ago. 2019.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 3th. ed. New York: Oxford University Press, 2004.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian; JANDA, Richard D. (ed.) **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 575-601.

HOPPER, Paul. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C. & HEINE, B. (ed.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Company, 1991.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

LABOV, William. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Working papers in sociolinguistics**, Washington-DC, n. 44, 1978. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED157378.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2019.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. In: **Language variation and change 2**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

_____. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Mata Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAVANDERA, Beatriz R. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language in society**, Cambridge, n. 7, p. 171-182, 1978. Disponível em: <https://bit.ly/2KBTGvN>. Acesso em: 20 abr. 2019.

_____. Los limites de la variable sociolingüística. In: LAVANDERA, Beatriz R. **Variación y significado**. Buenos Aires: Librería Hachette, 1984.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **Delta**, São Paulo, v. 14, n. 2, 1998. Disponível em: <https://bit.ly/31nlk5w>. Acesso em: 4 set. 2018.

_____. **A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português**. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003a. Disponível em: <https://bit.ly/2OUzj2i>. Acesso em: 15 jul. 2018.

_____. A indeterminação no Português arcaico e a pronominalização de nominais: mudança encaixada? V ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS

DA ABREM, 2003b. **Anais [...]**. Salvador: ABREM, 2003b. Disponível em: www.lettras.ufrj.br/posverna/docentes/70994-2.pdf. Acesso em: 30 ago. 2018.

_____. A Gramaticalização de a gente em Português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum linguístico**, Florianópolis. v. 4. n. 1. p. 47-80, jul. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/7728>. Acesso em: 08 ago. 2018.

_____. Pronomes pessoais. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues. (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007, p. 103-114.

MAPA do território de Goiás. Área Territorial: Área territorial brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/35Gh3xl>. Acesso em: 20 fev. 2019.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MARTELOTTA, Eduardo Mário. (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.

MATTOS, Shirley Eliany Rocha. **Goiás na primeira pessoa do plural**. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/13064>. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. A primeira pessoa do plural na fala de Goiás. **Revista (con)textos linguísticos**, Vitória, v. 11. n. 19, p. 145-166, 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/issue/view/768>. Acesso em: 14 jul. 2018.

MICHAELIS DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2ZxlyZ8>. Acesso em: 29 dez. 2019.

MOLLICA, Maria Cecília. A fundamentação teórica: conceituação e delimitação: In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. et al. Comunidades rurbanas e conflitos linguísticos. **Gragoatá**, Niterói, n. 25, p. 63-73, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/31HZMBO>. Acesso em: 15 ago. 2019.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2007.

MOTA, Jacyra. Aspectos fônicos do Nordeste a partir de dados do ALiB. In: **A Fala Nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 58-73.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NOGUEIRA, Ismael David; SILVA, Armando Honorio. **Termos e expressões do coloquial do cotidiano da zona rural no Brasil central no século XX**. Goiânia: Gráfica UFG, 2017.

OLIVEIRA, Karine Camila. **Parâmetros urbanísticos e a preservação do conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade de Goiás**. 2014. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2KnCYBK>. Acesso em: 10 mai. 2019.

OMENA, Neliza Pires de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, G. M. de O. e SCHERRE, M. M. P. (org.) **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996. p. 185 – 215.

PERINI, Mário A. O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional. **Delta**, São Paulo, v. 1. n. 1/2, 1985. p. 1-16. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/31141>. Acesso em: 03 jan. 2019.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Divisão dialetal. Disponível em: <https://bit.ly/2L2AJ6l>.

RUBIO, Cássio Florêncio. “Nós” versus “a gente” no português falado no noroeste paulista. **Estudos linguísticos**, São Paulo, n. 40, p. 1029-1044, mai./ago., 2011. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1359>. Acesso em: 30 ago. 2018.

SANTOS, Viviane Maia dos. A complexa relação entre gênero/sexo e a variação no uso de pronomes em função de sujeito. XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, v. XV, n. 5, 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/04.pdf. Acesso em: 10 abr. 2019.

SANTOS, Claudinei Marques dos Santos; ALMEIDA, Miguél Eugênio; RODRIGUES, Marlon Leal. Monotongaço e ditongaço no Português: um estudo diacrônico. VII SINEFIL **Anais [...]**. Campo Grande: SINEFIL, 2014. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vii_sinefil/. Acesso em: 11 set. 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista ABRALIN**, Curitiba, v. 10, n. 3, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2Tzfoaf>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. **Tabuleiro de letras**, Salvador, n. 4, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2KEKU0q>. Acesso em: 12 mar. 2019.

_____.; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2007. p. 147-177.

_____. Sociolinguistic correlates of negative evaluation: Variable concord in Rio de Janeiro. In: **Language variation and change**. Cambridge: Cambridge University Press 2014 , p. 331-357.

SEARA, Izabel Christine. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. **Organon**, Porto Alegre, n. 28-29, v. 14, 2000. Disponível em: <https://bit.ly/35CFED7>. Acesso em: 20 mar. 2019.

SEVERO, Cristine Gorski. O papel do gênero/sexo nos estudos sociolinguísticos de variação/mudança. **Revista de letras**, Curitiba, n. 8, p. 01-08, 2006. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2229>. Acesso em: 01 abr. 2019.

_____. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. **Revista Voz das Letras**, Concórdia, Santa Catarina, Universidade do Contestado, n. 9, 2008.

SILVA, Leosmar Aparecido da. **Os usos “até” na língua falada na cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização**. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2OKLBKV>. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. As bases corporais da gramática: um estudo sobre conceptualização e metaforização no português brasileiro. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: https://gef.letras.ufg.br/up/820/o/Leosmar_silva.pdf. Acesso em: 13 ago. 2019.

SILVA, Karine Melo e. **Da fala para a escrita**: uma abordagem da monotongação e da ditongação na escrita. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2015. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6435/1/KARINE_MELO_SILVA.pdf. Acesso em: 8 out. 2019.

SOUZA, Adriana dos Santos; BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. A variação no uso dos pronomes-sujeito nós e a gente. SILEL. **Anais** [...]. Uberlândia: EDUFU, v. 1, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2M6N8Zg>. Acesso em: 14 jul. 2018.

TAGLIAMONTE, S. A. **Analysing sociolinguistic variation**: key topics in Sociolinguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TAMANINE, Andréa Maristela Bauer. **Curitiba da gente**: um estudo sobre a variação pronominal NÓS/A GENTE e a gramaticalização de A GENTE na cidade de Curitiba-PR. Tese (Doutorado – em Letras na área de Concentração: Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba: UFPR, 2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas. A variação entre nós e a gente: uma comparação entre o português europeu e o português brasileiro. **Revista do GELNE**, Natal, v. 14, n. 1/2, p. 95-116, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2YtIah8>. Acesso em: 14 jul. 2018.

VIANNA, Juliana Segadas; LOPES, Célia Regina dos Santos. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: ABRAÇADO, Jussara; MARTINS, Marco Antonio. (org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-131.

VIEIRA, Marília Silva. **Aí, daí e então em Campo Grande e São Paulo**. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2YCnIPG>. Acesso em: 03 jan. 2019.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2007.

WEINER, E. Judith; LABOV, William. Constraints on the agentless passive. **Journal of linguistics**, Cambridge, n. 19, p. 29-58, 1983. Disponível em: <https://bit.ly/2KzkYmM>. Acesso em: 10 mai. 2019.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

ZILLES, Ana Maria. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2M6N2Ro>. Acesso em: 15 jul. 2018.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Você tem quantos anos?
2. Você mora em Goiás desde quando?
3. Em que outro lugar que você morou?
4. Você nasceu de dia ou de noite?
5. Na fazenda ou na cidade?
6. Como que foi o dia do seu nascimento? As pessoas te contaram? Como foi o parto naquela época?
7. Quem colocou esse nome em você?
8. Tem algum motivo especial por que você tem esse nome?
9. E quando você era pequeno/a que brincadeira vocês faziam, com quem você brincava?
10. E nessas brincadeiras teve algum fato especial?
11. Então você brincou muito na infância?
12. Vocês ajudavam os pais também?
13. E uma arte que você fez quando era pequeno/a?
14. Você tem irmãos? Quantos são?
15. E os pais batiam muito?
16. Todo mundo (os irmãos) apanhava?
17. E nessas brincadeiras suas, você já se machucou alguma vez? Já quebrou braços, pernas?
18. Tem mais história da infância que você queira contar?
19. E como eram as brigas da infância? Brigava mais com quem?
20. E você estudou? Onde e como foi?
21. Seus professores, você se lembra?
22. E teve um colega com quem você fez mais amizade na escola ou não?
23. Você trabalha?
24. E você tem parentes aqui em Goiás ou na fazenda?
25. Sua juventude, como é que foi?
26. E os seus amigos?
27. E você namorou muito?

28. Casou? Como foi?
29. Você acha que os relacionamentos de hoje são muito diferentes?
30. Você teve um momento, porque todos nós temos um momento assim, que a gente fica meio com medo e acha que sente um frio, algum perigo, né? Você já passou por alguma situação de medo, perigo?
31. Você tem medo de alguma coisa ou não?
32. Você participou de muitas festas ou participa?
33. Que tipo de festa você frequentou/frequenta?
34. Você sabe dançar? Gosta de dançar?
35. O que você gosta mais de fazer que te deixa feliz...
36. E você já pensou no futuro?
37. E o convívio assim com seus irmãos?
38. Tem um/a com quem você dá mais certo?
39. Eles estudaram também?
40. E quanto à religião?
41. Sobre a cidade de Goiás, você gosta daqui? Você acha que a cidade mudou muito?
42. Você viu todo esse crescimento aí da cidade?
43. Você tem muito contato com político ou não?
44. E viagem, você fez muitas viagens?
45. Você acha que Goiás tá meio descuidada?
46. Goiânia, você já foi ou vai bastante? Sabe andar por lá?

ÍNDICE REMISSIVO

- a gente* 7, 8, 9, 17, 18, 19, 20, 21, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 79, 80, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 105, 106, 107, 117, 120, 121, 122, 124, 126
- ALINGO..... 13, 25
- Bechara..... 20, 32, 35, 37, 92
- Castilho 20, 25, 33, 34, 36, 50, 67, 84, 87, 98
- Cidade de Goiás 5, 8, 17, 18, 19, 20, 21, 27, 35, 45, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 62, 63, 79, 80
- comunidade de fala 8, 17, 18, 20, 45, 54, 55, 56, 57, 62, 65, 75, 79, 82, 83, 120, 123
- Corpora* 21, 83, 93, 95, 96, 98, 100, 102, 107, 108, 110
- Corpus 8, 9, 19, 20, 21, 34, 55, 63, 64, 65, 68, 74, 79, 82, 84, 95, 105, 106, 107
- dados 8, 19, 20, 21, 43, 45, 54, 55, 56, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 79, 80, 81, 82, 85, 87, 91, 92, 93, 95, 96, 99, 100, 107, 119
- entrevistas 5, 8, 19, 20, 24, 29, 37, 54, 55, 56, 63, 64, 65, 66, 67, 79, 85, 87, 97, 98
- Estudo de tendência..... 74
- estudos variacionistas 18, 20, 78, 82
- Fala goiana*..... 19, 56
- falares brasileiros 21
- forma pronominal 8, 18, 20, 36, 48, 54, 86
- GEF 8, 9, 13, 19, 20, 54, 55, 56, 63, 64, 67, 68, 75, 79, 82
- gente* 7, 8, 9, 18, 19, 20, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 47, 48, 49, 74, 80, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 105, 106, 110, 112, 120
- GoldVarb X 8, 9, 21, 55, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 95
- gramaticalização 8, 19, 20, 38, 40, 47, 48, 50, 118, 119, 123
- intercambialidade 35, 36, 37, 45, 51, 112
- Labov 9, 19, 20, 37, 40, 43, 50, 66, 75, 76, 77, 78, 84, 96
- Lavandera 19, 20, 50, 51, 120
- língua 18, 21, 25, 26, 31, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 56, 62, 63, 71, 76, 77, 78, 79, 83, 84, 98, 111, 118, 120, 123
- linguagem 21, 30, 32, 39, 41, 42, 44, 56, 118, 119, 121
- Linguística 13, 41, 43, 45, 118, 121, 122

- Lopes 18, 29, 35, 36, 37, 46, 47, 48, 50, 89, 96, 98, 99
- Martha's Vineyard40, 75, 79
- nós 8, 9, 17, 18, 20, 21, 24, 25, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 44, 45, 46, 49, 51, 54, 68, 79, 80, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 96, 98, 99, 100, 105, 106, 107, 124, 126
- Nova York.....40, 75
- Português Brasileiro 8, 13, 18, 20, 27, 29, 30, 33, 35, 45, 56, 112, 119
- primeira pessoa do plural 8, 17, 18, 20, 29, 37, 38, 54, 80, 84, 85, 86, 87, 119, 121
- pronomes de primeira pessoa do plural 18, 79, 112
- pronomes pessoais 30, 31, 32, 33, 47, 98
- quadro pronominal 20, 32, 34, 36, 38, 120
- Saussure41, 42
- Sociolinguística 6, 8, 17, 20, 40, 42, 43, 44, 45, 54, 77, 118, 119, 120
- sujeito 8, 17, 19, 20, 27, 29, 35, 42, 68, 73, 74, 80, 84, 86, 87, 89, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 105, 106, 117, 122, 124
- Teoria Variacionista.....19
- trend study*.... 8, 9, 74, 75, 83, 104, 109
- valor de verdade. 19, 20, 37, 38, 50, 51
- variação 8, 17, 18, 21, 27, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 50, 51, 54, 55, 66, 69, 82, 84, 102, 119, 120, 121, 122, 123, 124
- variantes 37, 38, 45, 51, 72, 73, 78, 79, 80, 87, 90, 99, 105
- variáveis 20, 43, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 84, 93, 102, 104, 109
- variedade.....21, 24, 33, 56, 62
- vilaboense9, 17, 54, 57, 63
- Weiner e Labov 19, 20, 50, 51
- Weinreich, Labov e Herzog19
- William Labov 19, 40, 42, 43, 51